

Universidade do Algarve

**Imigração e Associativismo: O Caso da Associação de
Ucranianos do Algarve**

Maria de Fátima Reis Rebola Lichtenberg

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Educação Social

Trabalho efetuado sob a orientação de:
Prof. Doutor José González Monteagudo
Prof. Doutor António Fragoso de Almeida

Faro, 2014

Universidade do Algarve

**Imigração e Associativismo: O Caso da Associação de
Ucrânianos do Algarve**

Maria de Fátima Reis Rebola Lichtenberg

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Educação Social

Trabalho efetuado sob a orientação de:
Prof. Doutor José González Monteagudo
Prof. Doutor António Fragoso de Almeida

Faro, 2014

IMIGRAÇÃO E ASSOCIATIVISMO: O CASO DA ASSOCIAÇÃO DE UCRANIANOS DO ALGARVE

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DE TRABALHO

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

(Maria de Fátima Reis Rebola Lichtenberg)

Copyright by

Maria de Fátima Reis Rebola Lichtenberg

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho de exemplares impressos reproduzidos em papel ou em forma digital, ou por outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

Esta dissertação de mestrado é fruto de um caminho partilhado com várias pessoas, a quem quero expressar o meu agradecimento por ter chegado ao fim tendo aprendido tanto.

Aos orientadores científicos, Professor Doutor José González Monteagudo e Professor Doutor António Fragoso de Almeida pelos contributos científicos, pelas palavras de incentivo e amizade sem as quais não teria sido possível chegar ao fim deste trabalho de investigação.

À Maria, Natália e Igor que participaram nesta investigação, pela sua amabilidade em terem acedido a relatar as suas histórias migratórias e pela confiança que depositaram ao partilharem momentos da sua vida tão singulares.

Uma palavra especial à Elsa pela sua amizade incondicional e pelo ombro amigo nos momentos difíceis, sem o qual tudo seria mais difícil.

Aos meus pais pelo apoio sem reservas em todos os momentos da minha vida e por me terem ensinado a combinar a humildade com altruísmo, a perseverança com a flexibilidade e o respeito pela diferença, neste contínuo processo que é viver.

Às minhas três filhas, também elas seguindo o seu percurso migratório e que são a fonte da minha inspiração.

Resumo

A presente dissertação inscreve-se no domínio temático do associativismo imigrante e tem como objetivo principal analisar a participação associativa de imigrantes ucranianos residentes no concelho de Faro e associados da Associação de Ucrânianos do Algarve. A problemática sobre a qual se delineou a pesquisa assenta na compreensão do papel e do valor da participação associativa na vida dos imigrantes, mediante a análise dos fatores que condicionaram o envolvimento na associação e das interações entre a ação individual e o contexto social e político envolvente.

O objetivo principal orientou-se em dois eixos, relacionados entre si: um primeiro que, procura compreender o papel que a participação associativa desempenha na vida dos sujeitos participantes na investigação, especificamente no que respeita à sua integração na sociedade portuguesa; um segundo que procura identificar as motivações e os fatores estruturais e individuais que levaram ao envolvimento associativo.

A estratégia metodológica adotada nesta investigação caracterizou-se pela abordagem qualitativa e a primazia do paradigma interpretativo. Os dados foram recolhidos através observação direta de dois eventos, e de três entrevistas semiestruturadas com base em relatos de vida e focadas na participação associativa dos entrevistados.

Os resultados obtidos dessa análise confirmam que o associativismo promove a visibilidade do grupo e a socialização dos imigrantes com a comunidade portuguesa, é uma importante fonte de capital social e humano e nessa medida contribui para a integração social e sistémica. Os fatores estruturais e individuais influenciam reciprocamente o processo que leva à participação associativa.

Palavras-Chave: Associativismo imigrante, participação associativa, redes sociais, aprendizagem, integração.

Abstract

This dissertation falls within the thematic field of immigrant associativism and aims to analyze the associative participation of Ukrainian immigrants residing in the municipality of Faro and members of the Association of Ukrainians of the Algarve. The issue, upon which the research was outlined, is based on understanding the role and value of associative participation in the life of immigrants, through the analyses of factors that conditioned the involvement in the association and of the interactions between individual action and the surrounding social and political context.

The main objective was oriented along two axes, related to each other: a first that seeks to understand the role that associative participation plays in the lives of the subjects participating in the research, specifically with regard to their integration into Portuguese society; a second that seeks to identify the motivations and the structural and individual factors that led to the associative involvement.

The methodological strategy adopted in this investigation was characterized by the qualitative approach and the primacy of the interpretative paradigm. Data were collected through direct observation of two events, and three semi-structured interviews based on life stories of the interviewees and focused on their associative participation.

The results of this analysis confirm that associativism promotes the visibility of the group and the socialization of immigrants to the Portuguese community, is an important source of social and human capital and to that extent contributes to social and systemic integration. The structural and individual factors reciprocally influence the process that leads to associative participation.

Key Words: Immigrant Associativism, associative participation, social networks, learning, integration.

Índice

Agradecimentos.....	3
Resumo.....	4
Abstrat.....	5
Índice geral.....	6
Índice de anexos.....	8
Siglas.....	9
1. Introdução.....	10
1.1- Problemática e natureza do estudo.....	11
1.2- Objetivos.....	13
1.3- Estrutura.....	14
2. Metodologia.....	15
2.1- Investigação qualitativa.....	16
2.2 – Método biográfico.....	17
2.3 – Participantes na investigação.....	19
2.3.1 – <i>Questões de ética</i>	19
2.4 - Procedimentos de recolha de dados.....	21
2.4.1 – <i>Entrevistas-Histórias de Vida</i>	22
2-4-2 – <i>Observação</i>	24
2.5- Análise de dados.....	25
3. Enquadramento Teórico.....	27
3.1- Globalização e Migração: conceitos e teorias.....	28
3.1.1 – <i>Teorias económicas das Migrações</i>	29
3.1.2 – <i>Modelos políticos de migração e de integração</i>	30
3.2– Associativismo imigrante.....	32
3.2.1- Percurso migratório.....	33
3.2.2- Associações imigrantes.....	34
3.3 Fluxos migratórios em Portugal.....	37
3.4 Associativismo imigrante em Portugal.....	39

4. Apresentação e Análise dos Dados

4.1- Breve perfil dos entrevistados.....	42
4.2 – Situação Anterior ao Projeto Migratório.....	42
4.3 – Percurso Migratório.....	44
4.3.1- <i>Motivos que levaram à emigração</i>	44
4.3.2- <i>A decisão de partir</i>	46
4.3.3- <i>Estratégia Migratória</i>	46
4.3.4 – <i>Portugal como Opção</i>	47
4.3.5 – <i>O Que sabiam de Portugal</i>	49
4.3.6 – <i>Redes de Apoio</i>	50
4.3.7 – <i>A viagem</i>	51
5.4 – Chegada a Portugal.....	54
4.4.1- <i>Condições de alojamento</i>	54
4.4.2- <i>Condições de trabalho</i>	56
4.4.3- <i>Dificuldades sentidas na chegada</i>	57
4.4.4- <i>Legalização</i>	59
4.5 – A religião e o papel da igreja nas redes de sociabilidades.....	61
4.6 – O nascer da Associação.....	64
4.6.1 – <i>Experiências associativas anteriores</i>	66
4.6.2- <i>Motivações para a participação associativa</i>	67
4.6.3 – <i>Recursos</i>	69
4.6.4 – <i>Experiências relevantes na associação</i>	70
4.6.5 – <i>Aprendizagens no meio associativo</i>	73
4.6.6 – <i>Pessoas importantes no processo de aprendizagem</i>	75
4.6.7 - <i>O que mudou nas suas vidas com a associação</i>	76
4.7 – Relações de género.....	79
4.8– Integração na comunidade portuguesa.....	80
4.9 – Identidade e Alteridade.....	84
4.10- Regresso à Ucrânia projeto adiado.....	88
Conclusão.....	92
Bibliografia.....	100
Anexos.....	108

Índice de anexos

Anexo 1 – Instrumentos metodológicos

Anexo 2 – Entrevistas – Relatos de vida

Siglas

AML – Área metropolitana de Lisboa

AP – Autorizações de permanência

AR – Autorizações de Residência

CLAI – Centro local de apoio ao imigrante

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Introdução

1.1– Problemática e natureza do estudo

Portugal, a par dos restantes países do Sul da Europa, tornou-se um país de imigração recente. De acordo com os dados estatísticos do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), no início dos anos 80, a população residente não nacional, com a situação regularizada era de 50.750 indivíduos. No final do ano de 2011, os cidadãos estrangeiros a residir legalmente no país totalizavam 436.822 (SEF, 2011).

A presença de imigrantes em Portugal era, até 2000, relativamente fraca e constituída essencialmente por imigrantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e do Brasil. Estes fluxos imigratórios estavam diretamente relacionados com o nosso passado colonial e com as nossas relações históricas, culturais e económicas. A situação socioeconómica em que ficaram as ex-colónias depois da sua independência e a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE) foram as principais causas destes movimentos (Marques et al., 2010).

No início do século XXI, Portugal passou a ser um país de destino dos imigrantes provenientes dos países da Europa de Leste, com especial destaque para a Ucrânia, país que rapidamente se tornou numa das comunidades estrangeiras mais representativas. Esta realidade tornou-se mais visível com o processo de legalização extraordinária de 2001 (DL nº 4/2001), o qual permitiu a legalização de milhares de imigrantes. De um total de 169.953 autorizações de permanência emitidas, 52% foram de emigrantes da Europa de Leste: 60.310 ucranianos; 11.746 moldavos; 10.089 romenos e 6.431 russos viram a sua situação regularizada no país (Pereira, 2007).

Considerando os padrões de imigração dos anos 80 e 90, a imigração dos europeus de leste para Portugal foi um fenómeno súbito e inesperado pois Portugal não tinha nenhuma política de recrutamento de mão-de-obra nem laços históricos, culturais ou económicos com os países de leste europeu. As causas deste fenómeno foram a difícil situação política, social e económica que se vivia naquela região com a desagregação do império soviético e a grande necessidade de mão-de-obra causada pelo enorme dinamismo da construção civil e das obras públicas verificada nos finais dos anos 90 em Portugal (Marques et al, 2010).

Com o estabelecimento destas comunidades imigratórias, começaram a surgir espaços de convívio organizado que foram evoluindo para estruturas permanentes, registadas publicamente, dotadas de estatutos, de direção, de programas de atuação e de associados. Funcionando tradicionalmente como espaços privilegiados de pertença, de

reforço de laços culturais comuns, de afirmação identitária, de solidariedade e de práticas de entreatajuda, as associações de imigrantes têm-se transformado num espaço de mobilização social e política com o objetivo de defender os interesses dos seus membros na sociedade de origem e de acolhimento (Horta, 2010).

Em Portugal, de uma associação entre 1970 e 1980 (Casa de Cabo Verde) passou-se para dez em 1990 e para setenta e oito em 1996, a que se seguiram mais dez associações de estudantes africanos, com exceção da Casa do Brasil eram todas de imigrantes africanos.

A visibilidade e importância das associações imigrantes surgiu no contexto do fluxo migratório de africanos, por ocasião do Acordo de Schengen em 1991 e do Tratado de Maastricht em 1992, assente no controlo dos fluxos ilegais, de forma a permitir uma melhor integração para as comunidades já existentes (Grassi & Melo, 2007).

Segundo Horta (2010) é possível fazer um paralelismo entre o crescimento dos fluxos e o desenvolvimento do movimento associativo imigrante, no entanto este, não constitui um domínio temático na produção científica nacional, analisada pela autora entre 2000 e 2008. A autora destaca os trabalhos produzidos por Machado (1992, 2000), Rocha-Trindade (1995), Albuquerque Ferreira e Viegas (2000), Grassi e Melo (2007). No entanto estes estudos incidem sobre as associações de imigrantes dos PALOP.

Sobre o associativismo dos imigrantes de Leste pouca produção científica tem sido feita, desta destacam-se: o estudo de Dionísio (2009) que explora o impacto das políticas locais na ação coletiva dos imigrantes da Europa de Leste a residir no concelho de Lisboa; o estudo de Pereira (2007) que incide sobre a relação entre capital social, as dinâmicas organizativas e a participação política das associações de angolanos, guineenses e europeus de leste na Área Metropolitana de Lisboa (AML) e o estudo de Pires (2004) sobre o terceiro setor Imigrante e as associações de imigrantes do leste europeu em Portugal. Todas as associações estudadas pertenciam à área da grande Lisboa não se encontrando nenhum estudo sobre associações de outra região do país.

Perante esta realidade, a problemática sobre a qual se delineou a investigação centra-se na compreensão do processo de participação associativa de imigrantes ucranianos, mediante a análise dos fatores que condicionaram o envolvimento na associação e das interações entre a ação individual e o contexto social e político envolvente.

A opção por este tema prende-se primeiramente por razões pessoais, porque pertencendo a uma família com uma longa história de emigração que se iniciou em 1914 e vem até à atualidade a problemática da migração esteve sempre presente ao longo da minha vida e por entender que o associativismo imigrante desempenha um papel importante na integração social e sistémica dos imigrantes na sociedade de acolhimento e ao mesmo tempo contribui para que a sociedade, no seu todo, seja mais inclusiva e igualitária.

De acordo com esta perspetiva, organismos internacionais responsáveis na área das migrações dão grande ênfase à participação associativa dos imigrantes nos países de acolhimento referindo que é desejável o alargamento e o reforço dos direitos de participação dos imigrantes, entendidos como instrumento de luta contra a exclusão e a discriminação, como fator de promoção da coesão social e como garantia de igualdade e plena cidadania (CMMI 2005: 47; PNUD 2000: 38 cit in Albuquerque, 2008).

Por outro lado, a escolha de imigrantes ucranianos deveu-se ao fato de existir a curiosidade em saber quem são estes imigrantes que apresentavam um padrão de migração e características muito diferentes dos imigrantes que residiam em Portugal. Chegaram a Portugal de forma maciça num curto espaço de tempo, entraram irregularmente, ocuparam postos de trabalho indiferenciados e mal remunerados apesar de a maioria ter habilitações médias e superiores e não tinham qualquer ligação a Portugal.

1.2 - Objetivos

Tendo em mente a problemática e os motivos que levaram à escolha do tema, definiu-se como objetivo principal desta investigação o estudo da participação associativa de imigrantes ucranianos e o impacto que esta tem nas suas vidas.

De acordo com estes objetivos, as questões de partida que orientaram a investigação aqui apresentada foram as seguintes:

- Quais foram os fatores e as motivações que facilitaram o envolvimento associativo?
- Qual é o papel e o valor da participação associativa e da associação na vida dos entrevistados?

Para responder a estas questões analisou-se o percurso migratório de cada entrevistado, numa perspetiva diacrónica desde o início desse mesmo percurso até ao momento atual, centrando a atenção no seu envolvimento associativo e nos significados atribuídos a essa experiência e aos efeitos dessa mesma experiência nas suas vidas especificamente o seu eventual contributo para a sua integração na sociedade portuguesa. Procedeu-se à articulação entre os níveis de análise macro, meso e micro de fatores estruturais (políticos e sociais), com o papel das redes sociais e com os fatores individuais, i.e. as competências e características que cada indivíduo possui e que os leva a assumirem uma participação associativa ativa.

1.3 – Estrutura

A presente dissertação de mestrado está organizada em seis partes distintas:

- na primeira parte apresenta-se, de forma introdutória, o tema da pesquisa, expõe-se a problemática da investigação, os objetivos que a orientaram e a estrutura da dissertação.

- a segunda parte relata a estratégia metodológica adotada, descrevendo as razões que justificaram a opção por uma metodologia qualitativa e as etapas seguidas na pesquisa, refletindo-se sobre questões éticas que se colocaram ao longo deste processo;

- a terceira parte apresenta os alicerces teóricos que sustentaram a investigação, tendo por base a literatura científica que se tem vindo a produzir neste âmbito ao nível nacional e internacional, e que se enquadram, na temática da participação associativa imigrante e, na relação entre associativismo, capital social e integração;

- a quarta parte integra a apresentação e análise dos dados obtidos empiricamente, descrevendo-se o percurso migratório e a trajetória associativa de cada entrevistado, articulando os resultados obtidos empiricamente com os contributos de outros estudos sobre participação associativa de imigrantes;

- a quinta parte apresenta os resultados da investigação empírica, bem como as propostas para novos estudos. Por fim, além da bibliografia, que inclui as obras citadas ao longo do trabalho, foram organizados os anexos, onde se apresentam os instrumentos metodológicos que apoiaram a pesquisa empírica e a transcrição das histórias de vida.

2. Metodologia

2.1 - Investigação Qualitativa

A investigação qualitativa é, de acordo com Merriam (1998) um “conceito amplo que cobre variadas formas de inquérito que nos ajudam a entender e explicar o significado dos fenómenos sociais, com a menor intrusão possível no contexto” (p.5).

Tendo em atenção as questões que orientaram a presente investigação, analisar o papel da participação associativa na vida dos entrevistados e compreender o processo que conduziu a essa experiência, optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, na medida em que se pretende compreender um fenómeno social a partir da perspectiva dos sujeitos entrevistados através da recolha sistemática de dados conseguida pelo aprofundamento dos contextos em que os indivíduos se inserem (Bogdan & Biklen, 1994). Entendeu-se que a opção por este tipo de abordagem seria coerente com as questões formuladas e adequada à concretização dos seus objetivos uma vez que a intenção era a de obter um conhecimento da participação associativa que fosse “intersubjetivo, descritivo e compreensivo” (Merriam, 1998; Stake, 1995; Albuquerque, 2008)

A investigação teve como orientação teórica o modelo do interacionismo simbólico cujos fundamentos Blumer baseia em três premissas:

A primeira premissa é a de que os seres humanos agem em relação às coisas, com base nos significados que estas têm para eles (...). A segunda premissa é a de que o significado de tais coisas deriva ou emerge da interação social entre o indivíduo e os seus pares. A terceira premissa é a de que estes significados são manipulados e transformados por intermédio de um processo interpretativo utilizado pelo indivíduo para lidar com as coisas com que se depara. (*cit. in* Albuquerque 2008: 38)

De acordo com esta orientação teórica, a investigação desenvolveu-se dando primazia ao paradigma interpretativo, que segundo alguns autores é indissociável do interacionismo simbólico (Bogdan & Biklen, 1994), pois o que se pretende é interpretar a realidade social através dos atores tendo em atenção os significados que estes produzem através das interações sociais que estabelecem entre si.

O postulado da interpretação desempenha o papel de um duplo princípio de causalidade: ao nível geral, os seres humanos constroem um *conhecimento* da natureza e dos outros seres humanos graças a este processo de interpretação e, a um nível especificamente

social, essas interpretações de nível geral conduzem os seres humanos a empreender determinadas *ações*. (Lessard-Hébert *et al.* 1994: 40)

A estratégia metodológica desenvolvida baseou-se nos princípios atribuídos por vários autores à investigação qualitativa.

A análise dos dados foi indutiva porque não se pretendeu confirmar hipóteses construídas previamente, mas procurou-se compreender um fenómeno social que é a participação associativa sob o ponto de vista individual, sendo as abstrações construídas à medida que os dados recolhidos foram sendo agrupados e analisados (Miller & Brewer, 2003; Bogdan e Biklen, 1994).

Foi adotada uma perspetiva holística do fenómeno estudado em que os sujeitos e as situações são vistos no seu todo e não redutíveis a variáveis mensuráveis, estando por isso subjacente a triangulação dos dados recolhidos de outros contextos ou fontes, porque os significados que os participantes atribuem às suas experiências, sendo uma dimensão relevante, não são por si só determinantes na compreensão do fenómeno holístico (Merriam, 1998).

É uma investigação empírica que envolveu trabalho de campo e interação com os participantes da investigação sendo a investigadora o principal instrumento de recolha e análise dos dados, através das entrevistas e da observação das atividades realizadas. Sendo sobre a investigadora que recai a responsabilidade de relacionar as ações e o discurso dos indivíduos com o contexto em que se desenrola a ação e enquadrá-los teoricamente, de modo a problematizar as particularidades de casos individuais e a enquadrá-las em análises gerais com interesse heurístico (Lessard-Hébert *et al.* 1994 cit in. Albuquerque,2008)

O resultado final é descritivo resultante da triangulação dos dados obtidos através dos registos das entrevistas e das anotações pessoais de comportamentos observados (Merriam, 1998; Stake, 1995).

2.2 - Método Biográfico – Histórias de Vida

Considerou-se que a opção pelo método biográfico seria a mais adequada para a compreensão das motivações e dos fatores que conduziram à participação associativa e ao valor que essa mesma participação tem na vida dos sujeitos da investigação. Para

isso foi necessário centrar a análise nos seus percursos, numa perspetiva diacrónica desde o o início do processo migratório até ao momento atual constituindo por isso um método privilegiado para aceder às experiências dos sujeitos e á forma como as interpretam, explicam e enquadram na vivência do quotidiano. Neste sentido o método biográfico,

consiste na recordação de episódios, na sua interpretação e na articulação temporal do passado, presente e futuro, inserindo-os numa história com um sentido. (Demazier e Dubar cit. in Silva, 2007:7),

Este método, permite por isso *observar* a ação e situá-la no contexto social onde se manifesta (Bertaux 2005), ou seja, permite fazer a ponte entre as dinâmicas da ação individual e as dinâmicas estruturais que as condicionam, “sair da oposição entre indivíduo e sociedade” (Digneffe 1997: 206), o que na visão de Ferrarroti propõe um paradoxo epistemológico pois,

Uma antropologia que considera cada homem como a síntese individualizada e ativa de uma sociedade elimina a distinção entre o geral e o particular de um indivíduo. Se nós somos, se cada indivíduo representa a reapropriação singular do universo social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social partindo da especificidade irredutível de uma práxis individual (cit in. Digneffe 1997: 207).

É este balanço entre o pessoal e o público, o individual e o social que define o indivíduo e são estes os binómios que acompanham o método biográfico. Um método que historicamente emergiu da mudança no relacionamento do investigador com os sujeitos da investigação e da transição de uma abordagem numérica e estatística para a análise de conteúdo e conseqüente valorização da palavra, (Digneffe, 1997) que permite,

aceder a uma realidade que ultrapassa o narrador e o modela. Trata-se de captar as vivências sociais, o sujeito nas suas práticas, na maneira como negocia as condições sociais que lhe são particulares. (Balandier cit in Digneffe 1997: 206)

De acordo com este método e para melhor acedermos às palavras e aos significados que os sujeitos desta investigação, atribuem à sua participação associativa, utilizaram-se entrevistas de caráter exploratório de histórias de vida, na medida em que se baseiam no reconhecimento do valor sociológico do saber individual (Digneffe

1997:210) e aqui utilizadas no conceito de Bertaux (2005: 11) que prefere a expressão “relato de vida” ao de “história de vida”, pois permite fazer a distinção entre a história real vivida pelo sujeito e o relato que ele elabora da mesma.

2.3 - Participantes na Investigação

Neste tipo de abordagem metodológica, não se privilegia uma amostragem aleatória e numerosa mas sim criteriosa e intencional, baseando-se em critérios pragmáticos e teóricos, em detrimento de critérios probabilístico, sendo por isso a escolha dos participantes fundamental pois constitui a base de toda a investigação.

A seleção dos sujeitos participantes da investigação orientou-se pelo fato de no método biográfico se valorizarem,

...pessoas intencionalmente escolhidas pela relevância, pertinência e representatividade do seu percurso vivencial relativamente a determinado objeto de estudo (Rocha-Trindade, 1995:121)

Neste sentido a escolha dos participantes realizou-se em função da problemática da investigação (Digneffe, 1997):214) – a participação associativa de imigrantes -, o que pressupôs o envolvimento de indivíduos que tivessem um percurso suficientemente longo na associação que lhes permitisse acumular experiências sobre o qual pudessem refletir e avaliar o seu impacto na vida pessoal.

De acordo com estes princípios a escolha dos entrevistados foi feita tendo em atenção determinadas características definidas á priori:

-imigrantes ucranianos que tivessem chegado a Portugal antes de 2002, que residissem no concelho de Faro e estivessem ligados à Associação de Ucrânianos do Algarve.

-indivíduos do sexo feminino e masculino, de modo a identificar especificidades relacionadas com as relações de género, quer ao nível das motivações para o envolvimento quer dos significados e efeitos da participação.

-pessoas que tivessem um papel relevante dentro da associação, assumindo que essas pessoas teriam uma experiência mais prolongada dentro da associação e que pudessem assegurar a reflexão sobre o percurso vivido.

Inicialmente pretendia-se escolher duas pessoas (um homem e uma mulher) com trajetórias idênticas dentro da associação de modo a poder comparar os significados que cada um atribuía às mesmas experiências, permitindo que a análise usufrísse “do capital de experiência biográfica”, que de acordo com Bertaux (2005), resulta de diferentes modos de interpretação de experiências semelhantes por parte de indivíduos que possam ter as mesmas funções e posições sociais (cit. In Albuquerque, 2008: 49). No entanto decidiu-se incluir um terceiro participante com uma trajetória diferente dentro da associação por se entender que seria um contributo enriquecedor na medida em que sendo um caso diferenciado poderia trazer dados pertinentes que enriquecessem a investigação.

O primeiro contato, com um informante privilegiado deu-se através de uma colega do curso de mestrado que proporcionou um primeiro encontro onde foi possível explicar os objetivos da investigação pedindo-se a colaboração para contactar e ajudar na seleção de indivíduos que, mediante a lista de características acima mencionadas, possuíssem o perfil adequado à investigação. Esta colaboração revelou-se fundamental na pronta adesão dos sujeitos contactados pois foi possível fazer o primeiro contato e as primeiras explicações em língua ucraniana, o que pensamos ter contribuído para ganhar a confiança necessária a uma investigação de natureza biográfica.

2.3.1 - Questões de ética

A pesquisa qualitativa utilizando o método biográfico tem como característica a investigação da experiência vivida e percebida por pessoas, é por isso uma investigação, próxima dos participantes e centrada nas suas crenças, nos seus pensamentos e nos seus sentimentos. Esta proximidade e a veracidade dos resultados que apresenta e divulga, põe questões éticas que um investigador deve sempre ter em conta na realização da sua pesquisa.

Bogdan e Biklen (1994) referem que “*em investigação, a ética consiste nas normas relativas aos procedimentos considerados corretos e incorretos por determinado grupo*” (p.75), sintetizando os princípios éticos em quatro aspetos básicos: a proteção da identidade dos participantes (não revelar informações); respeito com os sujeitos (consentimento dos registos escritos e audiovisuais); negociação realista da pesquisa (cumprimento do prometido) e a autenticidade ao apresentar os resultados.

Confrontados com a difícil tarefa de manter a confidencialidade e o anonimato dos participantes tendo em conta que o nome da associação é referido ao longo do

estudo e que os elementos entrevistados são pessoas interventivas na associação e no espaço público, e que por isso a informação dada sobre si e o contexto associativo podem facilmente levar à sua identificação, adotou-se a posição ética do compromisso entre os direitos de quem é entrevistado e a veracidade da informação recolhida e da análise dos dados apresentados.

Os participantes foram informados, por escrito, sobre o objetivo da investigação e dos seus direitos enquanto participantes voluntários, nomeadamente: o direito à confidencialidade; a não serem obrigados a responder quando assim o entenderem; a serem tratados com dignidade; a serem informados quando a sessão for gravada e finalmente o direito ao respeito, no momento da análise dos dados e da sua divulgação no trabalho final (Flik 2006: 50)

Este procedimento que Bertaux (2005) designa por “contrato de entrevista”, é a etapa em que se pretende obter o “consentimento informado” (Flik 2006: 49), o qual implica dar-lhes informação sobre os objetivos da pesquisa, a recolha e o uso dos dados, de forma a evitar mal entendidos e falsas expectativas (Albuquerque 2008).

Tendo em conta a dificuldade em assegurar a confidencialidade e o anonimato dos participantes neste tipo de pesquisa optou-se só pelo uso do nome próprio, porque não fizeram questão de o mudar e optou-se também por não apresentar a transcrição integral de todos os relatos, retirando informação pessoal ou que não fosse relevante para os resultados da investigação. Foram enviadas as transcrições das entrevistas e a análise da informação recolhida aos entrevistados para que estes pudessem validar e refletir sobre o trabalho realizado pois,

A opção de solicitar aos indivíduos a sua própria reflexão, implicando-os na confirmação ou confronto da informação recolhida empiricamente e posteriormente analisada, funcionou também como forma de assegurar globalmente a não deturpação ou enviesamento dos dados e a preocupação de fazer justiça às histórias, significados e vivências que partilharam (Albuquerque 2008: 58).

3.4 - Procedimentos de recolha de dados

A investigação qualitativa está associada a várias técnicas de recolha de dados que nos dão um acesso privilegiado aos significados que cada sujeito atribui à sua vida social (Miller & Brewer, 2000). Por nos parecer a opção mais adequada escolheram-se duas técnicas para a recolha de dados: entrevista semiestruturada de relatos de vida e

observação, tendo em conta que a estratégia de recolha de dados é determinada pela questão de partida (Merriam, 2002) que no caso da presente investigação é saber qual o valor da participação associativa na vida dos sujeitos da investigação e que fatores e motivações contribuíram para essa participação.

2.4.1 – Entrevista – Histórias de vida

Tendo em atenção que este trabalho de investigação é um estudo exploratório, a entrevista foi o principal meio de recolha de dados porque de acordo com Albarello et al.,1997 a “utilização da entrevista pressupõe que o investigador não dispõe de dados já existentes, mas que deve obtê-los” (p:86). A entrevista é por isso um importante meio de recolha de dados quando se pretende explorar uma determinada situação para a qual não existem dados.

Entre os tipos de entrevistas utilizadas na investigação qualitativa (estruturadas, semiestruturadas, não estruturada, a entrevista em profundidade ou a grupal), pareceu mais adequada a entrevista semiestruturada pelo tipo de questões que se pretendia colocar e o tipo de dados que se pretendia obter, porque de acordo com Quivy e Campenhoudt (2003), a entrevista semiestruturada, permite aceder aos significados que as pessoas atribuem às coisas e às situações respeitando “os seus próprios quadros de referência” bem como “a sua linguagem e as suas categorias mentais” (p.195).

Apesar das entrevistas de relatos de vida implicarem muito pouca diretividade na sua condução, procedeu-se a uma articulação de estilos, estratégia usual no método de biográfico e variável consoante o avanço da investigação (Digneffe 1997: 222). Assim, de uma fase inicial não diretiva, como forma de dar espaço e oportunidade à pessoa para falar sobre a sua experiência a partir de uma questão muito geral (como se deu o envolvimento com a associação), passou-se para uma maior diretividade em momentos onde se procurava clarificar aspetos que o indivíduo referia vagamente ou sobre os quais a investigadora pretendia obter mais informação, de modo a tornar explícitas semelhanças ou especificidades nos diferentes casos.

Para realizar as entrevistas foi elaborado um guião centrado nos acontecimentos da vida dos sujeitos da investigação relacionados com a sua trajetória migratória e dirigido para a problemática da participação associativa, contemplando os seguintes elementos:

Perfil dos entrevistados;
Situação anterior ao projeto migratório;
Percurso migratório (Porque vieram, como vieram, condições de chegada:
alojamento, habitação, redes de apoio)
Percurso associativo (início e continuidade)
Experiências significativas
Aprendizagens significativas
Contatos, conhecimentos, emprego
Condições de vida, aspetos pessoais

Para a realização das entrevistas contactámos previamente cada entrevistado por telefone com o objetivo de definir o local e a data do primeiro encontro.

As primeiras entrevistas decorreram sem recurso a gravação e serviram como ponto de aproximação entre entrevistado e entrevistador. De salientar que, o fato de o primeiro contato ter sido realizado em língua ucraniana, por um informante privilegiado pertencente ao grupo de amizades e relacionamentos dos inquiridos veio estabelecer um clima de confiança e credibilidade do trabalho.

Neste primeiro momento foi entregue um documento onde se explicava a natureza da investigação, dos seus objetivos e das questões éticas que envolvem este tipo de estudo (cf. Anexo I). Depois seguiu-se uma conversa informal que permitiu tirar algumas notas que resultaram em ajustamentos no guião das entrevistas.

As entrevistas gravadas foram realizadas entre Março e Julho de 2013 e concretizaram-se, por conveniência de ambos (investigadora e investigados), em horário pós-laboral em sítios públicos (café e jardim) e numa casa de amigos. Os locais apesar de serem públicos permitiram que a entrevista se estabelecesse num ambiente calmo e sem interrupções, sendo a duração global de cada entrevista variável, oscilando entre os 60 e os 90 minutos.

Depois de transcritas, as entrevistas foram enviadas por correio eletrónico aos respetivos entrevistados para que pudessem alterar, retirar ou acrescentar mais informação que considerassem pertinente, técnica que Kvale (1996) designa por “re-interview”. Desta forma todas as entrevistas foram validadas pelos respetivos entrevistados que não propuseram nenhuma alteração.

Apesar de esta técnica suscitar algumas críticas, como realça Flores (2003), é-lhe reconhecida a sua relevância em termos de validade, na medida em que o “member

checking (“respondent validation”), a par da triangulação dos dados são “meios de testar a validade de uma determinada investigação de natureza qualitativa e pelo fato de poderem “contribuir para suscitar novas ideias e dados para o processo de análise” (Flores, 2003)

2.4.2 – Observação

A segunda técnica usada, na recolha de dados, foi a observação, que assume na investigação qualitativa um papel relevante, pois é a partir da ótica do observador que ela se desenvolve (Miller & Brewer, 2003). É também um importante instrumento para recolher dados que não se possam obter através dos outros instrumentos, como por exemplo atitudes e comportamentos (Merriam, 1998), podendo também servir para confirmar ou não várias interpretações que emergiram das entrevistas (Tuckman, 2000).

Neste sentido e tendo em atenção o enquadramento temático da investigação-associativismo imigrante- optou-se por este tipo de técnica tendo-se recorrido à observação participante (Miller & Brewer, 2003; Merriam 2002) e à observação total (Martín, 2009) tendo para isso a investigadora participado num jantar comemorativo da entrega do Alvará de construção da nova sede e assistido a uma liturgia dominical.

No primeiro evento em que se participou adotou-se uma postura de observador participante em que houve interação com o grupo e o papel da investigadora era conhecido por alguns participantes (Miller & Brewer, 2003; Ludke & André, 1986). No segundo evento assistiu-se a uma liturgia dominical no papel de observador total (Ludke & André, 1986; Martín, 2009) em que a identidade da investigadora não era conhecida e não houve interação com o grupo.

Não existia uma estrutura prévia que orientasse a observação mas sim orientações temáticas como a importância dos símbolos (bandeiras, artefactos) e dos marcadores culturais (roupa, gastronomia) nas festas de imigrantes e também observar os seus rituais religiosos, temas que sobressaíram ao longo das entrevistas.

Os dados recolhidos durante o processo de observação foram traduzidos em notas de campo que são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha” (Bogdan & Biklen, 1994, p.150), sendo por isso, simultaneamente descritivas e reflexivas e servindo para uma análise cruzada com os dados recolhidos das entrevistas.

2.5 - Análise dos Dados

Esta fase teve como objetivo interpretar todo o material recolhido e dar-lhe sentido para poder ser apresentado aos outros de forma organizada e clara. A recolha e análise dos dados foi feita em conjunto como nos diz Merriam (2002),

In qualitative research, data analysis is *simultaneous* with data collection...Simultaneous data collection and analysis allows the researcher to make adjustments along the way, even to the point of redirecting data collection, and to test emerging concepts, themes, and categories against subsequent data (p.14).

Os dados recolhidos foram tratados analiticamente, na medida em que não existia uma grelha predefinida incidindo a análise sobre os dados que iam emergindo “as classes ou categorias e as suas relações são sugeridas ou descobertas, indutivamente a partir dos dados” (Albarello et al, 1997, p. 120).

Também segundo o mesmo autor a não existência de uma grelha de partida,

(...)decorre do fato de o analista pretender evitar dar início ao seu trabalho com esquemas de raciocínio preconcebidos, não desejar impor categorias pré-fabricadas que não encaixariam no universo sócio simbólico que se esforça por descrever ou, mais exatamente, por compreender. (p.121).

A análise de conteúdo foi a técnica usada para analisar os dados provenientes das fontes já enunciadas (triangulação de dados), por parecer a forma mais adequada à natureza qualitativa da investigação. De acordo com Miles e Huberman (1984) (citados em Maroy, 1997) a análise de conteúdo engloba três momentos: a redução de dados; a apresentação/organização dos dados e a interpretação/validação dos resultados.

A redução de dados diz respeito ao processo de seleção, de simplificação, de abstração e de transformação do material recolhido. Nesse sentido, após várias leituras dos relatos dos entrevistados procedeu-se à “*identificação das passagens significativas*” (Maroy,1997;130) para realizarmos uma análise categorial definida por Bardin como o “método das categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem” (1995:37).

A apresentação/organização dos dados foi a etapa seguinte e refere-se ao momento em que a informação é organizada para que permita um trabalho de interpretação por parte do investigador. Para esta análise, as categorias não foram “imediatamente definidas de maneira unívoca” (Maroy, 1997:129) mas indutivamente a partir dos dados tendo-se procedido a uma *categorização emergente* (Bardin, (1995;119) em que “o sistema de categorias não é fornecido, antes resultando da classificação analógica e progressiva dos elementos. (...) O título concetual de cada categoria, somente é definido no final da operação”. Neste sentido o procedimento seguido permitiu-nos classificar os diferentes dados provenientes das entrevistas, tendo em atenção os objetivos da investigação, “segundo critérios suscetíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir uma certa ordem na confusão inicial” (Bardin, 1995:37).

De referir ainda que neste processo de categorização seguimos o critério semântico (Bardin, 1995) que se baseia no recurso a categorias temáticas procedendo-se inicialmente, a uma *análise vertical*, i.e. “aquela que se debruça sobre cada sujeito separadamente: passam-se em revista os diferentes temas que ele abordou” (Ghiglione & Matalon, 1997:223) e, posteriormente, procedemos a uma *comparação horizontal sistemática*, que consiste em aproximar as análises efetuadas a cada sujeito da investigação (Maroy, 1997:146). Desta forma, a definição das categorias de análise permitiu-nos fazer inferências sobre as mensagens que como salienta Bardin (1995), é a inferência que permite a passagem da descrição à interpretação, enquanto atribuição de sentido às características do material que foram levantadas.

Por último, e como forma de “evitar o enviesamento das interpretações propostas para explicar a realidade” (Maroy, 1997:153) enviamos aos entrevistados uma primeira análise de forma a testarmos algumas hipóteses que surgiram, tendo a sua reação permitido fundamentar a análise e suscitar informações mais pormenorizadas.

3. Enquadramento teórico

3.1 - Globalização e Migração: conceitos e teorias

Ao longo da história da humanidade as deslocamentos de povos de um lugar para outro têm sido um fenómeno constante e um fator de mudança social no mundo contemporâneo. Como fenómeno universal tiveram o seu início com o expansionismo europeu formando a base de muitas das sociedades multiétnicas do mundo (Giddens, 2007).

Não sendo por isso um fenómeno novo, é um fenómeno que tem vindo a aumentar rapidamente com a globalização, que pode ser caracterizada como o “alargamento, o aprofundamento e a aceleração das interconexões à escala mundial de todos os aspetos da vida social contemporânea” (Held *et al.* 1992, citado em Castles, 2005, p 21), tendo como indicador-chave o rápido aumento dos fluxos transfronteiriços de todos os tipos: financeiros, comerciais, de ideias, de poluição e de pessoas.

O conceito de Migração varia segundo o autor estudado. Jackson (1991) define migração como o movimento de uma população de um local físico para outro, dividindo as migrações em temporárias e permanentes consoante se mantém a residência no lugar de origem ou se muda para o lugar de acolhimento. Keely (2000) (citado em Figueiredo 2005) considera migração como a alteração da residência habitual, incluindo o atravessar de uma fronteira política. Castles (2005) divide as migrações em internas, quando as deslocamentos se dão de uma área para outra dentro do mesmo país e em internacionais quando os movimentos implicam o cruzamento das fronteiras. No entanto o autor acrescenta que o simples cruzar de fronteiras por si só não implica que se esteja em presença de migração pois esta implica o estabelecimento de residência por um período mínimo, que varia consoante as políticas migratórias de cada país.

Os padrões globais de migração que ligam entre si os países de origem e os países de destino são o resultado da combinação entre a *imigração*, o movimento de pessoas para um país onde se estabelecem, e a *emigração*, o processo pela qual as pessoas deixam o país para se estabelecerem noutra (Giddens, 2007).

Castles e Miller (2009, p.10) rotularam o Sec. XXI como “a era da migração” identificando quatro tendências que iriam caracterizar os padrões de migração nos anos próximos: globalização, aceleração, diversificação e feminização:

- A *globalização* das migrações é devida ao desenvolvimento dos meios tecnológicos fundamentais para a movimentação de pessoas, como os

transportes, as vias de comunicação, os meios de informação como a internet e os media em geral, envolvendo um maior número de países simultaneamente como emissores e recetores de fluxos migratórios.

- *A aceleração* da migração além-fronteiras, deve-se ao modelo económico globalizado causador da disparidade dos níveis de rendimento, emprego e bem-estar social a nível global, e aos conflitos e perseguições políticas étnicas e religiosas.
- *A diversificação* do tipo de migrantes deve-se à proveniência geográfica cada vez mais variada dos migrantes com culturas, línguas e religiões diferentes e às modificações ocorridas no mercado de trabalho e nos meios de informação a nível global. Em contraste com épocas passadas que eram essencialmente imigrantes laborais pouco qualificados ou refugiados, temos hoje migrantes altamente qualificados, estudantes, migrantes ambientais e por reagrupamento familiar.

O aumento da migração feminina, por sua vez, parece estar relacionado com o papel que as mulheres adquiriram na economia familiar e com mudanças no mercado de trabalho, como a procura crescente de empregadas domésticas, a expansão do “turismo do sexo” e com o “tráfico de mulheres” (Giddens, 2007).

3.1.1 -Teorias económicas da migração

Os fatores causadores destes movimentos migratórios são há muito motivo de estudo por parte de sociólogos, demógrafos e economistas que se propõem arranjar teorias que expliquem este fenómeno universal. A primeira teoria sobre as migrações surgiu em meados do século XIX com Ravenstein que baseava o seu modelo nos fatores de repulsão-atração, “push and pull”, em que por fatores de repulsão se entendem os fenómenos políticos, sociais e económicos desfavoráveis no país de origem que empurram as pessoas para a emigração e por fatores de atração as características dos países de destino que atraem os imigrantes, tais como o bem-estar económico e social (Jackson, 1991).

As teorias neoclássicas baseiam-se neste modelo de atração-repulsão e vêm como principal causa das migrações, ”o esforço individual para maximizar rendimentos, trocando economias de baixos salários por outras de altos salários” (Borjas, 1989 citado em Castles, 2005, p 22).

Estas teorias foram criticadas por terem uma visão demasiado simplista dos fatores causadores das migrações. Primeiro porque remetiam a origem de todo o processo migratório em “cálculos individuais” (Portes, 2006), colocando a ação de imigrar unicamente na vontade do autor (Jackson, 1991), segundo porque a migração era considerada um fluxo unidirecional, de países pobres para países ricos, movido pela fuga à pobreza ou à fome (Portes, 2006).

Outras teorias como a “teoria dos sistemas migratórios” de Kritz (1992) (citado em Castles, 2005), procura estabelecer relações entre os países recetores e emissores de migrantes, incorporando a análise de ligações culturais e redes sociais e familiares. Segundo esta teoria os movimentos migratórios resultam normalmente de ligações prévias entre os países, decorrentes de colonização, influência política, trocas comerciais ou laços culturais. Portes (2006) acrescenta que os principais fluxos migratórios contemporâneos não seguem uma lógica económica cega, são normalmente consequência de laços históricos de hegemonia e de um desequilíbrio estrutural entre sociedades periféricas, sujeitas à influência de nações mais poderosas.

Atualmente os processos migratórios possuem uma grande complexidade, levando a novas abordagens das causas dos fluxos migratórios. Os padrões migratórios atuais são abordados através da interação de processos de nível macro e processos de nível micro. Por fatores de nível macro entende-se a situação económica internacional, a situação política da região e as leis que controlam a imigração e emigração; por fatores de nível micro entendem-se o conhecimento, os recursos e a cultura das populações migrantes, como por exemplo as redes informais e os canais de apoio mútuo entre as comunidades imigrantes e os seus países de origem (Giddens, 2007; Portes, 2006).

3.1.2 - Modelos Políticos de Migração e Integração

Uma das principais características no estudo das migrações é o “mito da sociedade estática” que pressupõe que a condição natural do homem é o sedentarismo levando por vezes a interpretações erradas quanto à natureza das migrações. Estas interpretações surgem ligadas ao facto de a migração ser entendida como um agente de mudança, em que o migrante é visto como uma ameaça à estabilidade e organização social da sociedade autóctone (Jackson, 1991).

Para Castles (2005) a complexidade dos fatores subjacentes à migração global, e um contexto político dividido em Estados-Nações, “em que permanecer no país de nascimento é ainda visto como norma e mudar-se para outro como um desvio” (p 18),

faz com que os movimentos migratórios sejam vistos como um “problema” que tem de ser controlado e limitado às necessidades de mão-de-obra do país de acolhimento. Uma das formas, de exercer esse controlo é através de políticas de seleção, que dividem os migrantes internacionais em categorias diferenciadas assentes em critérios económicos, sociais e humanitários tais como as qualificações, o conhecimento da língua, a posse de capital ou as previsões acerca da capacidade de adaptação que, de forma subtil, levam a critérios raciais e étnicos.

Subjacentes às políticas de imigração por parte dos países estão os modelos de migração e de integração dos imigrantes. Segundo Giddens (2007) os modelos políticos adotados pelos países recetores de imigrantes, a partir de 1945, são quatro: *O modelo clássico* em que a imigração é encorajada e a promessa de cidadania é dada aos imigrantes, apesar dos mecanismos de regulação de entrada que restringem o fluxo migratório. Este modelo aplica-se a países que se desenvolveram como “nações de imigrantes”, como os EUA, Canadá e Austrália; *O modelo colonial* de imigração caracteriza-se pelo favorecimento dos imigrantes das antigas colónias em detrimento de imigrantes de outros países de que são exemplo a França e o Reino Unido; *O modelo dos trabalhadores convidados* é seguido por países como a Alemanha, Suíça e Bélgica em que os imigrantes são aceites no país numa base temporária, mesmo que aí permaneçam por longos períodos não recebem direitos de cidadania; O último modelo é o *modelo ilegal de imigração* em que os imigrantes entram secretamente ou com um estatuto que não lhes permite fixar-se no país e aí permanecem e trabalham ilegalmente à margem da sociedade. As restritivas políticas de imigração por parte dos Estados e o crescente poder económico e técnico das redes ilegais de emigração têm vindo a aumentar a imigração ilegal.

Estes modelos políticos pressupõem os modelos de integração que cada país adota para integrar os seus imigrantes. Nos dois primeiros modelos, clássico e colonial, a forma de integração é a *assimilação* que significa encorajar os imigrantes a aprender a língua nacional e os hábitos sociais e culturais da sociedade de acolhimento para que abandonem os seus usos e costumes e passem a adotar os valores e normas da sociedade recetora, não constituindo por isso, um fator de mudança ou de ameaça à hegemonia da sociedade autóctone.

No modelo dos trabalhadores convidados a forma de integração é a da *exclusão diferencial* que acolhe os imigrantes como trabalhadores, mas não como habitantes permanentes, permitindo-lhes uma integração temporária no subsistema económico e

em alguns sistemas de previdência mas sem adquirirem direitos de cidadania (Castles, 2005; Giddens, 2007).

O princípio comum a estes dois modelos é o da hegemonia nacional em que a imigração não deve ser um fator de mudanças sociais e culturais significativas na sociedade de acolhimento. A diversidade étnica e cultural é vista como uma ameaça à integridade da nação e um potencial fator de enfraquecimento, sobretudo em casos de crise económica e convulsões sociais em que facilmente se culpabiliza o imigrante das dificuldades sentidas pela sociedade de acolhimento, desenvolvendo-se mecanismos de bode expiatório (Marques, 2000).

A partir dos finais da década de 70 surgem novas abordagens aos modelos de integração. A crise petrolífera de 1973, fez com que os migrantes temporários se fixassem, os países recetores de imigrantes revelaram-se incapazes de deportar grandes quantidades de trabalhadores e também não lhes podiam continuar a negar por completo os seus direitos sociais. O resultado foi que os fluxos migratórios aumentaram por via da reunificação familiar, criando assim novas comunidades, e gorando as expectativas de que a longo prazo ocorresse uma assimilação (Castles, 2005).

Segundo o mesmo autor, o que sucedeu foi que,

As comunidades étnicas conservaram as suas línguas e culturas até à segunda e terceira gerações. Os imigrantes começaram a criar associações culturais, locais de culto e de comércio étnico, o que fortaleceu ainda mais as infraestruturas da comunidade étnica. A introdução de políticas multiculturais (sob uma grande variedade de designações) pareceu então a melhor forma de lidar com populações cada vez mais diversas (p. 109).

Esta abordagem *multicultural* de integração, considera os grupos étnicos minoritários como iguais na sociedade, significando que estes desfrutam dos mesmos direitos da maioria da população. O multiculturalismo significa assim o abandono do mito das sociedades homogéneas e monoculturais (Castles, 2005; Giddens, 2007).

3.2 -Associativismo Imigrante

O processo migratório constitui um ato de mudança a vários níveis inerente ao abandono do ambiente que é familiar para uma sociedade cujas normas sociais e

padrões culturais lhe são desconhecidos. Esta mudança provoca constrangimentos que vão repercutir-se na forma como se organizam, quer a nível individual quer a nível grupal de forma a ultrapassarem o sofrimento causado pelas ruturas familiares e sociais e ao mesmo tempo integrarem o seu modo de vida no sentido de um relacionamento harmonioso com a sociedade de acolhimento.

3.2.1 - Percurso Migratório

Na base de todo o processo migratório está o migrante e o seu percurso pessoal entre o país de origem e o país de destino (Sayad, 1998)

O percurso migratório integra, regra geral, um conjunto de passos e ações ou situações dados ou experimentados pelo migrante ao longo de todo o processo migratório, numa sequência cronológica, mais do que espacial. O primeiro passo começa com a *intenção de partir*, para o qual contribuem a insatisfação com a situação presente, a informação que se detém dos locais de destino e a formulação de expectativas de futuro. Os *preparativos da partida* são geralmente a fase seguinte em que a intenção se começa a concretizar e são dados todos os passos que levam à fase subsequente, *a viagem*, considerada simbolicamente a ponte entre a origem e o destino. A fase de *instalação* começa à chegada ao país de destino e reveste-se normalmente de um carácter transitório mas de grande importância pois é neste momento que a capacidade individual de ultrapassar as dificuldades e os desafios na nova sociedade e as condições de maior ou menor esforço com que o fazem vai depender a etapa seguinte, *a fixação*, com carácter permanente. O *regresso* à origem que a efetivar-se de forma definitiva fecharia o ciclo migratório, poderá não se realizar ou assumir outras formas como por exemplo a residência partilhada entre o país de origem e o de acolhimento. (Rocha-Trindade, 2010)

Nestas duas últimas etapas, e de forma a combater o isolamento e o desgaste emocional causado pela vida no novo ambiente social, o imigrante procura espaços de convívio (cafés, praças, igrejas ou locais de lazer) com compatriotas ou conterrâneos, com quem partilham a mesma língua e a mesma cultura. A repetição destes encontros pode evoluir para formas mais organizadas de associação informal que ganhando um carácter estável, podem vir “a assumir as características de um associativismo instituído, dando lugar à criação de estruturas permanentes, devidamente registadas em âmbito público, dotadas de estatutos, de direção, de programas de atuação e de um rol de associados permanentes.” (Rocha –Trindade, 2010, p.44).

3.2.2 - Associações imigrantes

O termo associação é definido por Carita e Rosendo (1993: 136) como “um grupo voluntário e organizado de indivíduos, formado para atingir e defender determinados interesses comuns”. Neste sentido as associações representam um espaço de socialização, solidariedade, educação, organização social, reinterpretação das tradições e mediação entre a sociedade de origem e a de acolhimento (Albuquerque, Ferreira e Viegas, 2000: 11-12).

O imigrante ao chegar à sociedade de acolhimento é um estranho inserido num contexto que não conhece, que não oferece garantias e nem possui estatuto que o ponha em paridade com os cidadãos nacionais. Este é, um dos fatores que leva os imigrantes a se aproximarem uns dos outros, poderem partilhar as dificuldades em termos de adaptação com a maioria dos membros que compõem uma determinada comunidade étnica (Pereira, 2007).

Neste sentido Rocha-Trindade (1995) descreve o que leva as comunidades imigrantes a organizarem-se:

(...) a tendência para a concentração de compatriotas ou mesmo de conterrâneos, nos mesmos países de destino e em particulares zonas de fixação, constitui uma natural resposta ao isolamento do imigrante em terras e culturas estranhas. De igual modo, a proximidade dos locais de residência ou de emprego favorece encontros frequentes e ocasiões de breve convívio social, que tendem a prolongar-se mais tarde por via da atividade associativa, informal ou formalizada” (p.148).

As associações de imigrantes defende Rex (1994 cit in Pereira 2007: 60), não podem ser definidas ou identificadas simplesmente como recurso social que só serve para defender determinados objetivos coletivos. As associações funcionam, também, como meios que permitem preservar a herança cultural do grupo em conjunto com o reforço da identidade étnica. Tendo em conta que existe um sentimento de pertença comum entre os associados e um envolvimento subjetivo numa estrutura partilhada.

Deste modo o mesmo autor considera que existem quatro funções principais das associações de imigrante, a saber

- Ajudar a vencer o isolamento social;

- Afirmar os valores e as crenças do grupo;
- Proporcionar um apoio existencial aos seus membros;
- Agir na defesa dos seus interesses e na resolução de conflitos com a sociedade recetora.

As associações surgem assim como um elemento mediador entre os imigrantes e a sociedade recetora e como um espaço de afirmação dos valores étnicos e culturais, conciliando as duas facetas da imigração: *a integração e a preservação da identidade* (Pereira 2007).

No entanto as opiniões dividem-se quanto à utilidade das associações de migrantes no que respeita à integração dos mesmos nas sociedades de acolhimento. Para Breton (1964) e Reitz (19,80) (citados em Horta, 2010), as associações de imigrantes contribuem para a segregação social na medida em que fomentam instituições paralelas (por exemplo escolas, comércio, meios de comunicação e serviços vários) que limitam a interação social do grupo com a sociedade maioritária.

Numa perspetiva oposta, vários autores defendem que os aspetos positivos das associações migrantes, como o reforço da identidade étnica coletiva (Rex, 1994), o sentimento de pertença comum e as interações sociais geradas no âmbito das associações proporcionam um refúgio psicossocial que ajuda os imigrantes a ultrapassar as dificuldades encontradas no novo ambiente social o que potencia a sua integração (Jenkins, 1988; Rocha-Trindade, 1988, citados em Horta, 2010).

Schrover & Vermeulen (2005) estabelecem dois grandes fatores conducentes à emergência e persistência do associativismo imigrante: as características da comunidade imigrante e a estrutura de oportunidades políticas da sociedade de acolhimento. O primeiro fator está diretamente relacionado com o grupo imigrante, nomeadamente o seu perfil demográfico, socioeconómico, político e a duração da sua trajetória migratória. O segundo fator está relacionado com a sociedade recetora e com o modelo de oportunidade política.

Os autores realçam a complementaridade entre fatores identitários do grupo e fatores estruturais de oportunidade política da sociedade recetor dizendo que as associações de imigrantes são,

(...) an indication of how immigrants see differences between themselves and the rest of society, or how these differences are perceived by others; a translation of which is found in government policy (p.831)

Nesta perspetiva Yasemin Soysal (1994, 85-86) refere que a estrutura de oportunidade política na sociedade recetora é um alicerce crucial no modo como as associações de imigrantes se implantam na sociedade, salientando que a forma como os imigrantes são aceites pela sociedade de acolhimento e pelos seus poderes políticos vai condicionar as suas estratégias organizacionais. A autora argumenta que “the expression and organization of migrant collective identity are framed by the institutionalized forms of the state’s incorporation regime” (Soysal, 1994:86).

Os padrões organizacionais dos imigrantes estão por isso dependentes dos princípios organizacionais e dos estilos de incorporação no país de acolhimento, porque mesmo considerando que partilham redes e objetivos sociais similares em diferentes países de imigração, não significa que o associativismo se exteriorize da mesma maneira (Pereira, 2007).

Neste sentido Soysal (1994), identifica países que se encaixam nos três regimes: corporativo, liberal e estatal.

Na Holanda e na Suécia, regimes corporativos, os imigrantes integram-se melhor através das suas próprias associações. Estas são apoiadas pelo governo central e encorajadas a participar em termos políticos. Nos regimes liberais, como o reino Unido e a Suíça não existe nenhuma ligação entre o Estado e as associações de imigrantes pois os processos de integração são direcionados ao indivíduo e não às associações. Estas funcionam normalmente como organizações de solidariedade social. No caso dos regimes estatais, de que são exemplo a Alemanha e a França também não existe um apoio às organizações que se baseiam em identidades étnicas, no entanto é-lhes prestado algum apoio financeiro mas a sua representação ou consulta, em termos políticos, não é sistemática (Pereira 2007).

3.3 - Fluxos migratórios em Portugal

Portugal tem vindo a tornar-se em conjunto com os países do sul da Europa um país recetor de imigrantes. Vários foram os fatores político-sociais que contribuíram para esta mudança. A nível nacional podemos referir o fim da era colonial com a independência das ex-colónias, depois da revolução de 25 de Abril de 1974 e, a entrada na Comunidade Económica Europeia (CEE) em 1986. A nível internacional a desagregação da União das Repúblicas Socialista Soviéticas (URSS), a queda do muro de Berlim e a abertura das fronteiras dos países da Europa de Leste.

A instalação de minorias étnicas em Portugal começou nos anos 60 quando trabalhadores cabo-verdianos vieram suprir a falta de mão-de-obra portuguesa emigrada para a Europa do Norte e América. Em 1975, com a revolução de 25 de Abril e a independência das colónias afluíram a Portugal 800 000 repatriados, foi a segunda vaga de instalação de minorias étnicas em território nacional, constituída, essencialmente, por luso-africanos, indianos e chineses. Estes últimos vindos maioritariamente de Moçambique e com qualificações profissionais e escolares médias e elevadas tendo integrado o setor da classe média (Cunha, 2003).

A presença de imigrantes em Portugal era, até 2000, relativamente fraca e constituída essencialmente por imigrantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e do Brasil. Estes fluxos migratórios estavam diretamente relacionados com o nosso passado colonial e com as nossas relações históricas, culturais e económicas. A situação socioeconómica em que ficaram as ex-colónias depois da sua independência e a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE) foram as principais causas destes movimentos (Marques et al, 2010).

A partir do ano 2000, Portugal passou a ser um país de destino dos imigrantes provenientes dos países da Europa de Leste, com especial destaque para a Ucrânia, país que rapidamente se tornou numa das comunidades estrangeiras mais representativas. Com o processo de legalização extraordinária de 2001 (DL n° 4/2001), esta realidade tornou-se mais visível, permitindo a legalização de milhares de imigrantes. De um total de 169.953 autorizações de permanência emitidas, 52% foram de emigrantes da Europa de Leste: 60.310 ucranianos; 11.746 moldavos; 10.089 romenos e 6.431 russos viram a sua situação regularizada no país (Pereira, 2007).

Para combater a permanência ilegal de imigrantes o governo adotou medidas legislativas que possibilitaram a sua legalização. Com a regularização extraordinária de

1992¹ e 1996, o crescimento da população estrangeira passou de uma média anual de 5% para 8% em 1993 e 10% em 1994. Em 2001 com a alteração da lei de estrangeiros², a média anual de admissões aumentou de 8,61% em 2000 para 69% em 2001, evidenciando-se, neste ano, os imigrantes dos países de Leste, com um total de 101 000 Autorizações de Permanência³ (AP) num total de 183 000 concedidas, com destaque para os cidadãos ucranianos com um total de 65 000 autorizações (SEF, 2006).

Portugal passou de 50.750 estrangeiros a residir legalmente em território nacional em 1980 para 436.892 em 2011 (SEF, 2011), sendo as nacionalidades mais representativas em território nacional, o Brasil com 111.445 residentes, a Ucrânia (48 022), Cabo Verde (43 920), Roménia (39 312), Angola (21 563) e Guiné-Bissau (18 487).

Este crescimento sustentado que se tem vindo a verificar desde os anos 70 foi quebrado em 2010 tendo como causas, a crise económica e financeira do país que obrigou a uma redução do investimento e do emprego, a alteração dos processos migratórios em alguns países de origem como Brasil e Angola e também o aumento do acesso à nacionalidade portuguesa permitida pela atual Lei da Nacionalidade (SEF, 2011).

Quanto à distribuição geográfica verifica-se que ela está maioritariamente localizada no litoral destacando-se os distritos de Lisboa (188 259), Faro (68 953) e Setúbal (45 158). O total destes três distritos representa cerca de 69,2% do total de residentes estrangeiros no país revelando uma enorme assimetria na distribuição da população estrangeira pelo território nacional (SEF, 2011), por este motivo, Machado (1999) considera que em Portugal o carácter não-nacional da imigração é dos mais evidentes, não se devendo falar em país de imigração mas sim num país com regiões de imigração.

1 Decreto-Lei nº212/92, de 12 de outubro, que permitiu a concessão de um título provisório pelo período de 1 ano.

2 Decreto-Lei nº 4/2001, de 10 de janeiro que permitiu a regularização de estrangeiros trabalhadores por conta de outrem concedendo-lhes uma autorização de permanência, a qual decorridos 5 anos facultava o acesso à autorização de residência.

3 São autorizações para permanecer em território nacional, prorrogadas anualmente mediante contratos de trabalho ou reunificação familiar, a qual ao fim de 5 anos faculta o acesso à autorização de residência.

3.3- Associativismo Imigrante em Portugal

A fixação e permanência destas comunidades de imigrantes está diretamente ligada à emergência do associativismo imigrante em Portugal. O crescimento de comunidades minoritárias e as dificuldades sentidas por esta população na sua integração efetiva permitiram o aparecimento de associações que inicialmente tinham como objetivos a preservação cultural de origem (Pereira, 2007).

Atendendo aos fluxos migratórios em Portugal é possível estabelecer um paralelismo com a criação de associações. Em 1970 foi criada a primeira associação, A Casa de Cabo-Verde, em 1990 foram criadas mais dez e em 1996 já eram setenta e oito, a que se seguiram mais dez associações de estudantes africanos, com exceção da Casa do Brasil eram todas de imigrantes africanos.

A visibilidade e importância das associações imigrantes surgiu no contexto do fluxo migratório de imigrantes africanos, por ocasião do Acordo de Schengen em 1991 e do Tratado de Maastricht em 1992 assente no controlo dos fluxos ilegais, de forma a permitir uma melhor integração para as comunidades já existentes (Grassi & Melo, 2007). O seu reconhecimento formal deu-se em 1999, com o Decreto-lei 115/99, restabelecendo o regime jurídico das associações representantes dos imigrantes e seus descendentes, reconhecendo a sua representatividade e o direito ao apoio técnico e financeiro do Estado para o desenvolvimento das suas atividades (Pereira, 2007).

Segundo Albuquerque Ferreira e Viegas (2000), os motivos e os problemas que levaram à mobilização associativa foram-se alterando ao longo dos trinta anos de associativismo distinguindo três grandes fases na mobilização associativa de imigrantes em Portugal: a primeira fase- *intervenção de emergência* que se iniciou em meados de 70 e decorreu toda a década de 80. Foi caracterizada pela criação de associações informais, na Área Metropolitana de Lisboa, local de maior concentração de imigrantes e cujo objetivo principal era facilitar a instalação de conterrâneos, devido à ausência de medidas oficiais de integração; a segunda fase que marcou a primeira metade da década de 90 e teve um rápido aumento do número de associações. Caracteriza-se por uma intervenção das associações como agentes de integração socioeconómica dos imigrantes. Surgiram as primeiras reivindicações políticas no que diz respeito ao direito de cidadania dos imigrantes e dos seus descendentes; a terceira fase é a da *maturação do movimento associativo* que se desenvolve a partir do meio da década de 90. Foi neste

período que alcançaram o reconhecimento formal pelas instituições políticas nacionais e locais enquanto agentes privilegiados de desenvolvimento das comunidades imigrantes.

No entanto, segundo Grassi e Melo (2007) os progressos legais de visibilidade e capacidade de intervenção das associações ainda não têm grande impacto na vida das pessoas. “ Em geral há um predomínio das iniciativas assistencialistas locais e não existe um quadro de ação conjunta” (p.26).

4. Apresentação e Análise dos dados

4.1- Breve perfil dos entrevistados

Maria nasceu em 1971, na região de Donetsk na parte oeste da Ucrânia, tendo 42 anos na altura da investigação. Casou em 1990 e teve dois filhos, tendo-se divorciado ao fim de dez anos de casamento. Possui uma licenciatura em língua e literatura ucraniana e era professora primária e subdiretora da escola onde lecionava. Chegou a Portugal em 19 de Dezembro de 2000, com 29 anos para se juntar ao atual marido que veio 3 meses antes.

Natália também nasceu em 1971, filha de pai russo e mãe ucraniana vem de uma cidade com 8000 habitantes na região de Ivany Frankivski,. Casou em 1991 e teve dois filhos. Tem uma licenciatura e era professora de língua russa e subdiretora de uma escola com 800 alunos. Chegou a Portugal a 8 de Abril de 2001 com 30 anos para se reunir ao marido que já estava em Portugal há dois anos.

Igor nasceu em 1970, e tinha na altura da investigação 44 anos, vem de uma região no sudoeste da Ucrânia é licenciado em economia, casado e pai de dois filhos. Vivia numa aldeia a 7Km da capital da região com a mulher e os filhos em casa dos pais, até adquirir casa própria pouco antes de imigrar. Chegou a Portugal acompanhado pelo irmão no dia 10 de Junho de 2000 com 30 anos.

Verifica-se a existência de uma assinalável homogeneidade no que respeita ao perfil etário, formação escolar, número de filhos e período de residência em Portugal. Todos chegaram a Portugal com 30 anos, têm habilitações literárias superiores, já tinham família constituída quando imigraram e com o mesmo número de filhos. Chegaram entre 1999 e 2001, no primeiro ciclo migratório. Outro ponto em comum é que a vinda para Portugal foi a primeira vez que viajaram para fora da sua região de origem.

4.2. Situação anterior ao projeto migratório

No país de origem o grau de literacia dos entrevistados tinha equivalência com as suas qualificações profissionais, situação que perderam no processo de emigração. Os três eram funcionários públicos e exerciam profissões intelectuais. As entrevistadas trabalhavam na área da educação e o entrevistado na área das finanças públicas, papéis

tradicionalmente atribuídos ao género, a educação para as mulheres e as finanças para os homens.

Tenho uma licenciatura da Ucrânia, de uma Universidade que se chama (nome estrangeiro), uma Universidade de Filologia, de Língua e Literatura Ucraniana e como segunda área jornalismo. Últimos dois anos antes de vir a Portugal eu era professora da escola primária. Na escola nós tínhamos o direito de receber um salário de 100% como diretora e 50% por cento como professora por isso eu tinha um ordenado de 1,5 e não senti grande necessidade de.....mas naquele tempo nós não queríamos tanto como queremos agora por exemplo acho que uma pessoa portuguesa não pode aceitar que uma professora receba 30 dólares mais meio eram 45 dólares que era o que eu recebia, mas isso estava suficiente pelo menos não tinha problemas. Claro não podia comprar carro construir casa mas a vida era mais ou menos bem (...)Também recebi um diploma como melhor professora a nível local, como se fosse aqui em Faro, recebi isso num palco de um grande teatro. Não estava mal, não me posso queixar porque eu sentia com o meu profissionalismo eu posso chegar lá como posso dizer subir bastante. (...) meu marido atual, ele também era diretor da escola mas do 2º ciclo e também não tinha um mau futuro e também se meteu na política, era deputado podia ter futuro, pelo menos problemas de receber (ordenado) ele não tinha. (Maria)

Tenho o 12º ano e na Ucrânia o 11º ano e também tenho o Ensino Superior, sou professora da língua russa, trabalhei na Ucrânia nas várias escolas e cheguei ao cargo mais alto, aos trinta anos era subdiretora de uma escola de 800 pessoas. Na Ucrânia a formação de escola é um bocado diferente cada diretor tem dois subdiretores, um subdiretor do ensino e outro subdiretor de educação. A minha área, eu era responsável para a educação na escola.(Natália)

Na Ucrânia sou licenciado, mas papéis são da Ucrânia ainda não fiz reconhecimento do diploma mas estou a pensar fazer em breve, sou economista, é claro era a secundária e depois fui para a universidade é mais ou menos como aqui o sistema há algumas diferenças mas mais ou menos como aqui (...)Na Ucrânia como eu era economista a minha especialização era a fiscalização das empresas e dos trabalhadores independentes eu trabalhava como fiscal das finanças. Comecei como inspetor, comecei mesmo debaixo, depois da universidade, e depois cheguei até a dirigir uma..... como hei de dizer - **Um departamento** - sim um departamento que

fiscalizava os trabalhadores independentes, tinha um trabalho bastante bom e pensei que era mesmo uma profissão que vou trabalhar nela no futuro e tudo (...). (Igor)

As expressões usadas, “uma profissão que vou trabalhar nela no futuro”, “tinha um trabalho bastante bom”, “posso subir bastante”, indicam que os entrevistados estavam bem integrados nas suas profissões, tinham perspetivas futuras de progressão na carreira e gostavam do que faziam, não demonstrando por isso ambições de emigrar apesar de auferirem salários muito baixos.

4.3 – Percurso Migratório

4.3.1-Motivos que levaram à emigração

Para Igor e Natália a emigração teve uma motivação económica: para o primeiro tratava-se de evitar a deterioração das suas condições de vida como tornar habitável a casa que comprou e viver independente dos pais, para a segunda as razões prenderam-se com motivos de sobrevivência, como pagamento de dívidas e a falta de salário.

Após a independência em 1991, a situação socioeconómica da Ucrânia foi-se deteriorando, a passagem de uma economia fechada, característica dos países socialistas, para uma economia de mercado trouxe problemas sociais e financeiros até aí desconhecidos da população, como o acesso à habitação, à saúde e à educação, fortemente custeados pelo estado no tempo do regime soviético, passaram a ser um encargo para as famílias. A par da falência das infraestruturas sociais surgiu o desemprego, porque muitas fábricas de tecnologia ultrapassada não eram competitivas e encerraram, assim como muitas empresas e serviços públicos artificialmente custeados pelo estado deixaram sem emprego e sem suporte social milhares de pessoas. Por outro lado a enorme inflação e a conseqüente desvalorização da moeda levaram a que muitas famílias não conseguissem fazer face às despesas mais básicas, ou deixassem mesmo de receber salário, como relatam dois dos entrevistados.

(...) mas começou a situação a piorar na Ucrânia como aquela inflação invulgar da moeda ucraniana que chegamos a receber uns milhões e por um milhão dava para comprar alguma comida no saco. Fomos milionários mas não era do lado bom (risos).(...) A minha mulher trabalhava também como economista, trabalhava comigo nas finanças, não conseguíamos pagar isso tudo como o gás a luz as despesas da casa

mesmo o salário para isso não dava estou a falar da comida da roupa e daquilo tudo e até aquela altura daquela crise conseguimos comprar uma casinha pequena e tinha que fazer remodelação e pensei que vou para fora só para alguns anos 1 ou 2 anos só para melhorar um bocadinho a casa. (Igor)

(...) na altura tivemos um apartamento pequenino mas nosso, o meu marido começou um negócio e pronto por causa da legislação económica ucraniana não conseguiu, tinha regras, como é que eu hei-de dizer, não bem desenvolvidas e perdemos o negócio, perdemos os nossos bens, tivemos de pagar dívidas, juros do crédito, vendemos casa e esta é a causa principal porque deixámos o nosso país e imigramos para Portugal. (...) Também porque naquela altura a Ucrânia passou uma crise económica, não recebíamos ordenados, não conseguíamos sobreviver, trabalhávamos por talões e a única maneira para a alimentação era trocar talões nas lojas próprias e toda esta situação implicou... (...) não recebia ordenado como professora durante dois anos seguidos e eu sei o que é fazer pão à mão na cozinha em casa, eu sei o que é tratar da horta, alimentarmo-nos da própria horta. (Natália)

Motivos diferentes são apresentados por Maria que não revela dificuldades económicas que justificassem a saída do país mas problemas familiares como a violência doméstica a que foi sujeita durante o seu casamento e as dificuldades em começar um novo relacionamento por causa do estigma social de ser uma mulher divorciada.

Mas quando uma coisa é boa outra coisa piora como a situação familiar, de própria vida privada. O que aconteceu foi que me divorciei do meu marido com quem vivia há dez anos e daqueles dez anos oito anos foram de violência doméstica. Tinha dois filhos e pela nossa cultura é muita vergonha estar divorciada é como uma mancha para a família, não podia ser. A nossa cultura é um pouco diferente de Portugal, porque bater numa mulher ou assim faz parte da vida do casal, isso é normal. Por isso quando casei em 1990 eu tomei isso logo como uma coisa privada do meu marido. Um exemplo simples, quando nos divorciámos na altura da (palavra estrangeira) não sei como se diz... **audiência?** Sim quando o juiz lhe perguntou porque é que ele me bate, porque faz essa violência física, ele respondeu muito simplesmente “porque ela é minha mulher”, isto é normal não é coisa estranha, mas um dia já não conseguia mais aguentar e pedi o divórcio e foi muito difícil com dois filhos. O processo foi muito longo demorou seis meses mas consegui divorciar-me. (...). Apercebi-me que nunca

vou ter paz enquanto viver lá por isso tinha que fugir para longe. Essa era uma razão. A outra é que depois do divórcio conheci o meu atual marido que era um rapaz (solteiro) e, entrou na guerra minha sogra atual que começou a dizer que o filho devia ter uma moça e não uma mulher com dois filhos, isso é normal eu tenho um filho e percebo isso muito bem mas era mais um perigo de vida que eu tinha, não podia ter calma lá. (Maria)

Maria vem de um meio tradicionalmente católico em que o casamento é uma união para toda a vida e a violência doméstica é banalizada. O sistema familiar baseia-se ainda na família tradicional (Guiddens, 1996) onde o casal é apenas uma parte, e nem sempre a mais importante do sistema familiar, como podemos ver num outro momento da entrevista em que Maria exemplificando a forma como os imigrantes se devem comportar no país de acolhimento diz, “ *isso é como se fosse uma nora que entra na família, ela não pode mandar tem de aceitar, regras da família ela tem que respeitar.*”, verificando-se que os laços com outros familiares são igualmente importantes, ou ainda mais, no relacionamento social corrente.

4.3.2 - A Decisão de partir

Apesar de todas as necessidades sentidas a decisão de emigrar não foi de modo algum um processo fácil e nem sempre aceite por toda a família. As ruturas dos laços familiares, sociais e culturais foram muito dolorosas, sobretudo para as entrevistadas que deixaram os seus filhos com outros familiares, como nos diz Maria neste excerto da entrevista:

E então nós decidimos ir viver juntos, eu larguei a minha vida toda incluído minha filha que no dia em que abalei da Ucrânia, no dia 14 de Dezembro fazia cinco anos..... foi no aniversário da minha filha.... ele desistiu também de tudo, deixou os pais, o que pela nossa cultura o filho mais novo é quase obrigado a tratar dos pais e ele como filho mais novo também fez como hei de dizer.... fez um gesto não muito simpático.(Maria)

A decisão de partir nos três casos foi decidida por ambos os membros do casal e com um projeto migratório de permanência temporária, 1 a 2 anos, em que só um dos membros do casal emigraria, exceto no caso de Maria.

4.3.3- Estratégia migratória

A estratégia migratória seguida foi idêntica, os homens emigraram sozinhos e as mulheres ficaram com os filhos na Ucrânia, exceto no caso de Maria em que a decisão de vir toda a família foi logo tomada no início, apesar de dizer que também não pensava que a sua permanência fosse de longa duração.

Igor veio para Portugal acompanhado pelo irmão, ao fim de 1 ano e já legalizado resolveu voltar para a Ucrânia, no entanto a situação no seu país não tinha melhorado e decidiu regressar com a família. Não tem mais familiares em Portugal dado que o irmão que veio com ele regressou à Ucrânia.

Natália juntou-se ao marido passados dois anos, ficaram os dois em situação irregular, durante algum tempo. Quando conseguiram legalizar-se e ter alguma estabilidade trouxeram a filha, mas passado dois anos e por dificuldades de integração na escola regressou e vive atualmente com os avós. Em Portugal Natália tem um irmão que chegou oito dias depois dela e dois sobrinhos já nascidos em Portugal.

Maria chegou dois meses depois do marido e em 2002 nasceu a filha de ambos, por esse fato conseguiram vistos de residência permanentes o que lhes conferiu direitos sociais que o visto de permanência não concedia. Em 2004 trouxeram os filhos de Maria que residiam na Ucrânia. Atualmente a filha nascida em Portugal e o marido têm nacionalidade portuguesa. Em Portugal uma irmã e um sobrinho já nascido em território nacional.

4.3.4. - Portugal como opção

Segundo os entrevistados, a escolha de Portugal como país de destino surgiu da informação de que existiria uma maior facilidade de entrada no mercado de trabalho, em particular ao nível do trabalho informal na construção civil, e onde a sociedade, bem como as políticas imigratórias, não demonstravam práticas de rejeição ou expulsão de imigrantes que aí se encontravam a trabalhar ilegalmente.

Quem escolheu foi o meu marido porque naquela altura muitos ucranianos começaram a emigrar para fora do país e Portugal é destino mais acessível porque mesmo é muito caro o preço da viagem, que é muito longe da Ucrânia é mais de 4.000 quilómetros mas a situação com visto, a facilidade de se entrar no país, por causa disto e depois naquela altura Portugal começou a preparação para Euro 2004, esperámos muita

proposta de trabalho e pronto ele entrou em 1999 e dois anos trabalhou cá e depois eu já fui para juntar-se com o meu marido. (Natália)

Como aconteceu comigo e com meu marido e muitas pessoas nossas só queríamos sair fora do país não interessa Espanha. França Itália ou Portugal e como conseguiram fugir (pausa) palavra forte mas certa, só através de firmas turísticas como aconteceu com meu marido. Naquele momento quando ele foi à empresa turística para comprar a viagem como turista e sair fora do país havia lugares para Portugal como podia acontecer ter lugares para Itália, eu podia estar na Itália, então aconteceu assim, como hei-de dizer uma vontade de cima, por vontade não escolhemos Portugal assim como muitas das nossas pessoas queriam sair do país não importa a língua as pessoas queriam sair para onde não importava. (Maria)

Igor escolheu Espanha como primeiro destino migratório porque tinha lá um conhecido, mas o contacto não resultou e acabou por vir para Portugal onde as obras para o Euro 2004 ofereciam muito trabalho e onde era mais fácil trabalhar irregularmente.

(...) estivemos alguns dias em Espanha, mas depois aqueles conhecimentos que tivemos lá o homem não aparecia e não tivemos contacto com ele, ele não atendia o telefone e uma das raparigas que chegou connosco a Espanha o marido dela morava cá em Faro e ele foi a Espanha busca-la porque ela não sabia como chegar mesmo a Faro e nós também pedimos o contacto dele e depois chegamos cá a Faro de autocarro (...) não estava planeado ir para Portugal não tinha cá ninguém eu tinha uma irmã na Itália mas na altura nós telefonamos mas ela disse para já não há trabalho e como aqui disseram-nos no ano 2000 havia muito muito trabalho por isso nós fomos para cá para Portugal. (Igor)

Constata-se que a opção por Portugal como destino migratório se ficou a dever, sobretudo, à ausência de oportunidades migratórias noutros destinos. No caso dos maridos das entrevistadas a informação sobre as oportunidades em Portugal foram obtidas através de agências de viagem porque não tinham nenhum contato em Portugal.

4.3.5 - O que sabiam de Portugal

Sem laços históricos, económicos ou culturais entre os dois países, Portugal era um país praticamente desconhecido para os entrevistados. Igor refere que só conhecia o futebol português e que não tinha outros conhecimentos porque naquela época só tinham informação dos países que faziam parte da influência soviética. Natália conhecia a história das aparições de Fátima que era um tema recorrente nas publicações religiosas da Ucrânia. Maria refere que não sabia nada sobre Portugal.

Foi por acaso porque não tinha muito conhecimento de Portugal como é bastante longe e não se estuda muito na história sobre Portugal, não sei como é agora mas na altura não se estudava muito sobre aquilo mas só tivemos informação sobre os países vizinhos como é óbvio não é? Portugal só conhecia só pelo futebol (risos) como quase todos sim a única coisa se calhar é verdade porque todos dizem a mesma coisa não é? Na altura, como é agora, Portugal era mais conhecido pelo futebol. (Igor)

A única coisa que eu sabia era Fátima porque eu sou crente, sou católica e pronto nos nossos jornais, revistas saíram artigos sobre Fátima, sobre o aparecimento de Nossa Senhora em Fátima, sobre os pastorinhos e era a única coisa que eu sabia por isso, como é que hei-de dizer..., tive logo confiança porque achava que sendo Nossa Senhora que encontrou Portugal, ah... se a Nossa Senhora escolheu Portugal quer dizer que são um bom povo. (Natália)

Sobre Portugal não sabia nada...(pausa) antes de chegar a Portugal eu sabia 2 palavras Estói e igreja porque eu sabia que tenho que dizer ao motorista do autocarro, no meu caso calhou um taxista, que eu precisava ir até Estói onde está meu marido e ele tem de parar na igreja porque ele está à minha espera na igreja. (Maria)

Ao contrário do que as teorias migratórias referem, verifica-se que as estruturas intermédias entre a região de origem e o país de acolhimento (relações entre Estados, relações económicas, relações culturais, familiares ou pessoais), usualmente apontadas como facilitadoras e promotoras dos fluxos migratórios laborais se encontravam, nos três casos, ausentes.

4.3.6 - Redes de apoio

As redes de apoio referidas pelos entrevistados foram agências de viagens que para além de providenciar os vistos turísticos e a viagem forneciam também informações sobre Portugal.

Como eu, como meu marido e como muitas pessoas da minha comunidade passamos para Portugal de forma não muito legal, passamos como turistas, tínhamos um visto legal de turista. O meu visto, por exemplo tinha um prazo de 10 dias e eu sabia muito bem que ia ficar muito mais tempo, a ideia era essa passar as fronteiras enquanto o visto funcionava. Tudo isso foi através de uma firma turística. (Maria)

Eu saí com visto turístico para a União Europeia, pagámos isso tudo lá através de uma agência mas pronto, meu caminho é mais civilizado porque eu sei que houve pessoas que foram em condições muito piores. Também através de uma agência eu tive viagem até à Alemanha e depois na Alemanha encontrámo-nos lá com um ucraniano que falou alemão e ele comprou os bilhetes de autocarro para meus colegas para Lisboa e ele achava que melhor opção como precisava ir até Faro comprou o bilhete até Sevilha porque até Faro metia autocarro. (Natália)

Vim através duma agência como eu já contei teve um visto turístico e fomos a um hotel de 3 estrelas em Santa Luzia Espanha que é ao pé de Barcelona e mesmo na costa do mar mediterrâneo. (Igor)

Estes dados estão de acordo com Marques et al., (2010. p18) que atribuem o aumento do fluxo migratório entre Portugal e os países de leste a três causas principais:

- À falta de controlo na emissão de vistos de curta duração por parte de outros países da União Europeia;
- À velocidade e facilidade de movimento dentro do Espaço Schengen;
- E ao tráfico de seres humanos organizados a partir da Europa de Leste sob o disfarce de denominadas “agências de viagens.

Verifica-se que as redes sociais de apoio ao projeto migratório dos entrevistados encontravam-se no país de origem, sob a forma de agências de turismo, que ofereceram *pacotes migratórios* a custos elevados. Incluem-se, nesses *pacotes*, vistos de turismo de curta duração como “passe de entrada” no Espaço de Schengen, e a viagem de

autocarro. Como fonte de capital social, estas redes, são de natureza informal mas, marcadamente instrumentais e pouco densas nas relações de solidariedade entre os diferentes protagonistas (Portes,2000). Controlam a informação desde o país de origem até ao país de destino e assumem formas de redes de tráfico de imigrantes, com variados níveis de cooperação entre os vários países (Matias, 2004).

4.3.7- A Viagem

O meio de transporte mais utilizado, no caso dos entrevistados, foi o autocarro partilhado apenas com outros cidadãos do leste europeu que entravam no Espaço Schengen de forma igualmente irregular. No caso das entrevistadas também foi utilizado táxi e comboio. O autocarro simbolizou, em muitas situações, formas de controlo das próprias redes e risco de extorsão de dinheiro e documentos (Matias,2004). Igor não refere qualquer incidente no seu percurso até Portugal, diz que veio de autocarro diretamente para Santa Luzia em Barcelona e depois para Portugal. Maria e Natália sofreram as vicissitudes de viagens organizadas por redes de tráfico de imigrantes, sendo vítimas de extorsão de dinheiro e deixadas sozinhas a meio da viagem sem qualquer auxílio.

Maria saiu da Ucrânia no dia 14 de Dezembro, num autocarro com mais 19 pessoas que não conhecia e na mesma situação irregular. O facto de se sentir doente no início da viagem fez com que tivesse de viajar ao lado do motorista e isso permitiu-lhe estabelecer uma relação de proximidade com ele, o que fez com que a sua viagem não tivesse um desfecho trágico, como nos conta no excerto seguinte:

Chegamos até à Polónia e as pessoas pediram para parar para ir à casa de banho mas ele disse que não, um bocadinho mais tarde talvez 10 minutos ele parou mas num lugar que já estava marcado porque as pessoas não tiveram tempo para sair do autocarro e apareceram 3 rapazes que entraram para dentro e tiraram dinheiro às pessoas, também faziam parte da máfia estava tudo combinado. Depois quando chegamos a Espanha aquele senhor, não lembro o nome dele, o motorista foi a um café e disse-me “Queres ir comigo comprar mais uma água ou qualquer coisa?” e eu fui com ele ao café e depois sem querer ouvi uma conversa por telefone ele falou em ucraniano e disse “Ando na estrada nº tal com 19 pessoas, vocês podem recebê-las a tal horas?” e eu perguntei “o que é que isso significa?” ele disse-me assim “ eu fico aqui ainda 5 ou 10 minutos, leva a tua mala e vai embora se abres a boca vais ter problemas.”. (...) Eu tinha muita vontade de avisar as outras pessoas, também tinha

medo, não tinha protecção nenhuma, não conhecia ninguém que estava dentro do autocarro mas durante o caminho conheci mais ou menos uma mulher porque saíamos juntas para o café ou casa de banho e então eu disse-lhe “por favor vem comigo” então essa mulher não perguntou nada saiu comigo. Em dez minutos o motorista entrou no carro e foi embora. Eu e aquela mulher ficamos em Espanha no escuro já noite, chovia e ficámos escondidas por trás de um arbusto para não serem que nós ficávamos. Então o autocarro foi embora e nós as duas mulheres ficamos aquela noite lá em Espanha sem saber uma palavra nem imaginar o que possa fazer. O que é que acontece naquele momento? Se já fosse uma pessoa avisada que vai acontecer isto, nós dizíamos não vou mas quando acontece essa história que se pode fazer? Tem de se fazer alguma coisa, não pode entrar em pânico não pode mostrar para todos que eu não sei língua que eu estou perdida que eu não sei nada. Tem de se juntar a força toda e fazer alguma coisa. O que é que nós fizemos, voltei outra vez para dentro daquele café onde nós estivemos a comprar água, lá estava um rapazinho que servia à mesa e uma palavra que é a mesma para todas as nacionalidades é TÁXI, esta palavra eu disse aquele rapaz. Ele chamou um táxi e apareceu um mercedes branco e não sei o que eles me disseram mas como eu já tinha dito sabia duas palavras Estói e igreja. Então lembro como se fosse ontem, o motorista de táxi abriu o mapa à frente da luz do carro porque era de noite e começou a procurar onde era Estói e então eu e essa senhora chegamos perto da meia-noite de 19 de Dezembro ao pé da Igreja e lá estava o meu marido com mais um amigo e assim eu consegui chegar a Portugal e a Estói.
(Maria)

Natália refere na sua entrevista como as recordações da viagem eram muito dolorosas nos primeiros anos e como o sentimento de medo a acompanhou todo o percurso, salienta o fato de nunca ter saído do país e de não saber nenhuma língua da união europeia o que a pôs numa posição de grande vulnerabilidade em relação a pessoas menos honestas que lhe extorquiram dinheiro para a ajudar. Saiu com um visto para o espaço Schengen e ao contrário de Maria a sua viagem foi planeada por etapas. Também neste caso não chegou a Portugal da forma como tinha planeado mas através de oportunidades que foram surgindo, tendo por isso utilizado três meios de transporte, o autocarro, táxi e comboio.

Eu saí com visto turístico para a União Europeia, pagámos isso tudo lá através de uma agência mas pronto, meu caminho é mais civilizado porque eu sei que houve pessoas que foram em condições muito piores. Também através de uma agência eu tive

viagem até à Alemanha e depois na Alemanha encontrámo-nos lá com um ucraniano que falou alemão e ele comprou os bilhetes de autocarro para meus colegas para Lisboa e ele achava que melhor opção como precisava ir até Faro comprou o bilhete até Sevilha porque até Faro metia autocarro. Mas quando chegámos à fronteira França/Espanha, quase todas as pessoas do Leste deste autocarro mandaram voltar para trás por causa que faltava um dia para acabar o visto e a maioria também tinha este prazo, dois/três dias. Por isso, lá na fronteira os espanhóis perguntaram-nos para mostrar o dinheiro. Quem tinha dinheiro não recebeu carimbo do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras mas acho que também foi uma coisa combinada porque apareceu logo um taxista francês e nós não sabíamos falar língua nenhuma mas através dos gestos conseguimos explicar. Ele perguntou se nós queríamos ir para o lado de Espanha e nós dizíamos que sim, que era preciso ir lá. Você paga 100 euros cada um e eu mostro o caminho mas nós pensamos que talvez tenha sido combinado mesmo entre os empregados da fronteira porque fomos escolhidos, recolhidos só aquelas pessoas que mostraram dinheiro, aquelas que não tiveram dinheiro não tiveram essa hipótese de encontrar um anjo da guarda de um taxista e pagámos 100 euros cada um e ele depois fez aquele caminho entre cidades. Não é obrigatório ele passar fronteira mas nós como pessoas do leste pensávamos que ele em cada fronteira pronto, ou ficamos castigados ou conseguimos passar por isso depois chegámos até S. Sebastião e depois lá também calhou o domingo de ramos, não tivemos de falar, ninguém sabe, depois juntamo-nos no caminho, naquele táxi, quatro pessoas que conhecemos lá, três homens, só eu era a única mulher e acho que no autocarro também, todos os que saíram na fronteira eram todos homens, eu era a única mulher e depois em S. Sebastião pagámos outra vez, apareceu um ucraniano e assustou-nos, disse que ia contar à polícia que nós estávamos cá. Eu agora já raciocino, já percebo que o visto ainda era legal mas como tivemos sempre medo, como estamos longe, pronto, não tínhamos hábito de viajar no mundo livre e ele assustou-nos, pagámos mais 50 euros cada um a ele e depois ele comprou os bilhetes do comboio e de comboio fomos até Lisboa. Por isso como é que eu hei-de dizer, é mais ou menos civilizado mas andámos como coelhos assustados o caminho todo. (Natália)

Nos relatos anteriores podem observar-se duas formas diferentes de atuação destas redes de tráfico de imigrantes, a compra da viagem direta da Ucrânia ao país de acolhimento, e a compra da viagem para o primeiro país do espaço Schengen onde outro contato da agência providenciava a outra parte da viagem. O problema de comunicação, o fato de nunca terem viajado “*no mundo livre*” deixava estes imigrantes numa situação

particularmente vulnerável que era frequentemente explorada, quer por redes mais ou menos organizadas, quer por pessoas individuais.

4.4 – Chegada a Portugal

Ao chegar a Portugal, os entrevistados depararam-se com as primeiras dificuldades de ordem prática e emocionais inerentes à sua condição de imigrantes ilegais. A procura de alojamento, de trabalho e as dificuldades de comunicação foram os primeiros desafios que enfrentaram.

4.4.1 – Condições de Alojamento

Nos três casos só Natália não refere dificuldades de alojamento o que deverá estar relacionado com o fato de o marido já estar em Portugal há mais de dois anos. Nos relatos de Igor e Maria nota-se que a distância de 13 anos sobre a data dos acontecimentos permite-lhes um discurso muito bem-humorado sobre as dificuldades que enfrentaram no primeiro ano, no entanto as pausas no discurso revelam que as recordações ainda provocam algum sofrimento.

(...) mas ele já teve um amigo aqui em Estói onde tinha uma casa sem condições nenhuma sem casa de banho sem nada, dentro de umas laranjeiras e então ele dormiu em casa deste amigo sem o patrão saber que era um senhor já com idade. Nosso amigo andou com o trator a tratar das árvores das laranjas e então esse dono não sabia que meu marido viveu lá duas ou três semanas e depois eu cheguei a Portugal e também fui viver naquela casa mas como eu já disse casa de banho não havia dentro de casa e eu só podia ir à casa de banho a hora do almoço ou noite enquanto aquele homem não aparecia no trabalho mas por outro lado foi muito romântico, corria para a casa de banho e ao lado muitas romãs e laranjas e isso é outro mundo (risos), na Ucrânia não há isso foi uma romântica muito especial. Então, vivemos lá 2 semanas (...). (Maria)

(...) e levaram-nos para as estufas e lá moramos alguns dias, mas só alguns dias moramos lá, ao pé das estufas numas ruínas mesmo..... (...) era uma mudança muito radical porque alguns dias moramos em Espanha num hotel de três estrelas. Como era habitual fizemos um visto turístico, mas foi mesmo um visto turístico porque foram reservados os hotéis e tudo. Moramos lá alguns dias até procurar aqueles contactos mas não conseguimos. Depois passamos de um hotel para outro hotel (risos) era um bocadinho assustador eu nunca tinha na vida morado numas coisas assim porque lá na

Ucrânia não sei aqui pouca gente conhece a Ucrânia mas é um país civilizado com... como hei-de dizer**-não se vive naquelas condições-**, sim não se vive naquelas condições. Aqui aproveitaram aquelas ruínas, não sei.... (Igor)

Depois de conseguirem trabalho, o alojamento foi cedido pelos patrões, que aproveitaram armazéns para os alojar por isso, as condições de habitação pouco melhoraram, como nos explicam nos seguintes excertos:

Mas também não tínhamos bem quarto onde viver, era um armazém onde tinha técnica, tratores, adubos onde havia ratazanas e fizeram um cantinho com madeira assim como na Ucrânia fazem para os porcos (risos) e patrão deu uma cama individual e depois das dores de corpo que eu tinha por causa das estufas gostava tanto de esticar braços assim mas não tinha espaço porque meu marido estava ao lado. Naquela altura nasceram pequeninas ovelhas e não podiam apanhar frio lá fora, então essas ovelhas estavam ao pé da gente e à noite não sei vida deles (risos) mas eles não me deixavam dormir, não sei a palavra própria do que eles fazem (risos) o que eu quero dizer é que grande diferença deixar cama....casa.... tudo muito diferente.....(Maria)

O primeiro inverno foi muito complicado porque nós mudámos de estufas, de ruínas, para fábrica lá a cantina era bem preparada porque era a cantina para os trabalhadores mas para dormir dormimos no armazém entre as ratazanas e isso tudo e com muito frio aqui não há neve claro porque se havia neve e negativo nós se calhar morríamos lá. Como é bastante afastado dos supermercados e das lojas grandes não tivemos a possibilidade de comprar bem as roupas, cobertores e aquilo. Aproveitávamos tudo que nos deram e ajudaram o patrão e família dele, também aproveitávamos muito aquilo que encontrávamos (risos) era mesmo a sobrevivência. Construímos uma cama com um colchão em cima de uns caixotes uma coisa assim cobrimos com uma rede porque os mosquitos não nos deixavam dormir era bastante complicado. Vivemos, posso dizer, quase na rua. (Igor)

Nesta etapa do percurso migratório foram importantes a solidariedade de grupo uma vez que o primeiro alojamento foi cedido por compatriotas. Depois funcionou a solidariedade dos empregadores, que apesar das condições sub-humanas com que foram alojados, ambos referem em vários momentos da entrevista que foram muito ajudados pelos respetivos patrões.

4.4.2 – Condições de Trabalho

Ao chegar a Portugal todos arranjam facilmente trabalho, Maria no setor da agricultura, Igor na indústria e Natália na restauração, “*num café numa bomba de gasolina*”. A vinda para Portugal representou uma desqualificação profissional muito grande, porque vieram suprir carências de mão-de-obra em sectores pouco prestigiados do mercado de trabalho. Por esse motivo, não tiveram grandes dificuldades em conseguir trabalho assim que chegaram, além disso tinham outras características que agradavam aos patrões portugueses, eram muito motivados para trabalhar.

Aqui comecei a trabalhar quando cheguei no dia 10 de Junho de 2000. Nesse dia chegamos a uma estufa que nos levaram para aqui e trouxeram para aqui porque não tivemos conhecidos cá em Portugal ninguém, porque não pensávamos vir para Portugal, aconteceu assim por acaso.(...) depois passado dois dias mudamos logo para a fábrica que trabalha com as pedras que estava mesmo ao lado das estufas e aí é que comecei a minha primeira profissão cá em Portugal porque as estufas não estou a contar porque só durou alguns dias. (Igor)

Sim, ele na altura trabalhou em Fontes , ao pé de Loulé que é uma aldeia e estavam lá poucos Ucrânianos e sempre arranjam pessoas da aldeia, sempre chamaram para ajudar aqui, para ajudar ali. Fez obra naquela altura, trabalhou nas obras daquela aldeia, obras particulares e assim. Eu cheguei logo e arranjei emprego num café, numa bomba de gasolina. (Natália)

(...) dia 6 de janeiro mesmo perto daqui nessas laranjeiras arranjei o meu primeiro trabalho só a uns 200 metros daqui, quer dizer que meu marido andou á volta 25Km a procurar-me trabalho e arranjei nas estufas mesmo à frente de nós. Isso foi o meu primeiro trabalho onde eu comecei a trabalhar 6 de Janeiro de 2001, então fiquei sem trabalho só duas semanas tive sorte com isso. (...) trabalhei lá nas estufas 8 ou 9 meses mais ou menos. Meu marido só conseguiu receber do trabalho cinco meses depois, ele não tinha sorte no trabalho. Fazia um trabalho e não recebia ou então por causa da chuva mas nós já tínhamos uma proteção porque não estamos na rua estamos dentro daquele armazém e eu tinha trabalho e tínhamos luz e água já meus patrões que deram à gente. E naquela altura, já não lembro escudos, 2,5 euros por hora que eu ganhei. (Maria)

Maria e Natália fazem referência à situação de trabalho dos maridos que era muito precária e sem rendimento certo, o que está de acordo com outros estudos por nós consultados (Marques et al., 2010. Matias, 2004) em que os padrões de continuidade laboral estão mais presentes nas mulheres imigrantes do que nos homens. No entanto o caso de Igor afasta-se destes resultados, porque trabalhou durante seis anos na mesma “*fábrica das pedras*” e recebeu sempre salário.

4.4.3 – Dificuldades sentidas na chegada

A dificuldade de comunicação, e o sofrimento psicológico que a despromoção social e profissional lhe causou foram as primeiras dificuldades com que Maria se debateu nos primeiros tempos em Portugal.

Custou-me mais no primeiro trabalho em que comecei a trabalhar com tomate, e na altura que precisava ir à casa de banho eu não sabia dizer que queria ir à casa de banho e isso foi talvez o ponto mais alto que eu consegui aguentar porque comecei a chorar mesmo com uma voz alto e minha patroa foi ao pé de mim e não sabia o que fazer comigo porque eu não sei língua dela e ela não sabe língua minha, mas quando eu disse palavra *toilette* que serve para várias línguas (risos) e ela percebeu que eu queria ir a casa de banho e eu volto a repetir o psicológico foi o mais difícil, ter um curso superior ser professor e depois coisas simples não saber resolver. (Maria)

Num outro momento da entrevista, ela diz que o desconhecimento da língua lhe trazia também um outro problema que era a impossibilidade de ler ou de ter qualquer atividade intelectual.

(...) durante o tempo que trabalhava nas estufas e nas limpezas eu senti-me muito parada na minha mentalidade, posso dizer mesmo de maneira verdadeira que eu tinha ciúmes dos livros dos meus patrões que tinham em cima da mesinha de cabeceira, e eu a limpar só o pó, mas eu abria para ver e tinha vontade de saber o que é que está ali e tinha muita pena que eu não conseguia aproveitar. Sempre gostei de livros e do que gostei mais na vida é estudar isso é sem dúvida estudar saber as coisas novas. (...) Comecei a reparar que a minha memória fica cada vez mais fraca, porque memória é como qualquer órgão tem que se usar e treinar e eu praticamente não fazia nada nada com cabeça só fisicamente é que eu trabalhava. (Maria)

A primeira dificuldade referida por Igor foi a difícil comunicação no trabalho com os colegas e o patrão pois não havia mais ucranianos na fábrica o que gerava um grande isolamento e frustração pois quando surgiam conflitos não se podia defender. Refere ainda que o fato de estar com o irmão foi um grande apoio psicológico:

Também era muito importante porque nós, únicos ucranianos que estivemos lá na fábrica e pelo menos para comunicarmos nos primeiros tempos era muito complicado não tivemos nem dicionário nem nada, como é que estudamos? Eu tinha um bloco de notas e tinha que apontar que isto é o quê?...é a pedra então a pedra e como ouvia escrevia depois comecei a pedir que eles escrevessem porque ouvir é uma coisa, escrever é outra coisa e tinha..... já gozaram comigo porque andava sempre com bloco de notas na mão mas assim aprendi e passado alguns meses já dava, conseguia pelo menos perceber e dizer algumas palavras não era como agora e não estou a dizer que domino a língua portuguesa completamente mas na altura só conseguia dizer palavras mas já podia pelo menos perceber alguma coisa e dizer alguma coisa já era mais fácil já conseguíamos comunicar e é muito importante e muito complicado no início porque há sempre algumas confusões como é sempre no trabalho e depois pelo menos conseguia justificar alguma coisa ou explicar o que se passou ou mesmo defender-me. No coletivo é sempre necessário porque há pessoas muito bons aqui como em qualquer lado e há pessoas que aproveitam-se tivemos alguns conflitos mesmo no coletivo mas sem isto é impossível. (Igor)

Natália não fala sobre as dificuldades sentidas, mas sim dos desafios que a vida na nova sociedade lhe trazia, aprender uma nova língua e compreender novos hábitos. Refere a idade como sendo um aliado neste período de adaptação e aprendizagem:

Pronto como é que hei-de dizer... naquela altura tinha trinta anos, não importava nada, que era subdiretora de uma escola com 800 alunos e passar a trabalhar como empregada de mesa, naquela altura como uma brincadeira como um jogo, adaptar-se, conseguir avançar com língua, com hábitos, pronto, tentar compreender o povo, tentar compreender os hábitos dos portugueses, muitas coisas que naquela altura gostei muito, é outra maneira de viver, a alimentação, o mar, o tempo...pronto parece que são umas férias bonitas. (Natália)

Igor e Natália referem um outro problema que afetou muitos imigrantes de leste naquela época, que era a violência e a extorsão de dinheiro feita por grupos formados

por outros imigrantes de países de leste que aproveitavam a vulnerabilidade de quem chegava e de quem permanecia clandestino:

(...) e na altura ainda era bastante complicado no sentido que havia muitos gangues havia pessoas que roubaram bateram assaltaram.(...) eram pessoas que não queriam trabalhar mesmo até trabalharam nas obras e tudo mas depois para ter mais....(...) aproveitaram-se da situação em que as pessoas chegaram e não conhecem ninguém e aproveitaram-se e abusaram nesta base.(Igor)

Mas foi muito duro para o meu marido porque naquela altura ele ficou em situação ilegal, viveu nas obras e depois também foi explorado pelos, não é compatriotas, mas pessoas do leste, Moldavos e Romanos. (...)E depois quando eu já cheguei, 2002/2003, o Estado português começou a resolver esses problemas, esta máfia do leste como se chamou este processo e depois daquele julgamento que foi presos a maioria dos gerentes daquela máfia, pronto começámos a viver muito bem mas naquele primeiro ano, até você talvez já saiba, nós pessoas do leste usamos aliança na mão direita e quando saímos para cidade sempre trocamos para mão esquerda porque através disto eles reconheciam-nos. (Natália)

Estes problemas verificaram-se no início do ciclo migratório dos países de leste para Portugal pelas questões já acima referidas, entrada e permanência irregular, desconhecimento total da língua e sobretudo a falta de redes de apoio solidárias à chegada. Esta situação foi-se alterando à medida que as autoridades portuguesas foram desmantelando as redes de tráfico mais ativas em território nacional. Por outro lado o processo de regularização extraordinário, de trabalhadores imigrantes, ocorrido em permanência de Janeiro a Novembro de 2001 permitiu a legalização de milhares de imigrantes o que os deixou menos vulneráveis e permitiu o estabelecimento destas comunidades na sociedade portuguesa.

4.4.4 – Legalização

Nenhum dos entrevistados revelou problemas para se legalizar, todos conseguiram contratos de trabalho e vistos de permanência temporária que lhes permitia residir em território nacional enquanto possuíssem um contrato de trabalho válido. Atualmente todos possuem vistos de residência permanente que lhes conferem direitos civis e sociais em igualdade de circunstância com os cidadãos nacionais, com exclusão

dos direitos políticos porque não podem participar em eleições nem ser eleitos para cargos públicos.

Natália e o marido conseguiram contratos de trabalho em troca de salários mais baixos, apesar disso refere que nunca se sentiu discriminada e que a forma como os portugueses a receberam a ajudou a integrar-se na sociedade portuguesa e a aceitar a sua situação de despromoção social:

Mas depois começamos a pensar legalizar a nossa situação porque ficámos os dois ilegais e naquela altura apareceu uma proposta. Uma senhora que ia pagar menos mas que arranjava vistos, que fazia contratos a nós dois e nós mudamos. Fui trabalhar para uma vivenda, pronto, talvez aqui seja importante dizer que sempre fomos bem tratados pelos portugueses, nunca senti nenhuma discriminação por parte dos portugueses e acho que isso ajudou muito a que nos tivéssemos integrado na comunidade, nesta vida e aceitar aquela minha situação que...pronto uma queda social e pronto.(Natália)

Igor não refere quando é que se legalizou mas sim como a mulher o fez, no entanto ele revela um pormenor interessante que é o meio de transporte com que regressou a Portugal quando foi buscar a mulher, ele veio de avião enquanto ela veio de autocarro, o que indica que ele já podia entrar em Portugal legalmente ao passo que a mulher seguiu o mesmo esquema que todos os outros imigrantes que entravam de forma irregular, utilizou o autocarro como meio de transporte:

A minha esposa ainda conseguiu chegar a Portugal, na altura eram dois ou três anos quando fizeram os vistos às pessoas que não estiveram legal cá em Portugal, não tiveram documentos ou caducaram os vistos uma coisa assim ou chegaram mesmo sem nada e ela ainda conseguiu ter contrato e fez assim legalização.

Eu, quando trabalhava na fábrica cheguei cá com o meu irmão e nós os dois trabalhamos na fábrica e passado um ano queríamos ir embora ou pelo menos ir ver a família, já tinha passado um ano e fomos para a Ucrânia e depois vi que a situação não melhorou muito na Ucrânia e depois fizemos da mesma maneira os documentos da minha esposa e eu fui de avião e ela foi de autocarro, depois cá em baixo mesmo na estação dos autocarros estava à espera dela e começámos a viver os dois aqui em Santa Bárbara porque a fábrica é mesmo aqui perto de Santa Bárbara é um sítio o Colmeal e depois passado um ano conseguimos estar legalizados.(Igor)

Maria é dos três entrevistados a que teve a sua legalização mais facilitada, porque obteve logo contrato de trabalho e visto de permanência porque o patrão que era analfabeto contratou uma advogada para tratar de toda a burocracia. As diferenças de nível escolar entre empregadores portugueses e imigrantes de leste foram uma das características que os diferenciaram das outras comunidades imigrantes.

Para mim não foi difícil nada porque aquele patrão onde eu trabalhava, coitado não sabia nada escrever nem ler nem nada, ele arranhou uma advogada que tratou da minha documentação, ela logo arranhou número de contribuinte e tudo, eu não tinha uma pequenina preocupação porque a minha chegada a Portugal a 19 de dezembro e eu logo dia 6 primeiro dia do meu contrato. Eu sempre tive contrato e fui legalizada através do meu primeiro patrão com ajuda de uma advogada porque ele não sabia tratar essas coisas.(Maria)

A relativa facilidade na obtenção do estatuto legal terá a ver com dois fatores, as condições do primeiro emprego e as políticas de imigração do país. No caso dos entrevistados verifica-se que nenhum foi vítima de exploração laboral, quer por parte de redes mafiosas quer por parte de patrões portugueses menos escrupulosos, apesar de Igor e Natália terem sido vítimas de discriminação salarial. Todos obtiveram contratos de trabalho que ao abrigo do Decreto- Lei nº 4/2001, de 10 de Janeiro, que regulou as condições de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional, lhes permitiu obter vistos de permanência e residir legalmente em território nacional enquanto possuíssem contrato de trabalho.

4.5 - A religião e o papel da igreja nas redes de sociabilidade

Dois dos entrevistados referem que a religião tem uma dimensão central nas suas vidas, ela influencia os hábitos culturais, as relações sociais e que a prática religiosa reforça os laços familiares alargados entre pais, filhos, avós e netos.

Sou católico mas ortodoxo (...) e na região da Ucrânia de onde eu sou tem muita importância muita influência na vida, nos hábitos e costumes está tudo junto, tudo ligado, faz parte da vida, por isso é bastante importante para nós. (Igor)

(...) no Algarve a maioria dos ucranianos são parte oeste do país. Antigamente a nossa terra fazia parte da Polónia por isso aquela tradição religiosa é muito forte e continua

forte e para nós é normal quando a família toda frequenta a Igreja, missas e pais, avós, filhos, netos, todos os domingos mais ou menos e por isso aqui estamos habituados, não é só hábito, é uma necessidade talvez porque é uma experiência de vida toda, de pequenino participarmos nas missas,... (Natália)

Tendo a religião um papel tão importante nas suas vidas, a Igreja foi o primeiro espaço que procuraram para alargar as suas redes sociais com outros membros da comunidade ucraniana. No início como refere Natália frequentavam as missas portuguesas e foi aí que começou a conhecer outros compatriotas:

Eu cheguei em Abril de 2001 e comecei a assistir às missas portuguesas e foi lá que conheci umas ucranianas, encontrámo-nos lá na Igreja, pronto acho que vocês aqui têm de compreender que é complicado por que lá eu já tinha o meu lugar na sociedade, já fui conhecida e reconhecida pelo meu trabalho agora aqui é aquela questão do *status* social, ninguém conhece quem és tu ninguém conhece que és capaz, por isso um ano parece-me que é como é que eu hei-de dizer, tentei conhecer bem a comunidade, tentei entrar em alguns grupos claro que sempre tive aproximação com pessoas crentes da Igreja e quando lá percebi que há pessoas que pensam mais ou menos como eu acho que no fim de um ano começámos a encontrar-nos. (Natália)

Com a afluência destes novos crentes, a igreja católica portuguesa começou a organizar-se para lhes dar apoio. De acordo com Natália foi a Igreja católica que deu os primeiros passos na aproximação à comunidade ucraniana. Na sua entrevista revela aspetos interessantes sobre o papel da igreja católica em Faro na integração e no reforço da identidade cultural desta comunidade, referindo as aulas de português oferecidas pela paróquia de S. Luís e o apoio na manutenção das suas práticas culturais, pois os rituais de celebração são uma faceta fundamental do cristianismo de Leste.

(...) acho que é importante dizer que primeiro aproximaram-se dos imigrantes da minha comunidade dos ucranianos, a Igreja Católica aqui em Faro, portuguesa porque em Lisboa é a mesma coisa. Eles primeiro começaram a preocupar-se com a nossa situação, dar aulas para melhorar o português e através destas aulas,(...) começámos a conhecer-nos uns aos outros e depois surgiu a ideia, acho que no Convento dos Franciscanos, na Igreja de S. Francisco aqui em Faro, fazer uma missa para imigrantes do leste mas sei que eles lá fizeram obras e trabalhou lá um grupo de ucranianos e nós temos umas tradições fortes e diferentes na páscoa e no natal. Na páscoa estamos

habitados a benzer produtos e cada um chega ao pé da igreja com um cesto, com produtos que foram proibidos no tempo da quaresma, carne, chouriços, queijo fresco, essas coisas e no dia de páscoa estamos habituados a ir até à Igreja e depois o Padre benze aquilo e eles pediram ao Padre Franciscano e ele benzeu aquilo só para eles e depois não sei como é que surgiu ali e os Padres Franciscanos para aproximar a nossa comunidade convidaram um Padre ucraniano de Lisboa, já não me lembro do ano, acho que foi em 2001 ou 2002 e fizeram uma missa de natal na Igreja de S. Francisco e juntou muitas pessoas, talvez 300 ou mais e depois fizeram um jantar para todos nós lá no pátio e pronto, começámos a nos conhecer mais uns aos outros. (Natália)

A cedência de espaços para serviços religiosos e outras atividades são outro aspeto a salientar na relação da Igreja católica com a comunidade ucraniana. A diocese de Faro ofereceu a capela de Santo António do Alto, para a realização das liturgias dominicais de ritual bizantino, realizadas pelo padre Oleg conforme pudemos observar na missa do segundo domingo depois da Páscoa.

O salão paroquial da Igreja de S. Luís foi também disponibilizado para reuniões da comunidade ucraniana e foi também nesse espaço que Natália começou a dar as primeiras aulas aos filhos dos imigrantes ucranianos, não com o intuito de preservar a língua e cultura ucraniana, como atualmente, mas com o objetivo de os ajudar no processo de adaptação à escola e à sociedade portuguesa:

(...) tive umas 10 crianças. Tivemos aulas na Igreja de S. Luís porque o Padre Rocha deu autorização para usarmos o espaço, um ano mais ou menos. Mas naquela altura tivemos objetivos de escola completamente diferentes, servíamos para ajudar na adaptação, na integração das crianças ucranianas porque elas também sofriam com a adaptação na comunidade escolar portuguesa, por falta do conhecimento da língua e essas coisas. (Natália)

Esta relação de proximidade entre a igreja católica portuguesa e a comunidade de imigrantes da europa de leste deve-se, segundo Vilaça (2008) ao fato de os católicos ortodoxos e de rito bizantino serem portadores de uma identidade religiosa que os aproxima à Igreja Católica Romana. As afinidades históricas e doutrinárias facilitam a realização de atividades conjuntas e promovem novas formas de solidariedade que não se observam com outras religiões.

A Igreja é essencialmente um espaço facilitador de relações sociais nesta comunidade como pudemos observar na missa a que assistimos na capela de Santo António do Alto, em que depois do serviço religioso as pessoas ficaram ainda bastante tempo em convívio no pátio à volta da capela.

Constata-se nos seus relatos que a religião é um elemento estruturante da identidade coletiva e que as relações sociais informais que se estabeleceram na igreja foram uma fonte de capital social que lhes proporcionou ajuda em momentos difíceis no caso de Maria e a realização de projetos no caso de Natália e Igor.

4.6- O nascer da Associação

Esta aproximação entre a igreja católica portuguesa e as comunidades vindas dos países de Leste começou a ter mais expressão a partir de 2003. Nesta época começaram também a surgir jornais em língua russa o que possibilitou a difusão de notícias e informações sobre as várias comunidades de leste espalhadas por Portugal permitindo um maior contacto entre os imigrantes.

A ideia de se juntarem numa associação surge numa destas missas em que um grupo de ucranianos, de que faziam parte Igor e Natália, tomaram conhecimento de um movimento de ucranianos de Lisboa que queria fazer uma associação com várias sedes em rede:

Através desta altura, acho que no ano de 2003, começaram a ter missas aos domingos, começaram a juntar pessoas, depois começaram a sair jornais do leste, em língua russa mas lá também com muitos avisos, muitas publicidades, começámos a ter mais contactos e depois naquela revista, no ano de 2003, saiu um aviso com uma ideia do grupo de ucranianos de Lisboa, juntar-se delegados de todas as regiões de Portugal, delegados ucranianos para criar uma Associação de Ucrânianos de Portugal e nós na missa, eu por acaso, trouxe aquele aviso e o Padre autorizou fazer aquele aviso lá e fizemos a reunião mesmo lá dentro da Igreja, escolhemos um delegado da nossa comunidade e a partir dali, mais ou menos em 2003, começámos a funcionar como uma sede, em rede, de Associação dos Ucrânianos em Portugal (...). (Natália)

A partir de 2004 o governo português através das autarquias começou a implementar políticas muito ativas de integração dos imigrantes. Através dos Centros

Locais de Apoio aos Imigrantes (CLAI) que trabalhavam em parceria com as Câmaras Municipais na realização de projetos direcionados para a integração e apoio aos imigrantes.

Um dos primeiros projetos realizado pela Câmara Municipal de Faro foi a edição de um livro sobre todas as comunidades de imigrantes da região, este projeto foi o primeiro passo para conhecer estas comunidades e como nos diz Natália foi a partir deste projeto que,

(...) nós conhecemos aquelas pessoas mais socialmente ativas e através da proposta de CLAI de Faro começámos a pensar fazer.....não funcionar como uma rede, mas criar uma associação própria.” (Natália)

No entanto a ajuda para concretizar todo o processo burocrático para constituir a Associação de Ucrânianos do Algarve veio da Igreja como salienta a entrevistada:

A irmã Maria Isilda ajudou, é um membro da Igreja Católica portuguesa, ela naquela altura era responsável pelo trabalho com os imigrantes e ela é uma das nossas fundadoras da Associação dos Ucrânianos de Portugal, fizemos um estatuto, ainda não falávamos bem o português mas tivemos a ajuda dela. Pagámos a escritura no notariado aqui em Faro e a partir do ano de 2005 começámos a ter como nome, Associação dos Ucrânianos no Algarve e começámos a trabalhar como uma associação. Quer dizer, o papel mais forte sempre foi da Igreja Católica, talvez porque a nossa mentalidade é sermos crentes, a maioria, e com esta necessidade e através do contato pela Igreja Portuguesa conseguimos aquilo que temos (...) e nós somos a primeira das três associações criadas naquela altura, 2004/2005. (Natália)

A influência das instituições políticas e religiosas foram determinantes no nascimento da associação o que está de acordo com Schrover e Vermeulen (2005) que dizem que o nível de organização imigrante depende fortemente da configuração do poder político e da estrutura das instituições políticas na sociedade de acolhimento.

A Associação de Ucrânianos do Algarve constitui-se formalmente em abril de 2005 e definiu como principal objetivo promover a integração dos ucrânianos na sociedade portuguesa, no entanto como diz Natália,

No início o maior papel é para nós próprios, fizemos uma vida muito fechada porque tentámos manter só as nossas tradições, manter a nossa língua, seguir os nossos feriados, as nossas festas tradicionais, isto tudo, mas depois começámos a fazer esse papel social para a comunidade ucraniana para os imigrantes e depois também conhecer Portugal acho que também é um papel importante para uma associação. (Natália)

Verifica-se que o papel da associação foi primeiramente o de afirmar os valores e as crenças do grupo numa ação centrada nos associados. Com o tempo a sua ação estendeu-se a outros membros da comunidade ucraniana que não faziam parte da associação proporcionando apoio assistencial a quem dele necessitava. Por último o seu papel direcionou-se também para a integração dos associados na sociedade portuguesa ao promover eventos e debates que proporcionaram conhecimentos sobre o país.

4.6.1- Experiências associativas anteriores

As experiências associativas surgiram, nos três casos, na infância e enquadradas no sistema educativo ucraniano, em que a participação associativa era obrigatória desde o ensino básico até ao final do percurso escolar e estava relacionada com a manutenção do regime político soviético.

O relato seguinte exemplifica bem a experiência associativa porque todos tiveram de passar e o seu cariz político em que o uso de símbolos e o culto da imagem de Lenine eram centrais, pois estas associações tinham como objetivo educar dentro dos valores políticos do regime, de forma a manter a coesão social.

Talvez primeira experiência associativa, tudo tem de ver com aquele momento de regime soviético. Primeira associação onde eu tinha de entrar com a idade de 7 ou oito anos crianças na escola recebem um nome que se chamava (nome estrangeiro) quer dizer uma estrela de cinco pontas e no meio a fotografia de Lenine pequenino então crianças quando entram na escola estudam meio ano normal e depois uma festa muito importante e entram nessa associação. Depois com o 5º ano entra-se noutra associação que se chama Pioner. Pioner era muito sério por exemplo o símbolo dos pioneiros naquele momento era um lenço em triângulo que tinha de ser no pescoço, vermelho e até lembro casos quando um aluno ou aluna esquecesse em casa não deixavam entrar na escola tinha que ir a casa buscar esse lenço porque isso era muito importante, tudo tem a ver com o socialismo os símbolos eram muito importante. Depois terceira associação onde entrei porque ninguém não tinha hipótese de não entrar porque tinha

de ser chamava-se Konsomol e tínhamos uma coisa não sei como se chama (mãos no peito) **crachá?** Isso com a foto de Lenine jovem. Entrar nessa associação era muita responsabilidade nós tínhamos de estudar um estatuto de tamanho muito grande e depois nós íamos a uns inspetores fazer uma avaliação como se fosse um teste oral faziam perguntas sobre aquele estatuto todo e sobre a vida de Lenine e sobre o socialismo. Um jovem ou aluno que não tinha Konsomol ele não tinha direito de entrar em nenhuma Universidade, não podia ser, eu não lembro ninguém da minha idade que não fazia parte de Konsomol. E claro eu sei mas eu não cheguei a estar depois do (nome estrangeiro), os jovens ficam comunistas mas isso naquela altura já não apanhei isso nos anos 90. (Maria)

Depois destas experiências associativas na infância e juventude, Igor não refere mais nenhuma associação a que tivesse pertencido, Maria e Natália procuraram outras associações de acordo com os seus interesses e sociabilidades, conforme nos dizem nos seguintes excertos:

(...) depois eu comecei a ajudar na Igreja, abriu uma Igreja na nossa cidade. Não me esqueço que naquele tempo, soviético, a Igreja Católica foi proibida e eu trabalhei na escola e conheci lá freiras e começámos a juntar uma comunidade jovem, crentes, católicos, e eu sou uma das fundadoras da Associação de Jovens Católicos da minha cidade uma associação pequenina. O meu orgulho pequenino porque a partir daquele nosso trabalho, naquela altura saíram dois padres da nossa associação e dois jovens entraram no convento. (Natália)

(...) Na altura da universidade, como eu já disse, nunca tinha vida calma. Eu era delegada de turma então eu tinha de participar nas reuniões depois eu também recebi bolsa para toda a turma e depois eu que tinha de dar para os meus colegas, distribuir, e qualquer problema ou coisa boa eu tinha de receber em nome da turma. Depois de acabar a Universidade a mesma coisa, fiz parte da associação dos professores e também de associação desportiva como eu já tinha dito sempre estava presente nos jogos. (Maria)

4.6.2 - Motivações para a participação associativa

Vários motivos foram indicados pelos entrevistados para a sua participação associativa: ajudar a resolver os problemas da comunidade; criar um espaço de encontro e convívio entre os seus membros; promover a imagem positiva do grupo de pertença;

conseguir um emprego. No caso de Igor e Natália, sócios fundadores, a participação decorre de uma estratégia concebida a priori por cada um, no caso de Maria a associação surge por acaso.

Igor refere que sempre sentiu necessidade de uma organização que ajudasse a resolver os problemas com que a comunidade ucraniana se defrontava dado que a permanência em Portugal seria mais longa do que tinham planeado:

Com o tempo que estamos cá e percebemos que isto não vai acabar tão cedo como nós pensamos como já estava a dizer começamos a perceber que temos de nos juntar para conseguir resolver muitas coisas e precisávamos de uma organização e sempre andei à procura de uma organização que juntasse ucranianos porque sabia que sozinho é muito mais complicado resolver as coisas e também conviver com outros ucranianos conhecer mais pessoas. (Igor)

Natália, tal como Igor, sentiu necessidade de uma organização que prestasse ajuda e assistência aos membros da sua comunidade e ao mesmo tempo servisse de ligação entre as autoridades portuguesas e a comunidade ucraniana:

Bem a primeira coisa é que temos falta de um ponto de encontro para todos, a primeira coisa é as pessoas ajudarem a comunidade ucraniana, quem tem falta do conhecimento do português porque surgem problemas com trabalhos, com as condições do trabalho é o primeiro papel de qualquer associação dos imigrantes é esse, ajudar, explicar, encaminhar, coisas porque a associação é também um ponto de encontro para as entidades portuguesas porque podem contar sempre connosco para comunicar com pessoas, para fazer avisos, para fazer a divulgação das leis, legislação portuguesa, também ajudamos muitas vezes, eu própria fui traduzir nas diferentes entidades portuguesas para ucranianos que tinham falta, situações complicadas, fomos muitas vezes ao hospital e já tivemos contactos com o hospital, fomos chamados propriamente como associação. (Natália)

No excerto seguinte, a possibilidade de ter um emprego foi a razão principal que motivou Maria a tomar a iniciativa de contactar a associação, com vista a dar aulas na escola para crianças ucranianas. A identificação com os valores e os objetivos da associação é significativa mas a sua participação na associação sempre dependeu da possibilidade de dar aulas, ainda que só aos domingos.

Tornei-me associada como obrigação. O presidente da associação era o mesmo presidente da escola e os professores eram obrigados a pagar quotas, tiravam logo do ordenado.(...) durante dois anos, um pouco mais, eu fazia parte da assembleia da associação, eu e mais duas pessoas, irmã Isilda do Convento e um senhor português que faz parte da associação que podemos dizer é 50% porque é casado com uma ucraniana. Essa assembleia, fazia reuniões mas, parte fraca da minha parte, tenho que dizer isto eu não podia estar presente, porque entrei na universidade e tanta ocupação que já não dava. (...) O que acontecia, é que eu fazia muito mais vida participativa na escola, porque claro, tenho que estar presente todos os fins-de-semana para dar as aulas, fazer papel de subdiretora da escola e também atividades da escola, continuo a participar na associação, mas já menos. (...) Fazer parte da associação que tem a ver com a escola, eu não imagino vida sem participação, porque quando trabalhava só nas estufas ou nas limpezas..., mais tarde escola para mim é uma coisa espiritual, a alma e o meu coração. Quando fui à escola, eu disse, se a escola não tem condições para me pagar eu aceito trabalhar, porque isso é o que eu gosto da minha alma. (Maria)

A situação apresentada é ilustrativa da importância da oportunidade de exercer uma atividade profissional na associação como forma de conseguir manter a sua colaboração. O emprego não é o fator que a motiva a ser associada, o fator decisivo é a forte motivação em trabalhar na área da educação, que a leva a empenhar-se em manter a sua participação na associação, não obstante ter outros empregos.

Olhando para as motivações que conduziram ao início e continuidade da participação associativa constata-se que existe uma articulação entre motivos mais “egoístas”, pela procura em satisfazer necessidades individuais como o acesso a um emprego, e motivos mais altruístas, traduzidos na preocupação em resolver problemas que afetam a comunidade ucraniana.

4.6.3 - Recursos

A participação cívica, segundo Verba, Schlozman e Brady (1995) não depende só da vontade do indivíduo mas orienta-se em torno de duas ordens de fatores: a motivação e a capacidade. Sendo a vontade a primeira condição para um indivíduo se envolver em algo, torna-se necessário que a essa vontade se associem condições que tornem possível a respetiva concretização. (Albuquerque, 2008)

A situação económica, a escolaridade e a personalidade são fatores que no caso dos entrevistados contribuem, a nosso ver, para a participação associativa.

Em relação à situação económica e porque até à data da investigação a associação só contava com os recursos financeiros dos seus associados, verifica-se que a partir de 2004 não só os entrevistados mas uma parte da comunidade ucraniana, já tinham uma situação económica estável que lhes permitia reunir recursos e ter tempo para criar e manter a associação.

Outro aspeto que sobressai como significativo é o nível de escolaridade pois parece-nos nos três casos ter contribuído para a aquisição de competências úteis para a interação social e a participação cívica nomeadamente competências para comunicar referidas por Verba et. al (1995), porque compreender e realizar todos os processos burocráticos e manter ligações com instituições públicas quando não se domina a língua, pressupõe competências inerentes a um nível de instrução superior.

4.6.4 - Experiências relevantes na associação

Igor refere como experiências importantes dentro da associação a comunicação com instituições e associações portuguesas e estrangeiras, o que reflete a importância das redes organizacionais para a associação:

Para mim nós temos comunicação com embaixada nós temos comunicações com instituições portuguesas temos comunicações com associações de outros países também porque costumamos participar no dia dos imigrantes em Estoi (...). (Igor)

Para Natália as experiências mais marcantes foram aquelas em que interveio na ajuda aos seus compatriotas em dificuldades, dando como exemplo a situação de uma mulher ucraniana que sofria de perturbações mentais e vivia nas ruas de Faro. A sua narrativa remete-nos para o papel que uma associação pode ter no apoio a imigrantes que sofrem do Síndrome do Imigrante com Stress Crónico e Múltiplo, mais conhecido por Síndrome de Ulisses. Descrito pela primeira vez pelo psiquiatra espanhol Joseba Achotegui, consiste na manifestação de perturbações mentais em imigrantes sujeitos a níveis muito intensos de stresse que bloqueiam a capacidade humana de adaptação. Na base da síndrome estão a extrema solidão, a falha do projeto migratório e as condições de extrema privação e de medo a que muitos imigrantes estão sujeitos atualmente. (Achotegui, 2008)

Aquelas situações quando os meus compatriotas estão em situações complicadíssimas ou por causa da saúde, a maioria por causa da saúde, ou por acidentes no trabalho e tivemos cá duas ou três vezes este acontecimento, uma mulher que enlouqueceu pronto e ela não é da comunidade aqui de Faro e ela andou muitas vezes a pedir esmola ao pé dos supermercados e ninguém sabia que era uma ucraniana, pensávamos que era uma inglesa e acho que a história dela mostra muito bem o que uma associação pode fazer, já não me lembro muito bem do ano talvez em 2005/2006 não, talvez em 2007/2008 recebi um telefonema de Lisboa de uma vila qualquer de Lisboa, telefonou um senhor, o Luís, também já não me lembro muito bem do apelido dele, era da Câmara Municipal e ele explicou que ele lá voluntariamente ajudava imigrantes e que tinha tido um pedido de um ucraniano que andava a procurar uma vizinha compatriota, da mesma aldeia dele na Ucrânia, e que a família dela pediu para ele tentar localizar a mãe ou filha daquela família e este senhor da Câmara Municipal conseguiu através dos registos da segurança social fazer essa busca para encontrar a localização da mulher, através dos últimos descontos do local de trabalho e ele descobriu que ela teve qualquer serviço aqui na região do Algarve e que provavelmente estaria em Faro. Ele explicou logo que a senhora era doente mental mas não estava assumida, era através daquilo que as pessoas contavam e eu depois comecei a procurar na igreja, a perguntar às pessoas e ninguém sabia e depois mais ou menos naquele tempo telefonou um senhor aqui da polícia, o Sargento Carmo, telefonou-me a dizer que precisava de uma tradutora porque eles tinham encontrado uma mulher, achavam que era ucraniana, e que precisavam de ajuda para traduzir, para se poderem entender com ela. Depois esse senhor Luís, através daquilo que ele contou forçou a polícia a procurar por ela e depois da busca encontraram-na. Ela andava nas ruas, nós nunca pensámos que ela era ucraniana e depois o senhor Luís através de uma ameaça, que ia chamar os jornais portugueses porque a polícia não queria cumprir o seu papel, eles encontraram-na, depois foi hospitalizada em Faro e depois ele também contactou a Câmara Municipal, o CLAI e fizemos uma reunião entre todas as entidades, polícia, jornal russo do leste aqui de Faro (nome estrangeiro), CLAI e chamaram-me como representante da comunidade ucraniana para resolver a situação dela. Infelizmente ela não conseguiu ser hospitalizada no Hospital de Saúde Mental, não havia vaga naquela altura mas foi tratada das doenças dermatológicas porque andou nas ruas, depois no fim de duas, três semanas de tratamento o CLAI conseguiu através do projeto retorno voluntário que ela regressasse à Ucrânia e pronto. (Natália)

Este relato faz ainda sobressair o papel da associação como ator social que complementa a intervenção do Estado, através da oferta de serviços de tradução e mediação, suprimindo necessidades para as quais as instituições oficiais não são suficientes. Desta forma a pertença à associação permite-lhes um relacionamento mais sustentado e fortalecido com as instituições públicas para resolução dos problemas que afetam a comunidade ucraniana. Por outro lado, remete também para a valorização da ação coletiva, em que os ganhos que se obtêm revertem para toda a comunidade e não exclusivamente para a associação e seus associados.

Outras experiências referidas como sendo significativas na vida de Maria e Natália foram a participação em festas e celebrações organizadas pela associação porque permitiram a mobilização da comunidade em torno das suas especificidades culturais e ao mesmo tempo promoveram a visibilidade do grupo junto da sociedade portuguesa.

Sim, o ano de 2010 talvez seja o melhor ano para o meu trabalho na associação porque conseguimos promover o projeto, o Festival Cultural Ucraniano e com a autorização e aceitação da Câmara Municipal de Faro facilitou muito e conseguimos, é o meu orgulho sim porque naquela altura era a presidente da Associação dos Ucranianos e consegui juntar todos os ucranianos de Portugal, muito importante, todas as associações e a Câmara Municipal ofereceu o Teatro Lethes, o melhor sítio que podemos imaginar para essa coisa [evento] porque todos os ucranianos de Portugal que participaram ficaram encantados com o lugar, como é que tu conseguiste e pronto, foi uma experiência importante, bonita e conseguimos ter muitos espetadores portugueses que queriam conhecer a nossa cultura, consegui ter também os melhores artistas da nossa comunidade de Portugal todo, de Coimbra, de Lisboa, do Alentejo, mais ou menos de todos os lados de Portugal, consegui juntar todos e foi uma experiência linda, bonita, inesquecível, pronto e naquela altura pensei fazer em cada dois anos pelo menos mas acho que já não consigo. (Natália)

(...) quando a Ucrânia ficou separada da União Soviética, como se chama essa palavra, conseguiu ganhar..... **Independência**, é isso, lembro que fizemos uma festa com autorização da Câmara que apoiou muito bem a associação de ucranianos, eles deram hipóteses de fazer esta festa no meio da cidade, no palco da doca que nós, como se diz, recebe um frio nas costas (emoção) com nossas bandeiras e eu estava com coroa na cabeça e roupa tradicional, estava no meio com pão, uma forma tradicional

de receber as pessoas e o nosso hino e muito prazer que conseguimos ouvir nosso hino quase em metade da cidade, porque lá na doca dá para ouvir para muito longe. (...)A associação e a escola, recebeu pessoas importantes como por exemplo fizemos encontro com os nossos jogadores de futebol mais importantes do nosso país como por exemplo Andry Schuschenko, todas as pessoas o conhecem. Os alunos tiraram fotografias com eles e eu acho que se vivessem na Ucrânia nunca teriam essa hipótese.(Maria)

Estas atividades pretendem afirmar certos elementos etno-culturais (como a língua, religião, gastronomia, vestuário, música, entre outros), e procuram, a nível institucional beneficiar a comunidade de imigrantes com uma certa visibilidade, o que, de alguma forma traduz um desejo de participar socialmente na sociedade de acolhimento, mas não de uma forma assimilacionista. (Sardinha, 2010)

4.6.5 -Aprendizagens no meio associativo

A associação, enquanto espaço de socialização, oferece oportunidades de aprendizagem muito significativas que ocorrem precisamente nos relacionamentos que se tecem, nas atividades, tarefas e gestão quotidianas da associação.

Igor sublinha a exigência que a gestão de uma associação implica, pela multiplicidade de funções que um dirigente tem de assumir em simultâneo, pressupondo capacidades comunicacionais e competências sociais para reunir consensos e dar resposta aos problemas que vão surgindo. É neste contexto que ele valoriza as suas aprendizagens.

(...) e o que é que para mim era importante na associação o que é que consegui aprender se calhar a coisa mais importante foi aprender a comunicar com as pessoas e aprender a resolver situações às vezes bastante complicadas dirigir a associação e juntar pessoas mesmo diferentes numa organização é bastante complicado parece de longe que não é nada extraordinário mas é bastante complicado.(...) porque as pessoas são muito muito diferentes, por exemplo numa instituição ou numa firma as pessoas têm alguma coisa em comum o trabalho ou as funções aqui é diferente juntam-se pessoas diferentes com costumes diferente como até tradições diferentes porque a Ucrânia é bastante grande e cada região tem uma coisa diferente e com opiniões diferentes e isso é bastante complicado. (Igor)

Noutra perspetiva, a narrativa de Natália remete para o papel que uma associação pode desempenhar em termos de integração dos seus membros na sociedade de acolhimento, promovendo atividades lúdicas que permitam conhecer o país e promover a interação com a população autóctone. Neste sentido, ela fala das excursões a vários pontos do país organizadas pela associação como um meio privilegiado de aquisição de conhecimentos sobre a cultura portuguesa.

(...) também conhecer Portugal acho que também é um papel importante para uma associação, fizemos na altura muitas excursões para facilitar a integração na comunidade portuguesa, conhecer a cultura do país de acolhimento e fizemos muitas excursões e continuamos a fazer, até já temos portugueses connosco, (Natália)

Por outro lado a experiência associativa, diz Natália, produz uma maior consciência social, ao confrontar-se com as dificuldades por que passam outras pessoas da sua comunidade com menos recursos sociais e económicos fez com que aprendesse a relativizar os seus próprios problemas.

Sim muito importante e como é que eu hei-de dizer, às vezes serve de "abre-olhos" porque nós achamos que não estamos bem e ao comparar com situações das outras pessoas estamos muito melhor (...). (Natália)

A interação social é também uma fonte de aprendizagem, as pessoas com as quais se trabalha e o contexto social onde se trabalha são fonte de conhecimento e de estímulo intelectual, como podemos ver pelo relato de Maria.

(...) contactos com pessoas mesmo importantes, ser responsável por receber pessoas do consulado, tinha muita responsabilidade. Quando paramos com a leitura dos livros, com conversas e dar aulas nós perdemos vocabulário só treinamos palavras simples na família e quando falamos com uma pessoa assim (importante) sentimos necessidade de usar mais palavras e sempre aprendemos mais. (Maria)

Constata-se, pelos relatos acima descritos, que a participação associativa tendo em consideração as redes de relações sociais que promove e as tarefas e atividades que aí se desempenham, é ela própria um processo de aquisição de conhecimentos, de

aptidões e competências sociais, constituindo por isso uma forma de aprendizagem significativa.

4.6.6 - Pessoas significativas no processo de aprendizagem

As aprendizagens que surgem em contexto associativo podem estar de alguma forma ligadas a pessoas e à intensidade das relações que com elas se estabelecem. Neste sentido perguntou-se aos entrevistados que pessoas conheceram através da associação que tiveram importância nas suas vidas.

Natália diz, que a participação na associação lhe permitiu conhecer portugueses que também se dedicam ao trabalho com comunidades imigrantes e estes contactos abriram-lhe as portas de um mundo completamente diferente daquele com que teve de contactar quando chegou a Portugal. A prática associativa deu-lhe a possibilidade de se relacionar com pessoas socialmente ativas, que lhe reconhecem o estatuto social que perdeu no processo migratório.

Acho que, bom a primeira coisa que conheci foram os portugueses que trabalham naquelas áreas que eu gosto, como conheci muitos presidentes de outras associações, também tive muita colaboração com CLAI, com outras entidades que colaboram com imigrantes, depois da colaboração com o CLAI das outras cidades, eles agora para mim já são amigos, responsáveis pelo trabalho na comunidade de imigrantes de Vila Real de Santo António, São Brás de Alportel, também aqui de Faro, de Albufeira, e também conhecimento, como é que hei-de dizer... graças a Deus que através da associação eu tenho comunicação com aquelas pessoas que eu tenho necessidade, não estou obrigada a comunicar só por obrigação por isso isto é muito importante para me manter a mim própria como sou e por outro lado é importante que através da associação consegui criar amigos porque é claro que quando entramos em Portugal tive de comunicar com aquelas pessoas mais próximas que tive à volta de mim e muitas vezes não gostei nada daquela gente, daquelas famílias, daquelas mulheres mas não tive outra resposta pronto, agora por 10 anos, como é que hei de dizer... mantenho relacionamentos com pessoas, aqueles que estou interessada por eles, que gosto de contatar com elas e o que também é muito importante é que através da associação consegui conhecer pessoas muito, não sei a palavra... especiais pronto, talentosas.
(Natália)

O fato de se tomar contato com realidades e grupos que estão além das relações sociais de proximidade contribui para a aquisição de um conjunto diversificado de aprendizagens e capacidades sociais, de entre as quais se destaca a valorização da ação cívica pelo contato com pessoas e organizações que se dedicam a este tipo de intervenção. (Albuquerque, 2010)

Ao contrário de Natália que refere o impacto que os conhecimentos feitos através da associação tiveram na sua vida pessoal, Igor fala das pessoas que tiveram um papel importante na vida da associação.

Na comunidade portuguesa poderia dizer a irmã Maria Isilda Soares com quem comunicamos muito e também participou como a irmã Maria Isilda o Sr. Augusto Martins que ele ajudou-nos muito na organização do espaço e dos papéis porque ele tem conhecimento. Este senhor tem muita prática e conhecimento da burocracia e ajudou-nos muito para organizar os papéis da associação. Também podia dizer que comuniquei muito com o Presidente da Câmara engenheiro Macário Correia e estamos muito gratos a ele que ajudou-nos muito e apoiou-nos muito mesmo cedendo aquele espaço. Não era a primeira tentativa de conseguirmos um espaço para fazer a sede (...) E por isso neste projecto e noutros projectos sempre nos apoiou e é uma pessoa muito aberta nunca conheci uma pessoa deste nível que ... como hei-de dizer um funcionário público não é de um nível qualquer é de um bocadinho elevado e ser tão aberto para as pessoas para comunicar falar e resolver as coisas é difícil encontrar. Eu sei que há muitas pessoas que não gostam, outros que gostam, é sempre assim mas como disse tivemos vários encontros com vários presidentes mas nunca tivemos uma ajuda tão grande e tão eficaz. (Igor)

Maria não revela conhecimentos significativos feitos através da associação, o que poderá estar relacionado com os motivos que a fizeram associar-se, dar aulas na escola e também porque a sua vida familiar e profissional não lhe deixa tempo para uma participação mais ativa na associação.

4.6.7- O que mudou nas suas vidas com a associação

Natália refere na entrevista a importância do apoio psicológico-emocional que o trabalho na associação lhe proporciona. A perda de “*status profissional, social*” e o isolamento que acompanha o processo migratório é causa de muito sofrimento e leva em extremo à manifestação de perturbações mentais dando como exemplo o caso de

imigrantes ucranianas em Itália, muito procuradas para o serviço doméstico interno e que sofrem de um grande isolamento social. Com a associação Natália não só adquiriu o equilíbrio emocional como readquiriu a visibilidade social e o reconhecimento da comunidade pelo trabalho desempenhado na associação e na escola.

A primeira coisa foi que preencheu conteúdo todo (risos) porque claro com esta diferença do *status* profissional, social é complicado e sei que muitas pessoas, muitos imigrantes ucranianos, por exemplo na Itália porque lá há um outro tipo de trabalho, a maioria das mulheres trabalham em casas, cuidam de pessoas idosas e lá conheço muitas mulheres que pronto adoeceram mentalmente por causa deste isolamento. Quer dizer, não é isolamento físico, acho que isso não é importante, isolamento psíquico, psicológico, espiritual talvez também e aqui como mais ou menos na associação eu sinto-me eu própria como sou, com estes 10 anos acho que ganhei já confiança por parte da comunidade, têm reconhecimento do meu trabalho aqui que comecei do zero há 12 anos atrás e por isso é para mim e como não tenho cá filhos, talvez um papel mais importante de tudo.(Natalia)

Para Maria a entrada na associação proporcionou-lhe mais visibilidade social e a execução de tarefas com maior responsabilidade que as que tem no seu dia-a-dia como empregada doméstica. Mas a grande mudança na sua vida foi o fato de poder voltar a exercer a sua profissão, lecionar numa escola para crianças.

Entrada na associação.....contactos com pessoas mesmo importantes, ser responsável por receber pessoas do consulado, tinha muita responsabilidade. Eu sempre tive trabalhos de limpeza em Portugal e não conhecia muitas pessoas e estava como parece (pausa) mais simples na vida, falávamos sobre roupa e isso e depois receber 300 pessoas ou mais por causa do consulado é muito diferente. Eu sei que já muitas pessoas me conhecem até cara e eu não me consigo lembrar deles todos sempre tenho que pensar e que fazer. É diferente, muito diferente, vida mudou-se para melhor. Quando paramos com a leitura dos livros, com conversas e dar aulas nós perdemos vocabulário só treinamos palavras simples na família e quando falamos com uma pessoa assim (importante) sentimos necessidade de usar mais palavras e sempre aprendemos mais. (...) Fazer parte da associação que tem a ver com a escola, eu não imagino vida sem participação, porque quando trabalhava só nas estufas ou nas limpezas....., mais tarde escola para mim é uma coisa espiritual, a alma e o meu coração. (Maria)

Nestas duas narrativas podemos observar como as associações de imigrantes podem ter um papel muito importante na prevenção do Síndrome de Ulisses, referido anteriormente, porque permitem combater a solidão inerente ao processo migratório e ao mesmo tempo são uma fonte de capital social e humano promovendo a autoestima do imigrante o que poderá ter um impacto positivo no seu projeto migratório.

Ao contrário de Natália e Maria, Igor revela um discurso desencantado pela falta de vontade participativa por parte dos membros da associação, em contraste com o início em que os associados tinham mais energia para o ativismo e mais vontade de conviver, de ter vida social. A crise económica e a integração da comunidade na sociedade portuguesa são os fatores apresentados por Igor para a falta de vontade participativa.

O que é que mudou? ... Bem sim há uma mudança tenho muito menos tempo disponível (risos) para a família... mas se calhar havia uma altura quando era mais fácil a vida e as pessoas eram mais ativas e também para mim era diferente porque eu acho que, cheguei a essa conclusão, que as pessoas quando tiveram a vida mais segura sentiram mais necessidade de comunicar com outras pessoas, (...) com as pessoas da mesma nacionalidade da mesma língua e dos mesmos costumes tiveram mais vida social, não havia tantos problemas tantas preocupações e na altura também sentia falta tinha bastante energia a mais e precisava de fazer alguma coisa e isso é que eu encontrei na associação agora com estes tempos mais difíceis é muito mais complicado e resta-nos menos energia porque temos muito mais preocupações mesmo quando não tínhamos trabalho parecia que tínhamos vontade trabalhar tínhamos tempo e tudo mas não é assim que funciona quando se tem problemas com a família e problemas financeiros não tens vontade de gastar energia para os outros quando a tua família está em perigo e isso é o que agora acontece mesmo com o ucranianos menos ativos do que era no ano 2000 a 2004 quando nós criamos a associação se fosse agora não tínhamos associação também não faríamos agora não é altura agora muito boa para começar as pessoas já conseguiram mais integrar-se na sociedade portuguesa não necessitam tanto dos ucranianos um ao outro muitos já têm amigos portugueses e por outro lado muitos foram para o estrangeiro deixaram até família cá vão e voltam isto não ajuda muito a atividade da associação. (Igor)

Também Natália se refere à diminuição dos convites feitos à associação para participar em eventos culturais, apontando os mesmos motivos que Igor, a crise financeira e a integração bem-sucedida da comunidade ucraniana.

Também tivemos muitos convites para apresentar a cultura ucraniana, apresentar o nosso país, as nossas tradições, as nossas canções, tivemos muitas atuações nestes encontros multiculturais mas agora já um bocado menos por causa da crise ou por causa da comunidade dos imigrantes estar muito bem integrada temos menos estes convites. /Natália)

A crise económica faz com que muitos associados não disponham de tempo e dinheiro que possam investir na dinamização da associação, verificando-se assim a importância destes dois fatores como recursos mobilizatórios.

Por outro lado, a integração da comunidade na sociedade portuguesa já não requer tanto investimento por parte das instituições portuguesas como o que se verificou nos primeiros anos da associação, o que está de acordo com Sardinha (2010, p.64) que diz que a intensidade dos processos de mobilização associativa está dependente das políticas de imigração, pois se estas favorecem melhores condições de vida e a integração dos imigrantes independentemente da distância social e cultural que possa existir entre eles e a sociedade de acolhimento, então não haverá grandes razões para aceder a processos mobilizatórios por parte dos imigrantes.

4.7- Relações de género

De acordo com os dados constatou-se que a participação feminina nas estruturas dirigentes é relevante e se processa em igualdade de circunstâncias com os homens, pois verificamos que as entrevistadas ocupam ou já ocuparam cargos dirigentes.

(...) sou diretora da escola ucraniana e à sete anos fazia parte da direção da Associação dos Ucrânianos no Algarve, fazia papel de vice presidente, presidente e agora sou presidente de mesa de assembleia e no mesmo tempo já à nove anos como diretora da escola ucraniana. É meu cargo eleito por isso acho que é um orgulho, já à nove anos que confiam em mim e já à nove anos que sou eleita como diretora da escola. (Natália)

Estes resultados contrariam os estudos de Chung (cit in Schrover & Vermeulen, 2005) que diz que as mulheres estão notoriamente ausentes das estruturas de poder nas associações imigrantes tradicionais. No entanto confirma-se o papel das mulheres como transmissoras dos valores culturais tendo em conta o trabalho das entrevistadas na escola da associação.

Mas ao mesmo tempo é importantíssimo continuar a saber a sua raiz, ensinar as nossas crianças, os nossos filhos, conhecer as suas raízes. Para isso é que serve a escola e a associação, continuar a ter aquele lugar de pátria, da nossa própria pátria. (Natália)

De acordo com Schrover & Vermeulen (2005) os estudos nesta área indicam que apesar de as mulheres serem as transmissoras culturais, os homens estão mais fortemente associados com a nacionalidade do que as mulheres porque elas são mais pragmáticas no que respeita à sua lealdade nacional mudando-a quando isso for mais conveniente, como por exemplo através do casamento fora da comunidade. No entanto Igor diz que com esta crise muitos ucranianos estão a adquirir a nacionalidade portuguesa para poderem trabalhar na União Europeia livremente, como o marido de Maria que também mudou de nacionalidade e que participava ativamente na política no seu país.

4.8- Integração na comunidade portuguesa

Os entrevistados apresentam níveis de integração na sociedade portuguesa bastante elevados tendo em conta as cinco dimensões chave propostas por Jiménez (2011): o domínio da língua; o local de residência; situação socioeconómica; situação política e vida social.

Analisando cada uma das dimensões mencionadas, verifica-se que o domínio da língua do país de acolhimento é essencial no processo de integração pois permite a interação com a população local, possibilitando o relacionamento social que muitas vezes se traduz na oportunidade de emprego ou no acesso à cultura e serviços básicos como a saúde, educação ou a justiça. No caso dos três entrevistados verifica-se que dominam razoavelmente bem a língua portuguesa permitindo, entre outras coisas, a Igor estar a criar a própria empresa aproveitando subsídios estatais, a Maria frequentar um

curso superior numa universidade portuguesa e a Natália poder usufruir da cultura erudita como frequentar concertos e ler poesia portuguesa.

(...) agora com mais conhecimento da língua estou mais interessada pela cultura não só popular porque essa assisti nestes dez anos, agora comecei a ler em português para mim isto é um grande alcance, nem todos os livros são fáceis sinceramente mas agora descobri os escritores que mais ou menos consigo compreender. Comecei a saborear poesia portuguesa que já consigo compreender, adoro música portuguesa gosto muito de assistir concertos aqui no teatro municipal de Faro e acho eu que quando nós imigrantes nos começamos a aproximar desta cultura fundamental não é só popular isso já é um ponto alto da nossa integração e através disto já começamos a sentir-nos, desculpe minha pátria, mas metade portugueses (risos). (Natália)

O tipo de habitação e o local onde residem são aspetos fundamentais para a integração social dos imigrantes tendo em conta o facto de que existe uma relação direta entre o lugar onde um indivíduo vive e a qualidade de vida que essa mesma pessoa apresenta perante a sociedade. Todos residem no centro da cidade, inseridos no meio de bairros portugueses de classe média, sendo que Maria e Igor possuem casa própria que compraram com recurso a crédito bancário e Natália vive num apartamento alugado.

A integração política na sua dimensão formal consiste na obtenção do estatuto legal, considerado um aspeto importante na medida em que vai determinar outras dimensões da integração e no acesso à cidadania. Como já referido, os três possuem vistos de residência permanentes e gozam dos mesmos direitos sociais e civis que os cidadãos portugueses e pelo tempo que já residem em Portugal podem também requerer a nacionalidade portuguesa.

Em relação ao convívio social com portugueses verifica-se, no caso de Igor e Natália, que ele é feito essencialmente através dos eventos proporcionados pela associação ao contrário de Maria que revela ter um relacionamento mais próximo pois refere ter amigos portugueses que frequentam a sua casa.

No entanto todos eles se sentem parcialmente integrados devido à sua situação profissional pois verifica-se que a situação legal e o domínio da língua portuguesa não geraram descontinuidade nos padrões de ocupação profissional.

A dificuldade em obter o reconhecimento das suas habilitações académicas e o fato de não poder ter um emprego compatível com elas é referido por Igor como um entrave à sua completa integração:

Não posso dizer que me sinto completamente integrado porque se por exemplo eu tinha feito a equivalência do meu diploma e conseguia um trabalho para que estudei e onde investi alguns anos da minha vida. Agora não estou a dizer que foram desperdiçados aqueles anos ainda acredito que vounão vou ser um fiscal, mas estudamos muita coisa e espero aproveitar isso ou abrir um próprio negócio ou uma coisa parecida. (Igor)

Natália e Maria mantêm a mesma ocupação profissional principal de empregadas domésticas:

Neste momento tenho ocupação profissional e geral muito forte, posso dizer assim. Durante a semana eu trabalho em 4 casas como empregada doméstica. Trabalho um dia ou dois em cada família. Depois no fim de semana eu trabalho como professora de língua e literatura ucraniana na escola ucraniana que se chama CECLU- Centro Educativo Luso-Ucraniano Escola Tarás Schevchenko onde também sou subdiretora. Essa escola funciona no domingo. Outro trabalho que tenho quase 2 anos é como tradutora- intérprete com o Alto Comissariado para a Integração e Diálogo Intercultural (ACIDI), significa que eu tenho estar disponível ao telemóvel das 9 da manhã até às 6 da tarde. A qualquer hora podem ligar-me e eu tenho que dar tradução- interpretação logo, porque muitas coisas acontecem no hospital, na polícia, na segurança social, no SEF e noutros sítios. Nas Finanças estou registada com estas duas atividades, como professora da escola ucraniana e como tradutora-intérprete. (Maria)

(...) aqui em Portugal há mais ou menos dois anos que faço a mesma coisa, trabalho em limpezas e durante sete anos cuidei de pessoas idosas. Pronto, não gosto de fazer limpezas, gosto de cuidar de pessoas idosas mas no fim de dois anos claro que aborrece fazer este trabalho por isso como eu costumo dizer, a minha vida principal passa por aos domingos aquilo que é mais importante para mim é nossa escola ucraniana que já funciona à nove anos na Escola Neves Júnior aqui em Faro, no próximo ano letivo vamos fazer dez anos de escola, sou diretora da escola ucraniana e à sete anos fazia parte da direção da Associação dos Ucrânianos no Algarve, fazia papel de vice presidente, presidente e agora sou presidente de mesa de assembleia e no

mesmo tempo já à nove anos como diretora da escola ucraniana. É meu cargo eleito por isso acho que é um orgulho, já há nove anos que confiam em mim e já há nove anos que sou eleita como diretora da escola. (Natália)

Nestes relatos de Natália e Maria vale a pena evidenciar o fato de que a pertença à associação lhes permite ter atividades profissionais de acordo com as suas habilitações académicas mas exercidas só a tempo parcial o que não permite que elas se sintam realizadas profissionalmente como refere Natália.

(...) eu não estou bem realizada aqui, eu quero fazer aquilo de que eu gosto e que eu tenho jeito 40 horas por semana eu não quero fazer aquilo só 6 horas por semana. (Natália)

Referem que não sentem, atualmente, nenhum tipo de discriminação por parte da sociedade, e têm uma perceção positiva em relação às instituições portuguesas com que de algum modo têm que interagir, seja através da associação ou pessoalmente, sentindo-se tratados em igualdade de circunstâncias com os cidadãos portugueses.

(...) aqui nunca tive nada contra a comunidade, contra... sempre fui bem aceite e nunca me senti humilhada no geral, por instituições nenhuma nem na Segurança (Social) nem nas Finanças, sinto que falam comigo de forma igual como se fosse portuguesa, como cidadãos próprios por isso acho que isso é muito importante para qualquer país e agora como estamos nesta situação de crise que cada vez o mundo é mais internacional que acho que já são poucos os países que podem contar só com os cidadãos próprios por isso.....(Natália)

A confiança nas instituições, e a atitude mais ou menos positiva que delas se tem, poderá, de acordo com Vilaça (2008), ser um indicador de proximidade e de integração sistémica na sociedade portuguesa. Para isso terá contribuído, como nos diz Natália a atuação do governo através de políticas de integração:

(...) também gostei muito daquela ideia, a ideia é mais portuguesa porque não oiço muito nos outros países que através do meu cargo comunico muito com ucranianos dos outros países da União Europeia, aqui houve uma altura em que deram muita atenção à integração dos imigrantes na comunidade portuguesa e isso é muito

importante, cursos de português oferecidos e também festas multiculturais para conseguirmos conhecer uns dos outros, (Natália)

Constata-se que a pertença à associação, através das redes e das interações que promove, é uma importante fonte de capital social contribuindo para a integração social dos entrevistados e, no plano institucional, para a integração sistémica.

4.9 - Identidade e Alteridade

O sentimento de pertença ao país de origem é partilhado pelos três entrevistados sendo a identidade nacional aquela com que melhor se definem.

Eu falo só por mim, nós somos ucranianos, mesmo recebendo nacionalidade portuguesa, somos ucranianos no sangue, (...). (Maria)

(...) eu já expliquei muitas vezes aos portugueses, para vocês nacionalismo isso é uma coisa péssima mas eu sou nacionalista como hei-de dizer talvez é mais civilizado dizer que sou patriota porque a nossa história da Ucrânia somos sempre explorados por outro país, por outros impérios por isso sempre tivemos obrigação de defender nossa identidade, o que é? língua primeira coisa, valores, personagens históricas e a nossa história própria porque no tempo soviético a nossa história está toda cortada de maneira para ser uma história bonitinha da União Soviética unida e de um país especial mas não era assim fomos obrigados a fazer parte daquele país. A língua foi sempre discriminada, sempre toda a vida. Eu agora ensino crianças para valorizar a própria língua não é porque somos melhores é a única questão porque é preciso defender porque fomos sempre discriminados sempre por isso no início quem não conhece bem nós sempre está a acusar que somos nacionalistas, nacionalistas aqueles que têm contra os outros mas quem defende próprio eu acho que isso não é nacionalismo isso é patriotismo (...) (Natália)

Estes relatos remetem-nos para uma questão importante em contexto migratório que é a essencialização da identidade, uma vez que ela assume um carácter permanente e imutável reforçado na expectativa do retorno, encontrando apoio no passado e na

tradição (Hall 2005). É neste sentido que a associação segue a sua estratégia identitária, o reforço e a manutenção da identidade nacional como nos diz Natália:

(...) é importantíssimo continuar a saber a sua raiz, ensinar as nossas crianças, os nossos filhos, conhecer as suas raízes. Para isso é que serve a escola e a associação, continuar a ter aquele lugar de pátria, da nossa própria pátria. (Natália)

No entanto seguindo a lógica de que a identidade é um processo em constante mutação constatou-se que os entrevistados, a nível individual, já incorporaram elementos referentes à identidade portuguesa dos quais se destaca a gastronomia, hábitos de consumo e de lazer, permitindo uma redefinição identitária que leva Natália a dizer que já se sente cidadã farensa e por isso meio portuguesa.

A existência de diferenças nos valores e nas práticas culturais entre portugueses e ucranianos é referida pelos três, no entanto não revelam dificuldades no plano da interação cotidiana, só Igor, quando questionado se tem amigos portugueses, se refere a essas diferenças como um problema na intensidade das relações que estabelece com os portugueses:

Conhecidos temos mas não temos muita ligação mesmo aos portugueses porque não sei se calhar porque mais próximo são as pessoas da nossa cultura e como já estava dizer tem muita influência a religião na nossa vida nas nossas vidas e mesmo comemorações da páscoa do natal ou daqueles feriados importantes e também nem sequer comemoramos no mesmo dia por isso faz um bocadinho de diferença e também não ajuda a grande aproximação das nossas comunidades. (Igor)

Por seu lado, Maria revela as melhores impressões acerca dos portugueses, devido ao modo generoso como tem sido tratado e apoiado, verificando-se que estabeleceu relações mais profundas de amizade com portugueses. Estas relações positivas permitiram-lhe o estabelecimento de redes informais e, nessa medida de capital social.

É assim, cada coisa tem o seu lado negativo e positivo, eu posso dizer que aqui em Portugal eu conheci mais pessoas boas e simpáticas do que na Ucrânia. Isso é verdade, estamos aqui na casa deste senhor que se tornou fiador da nossa casa e que a minha filha chama de avô, é mesmo nossa família. Depois outro senhor que conhecemos na

igreja, dono de uma gráfica super simpático que nos apoiou sempre nas etapas difíceis da nossa vida. Muitas pessoas boas que eu acho que os ucranianos não eram capazes de dar tanta ajuda sem receberem em troca e por outro lado conheci pessoas menos boas, mas eu e o meu marido, somos pessoas adultas e percebemos isso tudo, (...) Por outro lado, minha filha do meio andava na escola de Estói e foi durante três anos seguidos delegada de turma, por escolha dos colegas, ela é a única ucraniana que está na turma, (...) então o que eu quero dizer é que talvez gostavam dela respeitavam-na. (Maria)

Ela revela empatia com os portugueses e fala da necessidade de estabelecer pontes e construir relações de reciprocidade com a comunidade portuguesa através de projetos culturais conjuntos.

Eu falo só por mim, nós somos ucranianos, mesmo recebendo nacionalidade portuguesa, somos ucranianos no sangue, mas não podemos esquecer que neste momento estamos em Portugal. Chegámos, como eu digo nas minhas aulas, sem ser convidados, por isso nós temos que respeitar cultura que aqui existe, temos de ter relação de amizade. O que própria gostava de fazer, uma coisa ucraniana mas em conjunto com a cultura portuguesa isso é meu sonho porque e dentro de alma parece que sinto Claro, eu percebo situação económica tudo mas muitas vezes conseguimos ouvir que por causa de estrangeiros aqui está mal não temos trabalho e tudo. Por isso eu queria fazer qualquer coisa em comum com a comunidade portuguesa e ucraniana, apresentar cultura portuguesa com cultura ucraniana. Uma coisa concreta, eu não tenho ideia, mas isso que está no meu coração, fazer qualquer coisa em conjunto, porque como dizer, quando uma pessoa sai do seu país não foge por coisas boas e também percebo o lugar das pessoas portuguesas que num país tão pequeno aparecer tantas pessoas estrangeiras não é só ucranianos é todos...têm razão. (Maria)

O relato de Natália converge com o de Maria na necessidade de festas multiculturais para aproximar as duas comunidades evidenciando a busca de um reconhecimento público.

(...) festas multiculturais para conseguirmos conhecer uns dos outros, como é que hei-de dizer, abrir porta do nosso mundo, mostrar quem nós somos porque no primeiro ano eu lembro-me que os portugueses faziam-me umas perguntas que eu fiquei logo

como ver aquilo, vocês têm universidades, faculdades de medicina na Ucrânia? Eu fiquei louca porque acredito que as pessoas pensavam nisso naquela altura, agora por causa da crise acredito que já não pensem nisso, que as pessoas imigram, como estão habituados dos imigrantes talvez dos países mais pobres que nós imigramos porque andamos lá descalços, sem roupa e moramos nas ruas não sei, mas nós todos, na maioria temos a nossa vida, temos ensino que no tempo soviético o que deu bom para nós todos foi o ensino, o ensino superior que naquela altura era oferecido pelo estado por isso somos todos formados mas por causa do ordenado dos 30 euros e ainda não foi pago porque na altura foi crise não tivemos outra hipótese para continuar a viver e pronto pessoas já com 70 anos, com aquela idade que já não dá para trabalhar mas as pessoas com 20/30 anos que ainda têm toda a vida pela frente tivemos de procurar qualquer solução e imigrámos e sim, acho que através desta política de integração ajudou muito porque acho que nunca tivemos aqui situações complicadas como nos outros países como a França.

Esta necessidade de aceitação por parte da sociedade de acolhimento é importante na medida em que confere liberdade e respeito pela diferença, pois a falta ou recusa de reconhecimento ou um reconhecimento deformado, diz Taylor (1994) podem ser considerados formas de opressão e de expressão de desigualdades, dizendo que o que nós somos depende da interação com os outros defendendo por isso o caráter dialógico do processo identitário.

Por outro lado, nas identidades coletivas, de acordo com Apiah (1994) encontramos representações, quer positivas quer negativas que passam a ter um carácter seletivo na prática do reconhecimento. Neste sentido ao perguntarmos se a associação permitia sócios de outras nacionalidades a resposta foi positiva, mas nenhum deles concorda com isso o que demonstra que esta não é uma questão consensual dentro da associação.

Permite mas não temos, nós só temos uns portugueses não temos mais porque, como hei-de dizer, (...)Meu pai é russo mas eu vivi toda a vida na Ucrânia e identifico-me como ucraniana e nunca tenho nada contra russos mas contra russos nacionalistas ou melhor radicalistas eu tenho contra sim. Talvez por isso para outras nacionalidades é difícil fazer parte da nossa associação porque quando fazemos festa fazemos festa ucraniana, fazemos festa das datas históricas ucranianas. Claro eu fiz festival e tive participação dos russos e duma cantora moldava não tenho nada contra ninguém mas

ainda pior no estrangeiro manter aquilo que é nosso por isso estamos abertos sim mas para aqueles que aceitam que nós temos esse direito quem não aceita começa a dizer que vocês são nacionalistas, mas não somos, a única diferença é que estamos a defender a nossa identidade. (Natália)

Se por um lado a associação promove a defesa da identidade nacional através de estratégias de exibição identitária de forma a obter reconhecimento, por outro lado, como diz Natália, essa mesma defesa identitária abrange processos de exclusão dos “outros”, daqueles que não fazem parte da comunidade, produzindo a alteridade de maneira negativa.

4.10 - Regresso à Ucrânia projeto adiado

O regresso definitivo ao país de origem, a efetivar-se será a última etapa do percurso migratório. Neste sentido perguntou-se se pretendiam regressar definitivamente à Ucrânia e a primeira reação foi um silêncio demorado revelador das dificuldades emocionais e práticas que os imigrantes, com tempo de permanência longo no país de destino enfrentam quando pensam no regresso ao país de origem.

Maria e Igor revelam que o fato de os filhos já se encontrarem bem integrados na escola e na sociedade portuguesa e não se identificarem com a vida na Ucrânia os impede de fazer projetos de retorno. A estabilidade familiar e a felicidade dos filhos é motivo suficiente para que encarem a vida em Portugal sem prazo.

(...) Já aconteceu que pedi a minha mãe para ela mandar dentro de um saquinho um bocadinho de terra de lá e tenho isso em casa. No coração e na alma eu não posso dizer que não, mas eu como sou mãe e para cada mãe o que é mais importante? Nossos filhos. Minha filha como já disse nasceu aqui, outra filha entrou aqui no 2º ano da escola agora está no 11º. Outro filho mais velho também muito tempo em Portugal. Eles próprios querem ir à Ucrânia visitar mas só passar férias. Agora se eu queria voltar como posso viver lá sem meus filhos? Já estou aqui e eles já criaram raízes aqui. Tenho papel de imigrante é claro, tenho que aceitar e viver com isso e sempre tenho de ver as coisas boas. Como na Ucrânia, como aqui como todas as pessoas passamos uma etapa mais feliz e outra menos feliz na vida o importante é ter saúde e o resto vai-se conseguir fazer tudo. (Maria)

(....) Nunca penso tão longe e sempre digo que ninguém sabe o que vai acontecer no futuro não posso dizer que não mas também não posso dizer que sim. Eu quero aproveitar o tempo melhor possível more cá ou vou morar lá e se um dia tiver que voltar para a Ucrânia vou voltar se não fico aqui e acho que a pessoa vale alguma coisa se consegue fazer e como hei-de dizer conseguir chegar aquilo que quer em qualquer lado e vamos ver o que conseguimos deste lado e para mim é bastante complicado é mais fácil para pessoas que não têm família cá, que pelo menos não têm filhos cá em Portugal ou em qualquer outro país porque agora fazer mudança para a Ucrânia é quase igual como quando viemos para Portugal porque para eles, para mim não é o mais simples, mas também o estilo de vida é um bocadinho diferente e nós já nos habituamos a este estilo de vida e já nos esquecemos daquele e para eles agora quando já estudaram a vida toda em Portugal mudar agora e estudar novamente aquilo tudo é muito complicado depois começa a pensar então para que é ir tão longe e depois deixá-los sofrer novamente a mudança, é complicado por isso espero que não vou ser obrigado nos próximos tempos mudar de país novamente é bastante complicado e não tenho muita vontade. (Igor)

Natália também evoca a necessidade de sustentar e dar uma boa educação aos filhos que vivem na Ucrânia e que frequentam a Universidade:

.....Eu adorava voltar a Ucrânia porque como sou socialmente ativa, sempre eu não estou bem realizada aqui eu quero fazer aquilo de que eu gosto e que eu tenho jeito 40 horas por semana eu não quero fazer aquilo só 6 horas por semana. Mas por enquanto as condições pioraram lá na Ucrânia, a democracia está cada vez mais limitada e isso provoca uma revolta muito grande dentro de mim claro porque acho que mesmo nesta situação podia servir mais ali do que aqui mas estou naquela gaiola da obrigação à frente dos meus filhos que não posso sair estou obrigada a cuidar deles obrigada a dar o ensino porque para nós é importantíssimo dar ensino e tudo do melhor e por enquanto não vejo quando e como voltar mas sei que quando volto estou recebida com meus amigos e colegas do trabalho. (Natália)

Apesar dos filhos serem o primeiro fator invocado para permanecerem, eles vão enunciando outros fatores que os fazem ficar, como o agravamento da situação política e económica do país onde continua a não haver empregos suficientes e onde a disparidade entre ricos e pobres tem vindo a aumentar. Igor refere também a enorme

inflação dos preços da habitação em consequência da emigração o que não permite a muitos ucranianos regressar a casa:

Sim, todos pensaram vai ser assim mas depois mudou. O nosso tempo é o tempo das mudanças constantes, não sei o que é que se passa agora com as pessoas, com os países e com a sociedade não sei, porque era grande diferença entre os preços na Ucrânia e os preços aqui e quando começamos a receber aqui era bastante para a Ucrânia na altura mas depois muitas pessoas foram-se embora para trabalhar fora e se calhar porque ganharam muito dinheiro, na Ucrânia começaram a subir muito os preços. Por exemplo num ano o preço de um apartamento T3 subiu de 3000 euros até 30 000 euros e aquelas pessoa que pensaram que vão comprar casa que vão remodelar que vão fazer aquilo e outro não conseguiram e é uma das se calhar causas que as pessoas continuaram aqui. Não há muito trabalho lá não se ganha muito há uns que têm trabalho outros não muitas pessoas ricas que ganham bem e tem uma diferença grande, e muito complicado agora encontrar lá um trabalho porque há trabalhos bons mas estão todos ocupados e por isso as pessoas até voltam com esta crise voltam para a Ucrânia mas depois muitas também novamente voltam para o estrangeiro. Nesta altura muitos ucranianos receberam a nacionalidade portuguesa e aproveitam como portugueses vão para fora para países com situação melhor Alemanha, Inglaterra e França. (Igor)

Por outro lado o fato de terem adquirido um novo estilo de vida de que sentem falta quando regressam à sua terra é mais um motivo que dificulta o regresso:

(...) lá e agora quando chego lá é complicado porque nós já estamos habituados a viver aqui, já estamos habituados a esta cultura, é uma civilização um bocado diferente, aquelas coisas diárias, ida ao supermercado, ida às compras, depois como estamos tratados aqui nas entidades públicas, lá pronto, talvez seja um país um bocado mais pobre economicamente isso talvez provoque um mal entendimento na sociedade por isso acho que todos nós, porque eu já comuniquei e muitas vezes nas redes sociais também surgem estas perguntas, estas questões, sentimo-nos lá estrangeiros e é muito complicado e ao fim de 12 anos vejo que já quase não tenho lá lugar para voltar mas acredito que consigo, se aqui, num país de língua diferente, em que sem se conhecer língua nenhuma consegui, lá também consigo, mas sempre temos esse sentimento, aqui sentimo-nos estrangeiros e lá também nos sentimos estrangeiros.(Natália)

A última frase de Natália revela um dos maiores dramas do imigrante: não pertence ao país de acolhimento e sente que já não tem lugar na sociedade de origem, por isso Maria se refere à situação de imigrante como sendo muito difícil:

O papel do imigrante é muito difícil, eu não desejo a ninguém, porque é muito complicado. A situação é essa, temos uma folha e rasgamos um pedaço e este pedaço da Ucrânia vai a Portugal mas a outra parte ficou na Ucrânia e quando um imigrante volta para a Ucrânia, a folha dele tem que se colar, e quando colamos fica sempre um sinal de junção, uma cicatriz e da minha geração e pessoas mais velhas, sempre vamos sentir isso. (Maria)

Esta sensação de se repartir entre dois mundos sem pertencer a nenhum é notória na imigração de longa duração. Denys Cuche (1999) atribui este sentimento ao fato de se encontrarem desfasados da evolução cultural do seu país e da sua comunidade e por mais esforços que façam para permanecer fiéis à sua cultura depois de partirem, no regresso aos seus países já não os reconhecem, de tão mudados que se encontram, e muitas vezes mais cultural que materialmente.

Poderemos então dizer como Sayad (1998) que há na condição de imigrante uma contradição, “por um lado temos um estado provisório que se gosta de prolongar, por outro um estado mais duradouro que se sente como provisório” (p.45).

Talvez por isso a associação seja um espaço que os três entrevistados querem muito preservar pois como diz Maria:

Eu já não imagino como podemos viver aqui sem associação é como se fossemos filhos sem pais. Como tudo, a associação de ucranianos tem coisas boas e menos boas, é uma pequena Ucrânia aqui em Portugal.

Conclusão

Neste ponto apresentamos as principais conclusões do estudo que realizámos, a partir das quais propomos também algumas pistas de investigação. Como já referido, este trabalho de investigação inscreve-se no domínio temático do associativismo imigrante e tem como objetivo principal analisar a participação associativa de imigrantes ucranianos nomeadamente numa perspetiva de integração na sociedade portuguesa. As questões que nortearam a investigação assentam na análise dos fatores e das motivações que condicionaram o envolvimento na associação e na compreensão do papel e do valor da participação associativa na vida dos imigrantes, alvos desta investigação.

Para o efeito realizou-se uma investigação de natureza qualitativa sendo os dados obtidos através de três entrevistas semiestruturadas com base em relatos de vida, de imigrantes ucranianos residentes no concelho de Faro e associados da AUA, o que nos permitiu: 1) identificar a situação anterior ao projeto migratório; 2) identificar os seus percursos migratórios desde o momento da decisão de partir até ao momento atual; 3) identificar as suas trajetórias associativas; 4) compreender as implicações da sua participação associativa ao nível da sua integração na sociedade portuguesa.

Através das entrevistas tentámos compreender, a partir dos discursos dos imigrantes, que fatores os levaram ao associativismo e o significado atribuído á sua participação associativa, bem como as suas repercussões. Da análise global dos dados obtidos dos seus relatos de vida, e com base nos objetivos propostos, ressaltam os aspetos a seguir mencionados.

A primeira questão colocada no momento da entrevista tinha como objetivo saber quem são e o que faziam estes imigrantes no seu país de origem, pois citando Kelchtermans (1995:19), “olhar para trás sobre a história de alguém deve ser um meio para melhor compreender a situação atual, o presente”.

Constatou-se que todos possuíam habilitações superiores, eram funcionários públicos, no setor do ensino (professoras) e das Finanças (economista), estavam bem integrados na sua profissão. Dados que estão em consonância com a teoria migratória que afirma que em geral não são os mais pobres que emigram, mas aqueles que dispõem de recursos financeiros necessários à realização da migração (Marques et al., 2010).

A segunda questão do guião visava compreender o percurso migratório de cada sujeito para saber porque vieram, como vieram, que redes sociais de apoio os ajudaram e qual foi a sua trajetória migratória.

Neste sentido constatamos que os motivos que levaram à emigração foram, económicos (dois entrevistados) e familiares (uma entrevistada) e a razão por que vieram para Portugal encontra-se num conjunto de fatores que permitiram o projeto migratório: primeiro a promoção de Portugal feita pelas “agências de viagem” na Ucrânia ligadas ao tráfico de imigrantes que venderam “pacotes turísticos” que incluíam visto de turismo para o Espaço Schengen e viagem de autocarro, meio de transporte que de acordo com Matias (2004) era uma estratégia de controlo dos imigrantes para a extorsão de dinheiro, fato confirmado pelo relato das duas entrevistadas; segundo, o fato de os salários serem várias vezes superiores aos praticados na Ucrânia, tendo em atenção que os entrevistados auferiam salários mensais entre 30 e 45 dólares; e por fim o fato de haver um processo extraordinário de legalização de trabalhadores imigrantes aberto em permanência de janeiro a dezembro de 2001 e que permitiu a regularização de milhares imigrantes ilegais (Matias, 2004; Marques et al., 2010).

Deste modo, entraram em Portugal legalmente com vistos turísticos, de curta duração, para o Espaço Schengen, mas ficaram em situação irregular porque não lhes era permitido qualquer atividade profissional em território nacional tendo por isso protagonizado “de forma consciente, uma inserção irregular no mercado de trabalho” (Matias, 2004).

O início da sua experiência migratória caracteriza-se assim, pela entrada num meio social e cultural completamente desconhecido devido à ausência de estruturas intermediárias, facilitadoras e promotoras dos fluxos migratórios laborais, entre os dois países. Entrada ilegal no mercado de trabalho em que o grau de qualificação profissional ou a formalização da relação laboral não foram fatores prioritários mas sim a procura de qualquer tipo de trabalho que pudesse garantir os meios de sobrevivência imediatos e tornar possível a sua permanência no país. Sofreram por isso uma enorme despromoção social e profissional que passado 14 anos não conseguiram ultrapassar.

Apresentam um percurso migratório familiar, tendo-se identificado dois perfis típicos de trajetórias: uma trajetória familiar “*Imigração a dois e uma vida melhor a longo prazo*” em que a entrevistada e o marido emigraram ao mesmo tempo, iniciando um projeto migratório de longo prazo. Os outros dois entrevistados apresentam uma trajetória familiar “*clássica, à procura de uma vida melhor para a família*” em que os homens emigraram primeiro e as mulheres vieram por reagrupamento familiar que nos dois casos se processou informalmente pois entraram em Portugal com vistos de turismo, sem requerer legalmente esse estatuto. No caso destes dois entrevistados o que

varia é a duração do projeto pois o que trouxe os filhos para Portugal não põe a hipótese de regressar ao seu país a curto ou médio prazo, ao passo que a que tem os filhos na Ucrânia a viver com os avós repensa constantemente a ideia de regressar “ *todos os anos penso mais um ano...*”. Esta incerteza encontra-se “sobretudo nas famílias ucranianas, porque esperam que a crise económica no país de origem seja temporária” (Wall, Nunes & Matias, 2008, p:8).

Para responder à primeira questão que orientou este trabalho de investigação - Quais foram os fatores e as motivações que facilitaram o envolvimento associativo?- procuramos saber o que levou estes imigrantes ao associativismo.

Vários foram os motivos indicados pelos entrevistados para a sua participação associativa: ajudar a resolver os problemas da comunidade; criar um espaço de encontro e convívio entre os seus membros; promover a imagem positiva do grupo de pertença e conseguir um emprego. Tendo em consideração as motivações que conduziram ao início e continuidade da participação associativa constata-se que existe uma articulação entre motivos mais individualistas pela procura em satisfazer necessidades individuais como ter um espaço de convívio ou acesso a um emprego, e motivos mais altruístas, traduzidos na preocupação em resolver problemas que afetam a comunidade ucraniana. Os motivos invocados estão ligados a características pessoais que não sendo expressas nos seus relatos são facilmente perceptíveis, como a consciência da necessidade de esforço individual para o bem-estar coletivo, autoconfiança e segurança para tomar decisões e convicção para traçar objetivos.

Numa análise cruzada entre as motivações e as características pessoais, sobressaem traços de personalidade que Goleman (1997) atribui à inteligência emocional como um caráter extrovertido e sociável, mostrando disponibilidade em se relacionarem socialmente, gosto por conviver e interesse no trabalho coletivo. Aspetos que de acordo com (Albuquerque, 2010) estão associados “ *à valorização da interação social e da sociabilidade em redes extrafamiliares.*” (p:110)

Para compreender os processos que levam à prática associativa há que ter em conta os recursos que cada um possui que permitam o envolvimento associativo porque de acordo com Verba, Scholzman e Brady (1995) é a convergência das motivações e dos recursos que cada indivíduo possui que o capacitam para o envolvimento associativo.

Desta forma, verifica-se que à data da entrada na associação, os entrevistados já possuíam uma situação socioeconómica estável que lhes permitia ter tempo e recursos financeiros para investir na associação. A importância destes dois fatores como recursos

mobilizatórios sobressai no relato do entrevistado que atribui à crise económica, a atual dificuldade que a associação tem para manter e mobilizar os seus associados. Sobre este assunto Albuquerque (2010) refere que os recursos financeiros não são um fator importante no impulso do ativismo mas têm grande relevância na sua continuidade.

Outro fator significativo é o nível de escolaridade pois parece nos três casos ter contribuído para a aquisição de competências úteis para a interação social e a participação cívica nomeadamente competências para comunicar referidas por Verba et. al (1995), porque compreender e realizar todos os processos burocráticos e manter ligações com instituições públicas quando não se domina a língua, pressupõe competências sociais e comunicacionais inerentes a um nível de instrução superior.

A influência das instituições políticas e religiosas portuguesas também foram determinantes no processo que levou estes imigrantes ao associativismo. Foi com ajuda da igreja católica portuguesa que fundaram a Associação. Esta ligação entre a Associação e a igreja é de acordo com o estudo de Vilaça (2008) uma característica das associações de imigrantes do leste europeu, que estão na sua maioria ligadas a comunidades religiosas. Ao nível das instituições políticas que influenciaram a continuidade associativa destaca-se o CLAI e a autarquia que em conjunto promoveram eventos que permitiram o reconhecimento público da Associação e facultaram apoio logístico imprescindível para a vida associativa. Confirma-se assim o que dizem Schrover e Vermeulen (2005) que o nível de organização imigrante depende fortemente da configuração do poder político e da estrutura das instituições políticas na sociedade de acolhimento.

Na segunda questão procuramos saber qual o papel e o valor que a participação associativa e a associação têm na vida dos sujeitos da investigação.

Verifica-se que a participação associativa promove a visibilidade social, não só no seio da própria comunidade mas também na sociedade portuguesa através dos relacionamentos que as dinâmicas associativas promovem. Observa-se também que os cargos que ocupam dentro das estruturas organizativas da Associação lhes conferem o estatuto profissional que perderam no processo migratório e são ao mesmo tempo um importante estímulo intelectual.

Do ponto de vista da pertença à associação, ela é percecionada como um recurso que potencia a visibilidade pública da comunidade na sociedade portuguesa, principalmente no que respeita à reprodução da sua identidade nacional e cultural promovendo a sua projeção social. Taylor (1994) defende que a falta ou recusa de

reconhecimento ou um reconhecimento deformado podem ser considerados formas de opressão ou de expressão de desigualdades, porque aquilo que nós somos, a nossa identidade, depende da interação com os outros. Desta forma quanto maior for a sua visibilidade e reconhecimento público mais consolidada será a sua integração no sistema social.

Ao contrário do que advogam Breton (1964) e Reitz (1980), que as associações de imigrantes promovem a guetização dos imigrantes, o fechamento na sua cultura de origem, na medida em que fomentam instituições paralelas que limitam a interação social do grupo com a sociedade maioritária, observamos que a pertença à associação promove antes de mais a cooperação institucional permitindo-lhes um relacionamento mais sustentado e fortalecido com as instituições públicas e a inserção em redes sociais que estabelecem pontes com a comunidade portuguesa funcionando assim, como uma estrutura intermédia de integração social e sistémica (cit. In Rocha-Trindade, 1995)

Constatou-se também que a associação sendo um espaço de reprodução da cultura de origem, principalmente pela componente linguística, compensa solidões e desenraizamentos inerentes à condição de imigrante, proporcionando assim um refúgio psicossocial que ajuda os imigrantes a ultrapassar as dificuldades encontradas no ambiente social de acolhimento, o que potencia a sua integração (Rex, 1988; Rocha-Trindade, 1995, Horta, 2010).

Observou-se que a participação associativa destes imigrantes, tendo em consideração as redes de relações sociais que promove e as tarefas e atividades que aí se desempenham, é ela própria um processo de aquisição de conhecimentos, de aptidões e competências sociais e comunicacionais, confirmando-se assim que o associativismo é um importante meio de educação não formal. Verifica-se também que as aprendizagens que emergem em contextos de intervenção e nas interações sociais subjacentes conduzem ao estabelecimento de laços com pessoas que se revelam significativas no reforço do envolvimento associativo (Albuquerque, 2010).

Verificou-se que a participação feminina nas estruturas dirigentes é relevante e se processa em igualdade de circunstâncias com os homens. Estes resultados contrariam os estudos de Chung que diz que as mulheres estão notoriamente ausentes das estruturas de poder nas associações imigrantes tradicionais. No entanto confirma-se o papel das mulheres como transmissoras dos valores culturais tendo em conta o papel das entrevistadas na escola da associação. Ambas referem que o atual papel da associação é

transmitir a sua cultura aos filhos dos imigrantes para que estes não esqueçam as suas raízes (cit in Schrover & Vermeulen, 2005).

Em síntese, salientamos secundando Albuquerque (2010) que a participação associativa é um processo dinâmico que implica a convergência entre a posse de recursos que permitem o envolvimento associativo e características pessoais que combinadas com as motivações levam à mobilização associativa imigrante.

A associação promove a visibilidade do grupo e a sua projeção social, numa busca de reconhecimento pelas suas especificidades culturais o que poderá revelar um desejo de integração na sociedade mas não de forma assimilacionista. É um importante apoio psicossocial que ajuda a ultrapassar o sofrimento causado pelas ruturas e dificuldades de inserção no meio social de acolhimento.

A natureza do trabalho associativo, promove aprendizagens significativas através do estabelecimento de interações alargadas e o contato com organizações e instituições diversas promovendo dessa forma a sua integração no meio institucional. Concluimos por isso que a Associação e o trabalho associativo representam uma importante fonte de capital social e nessa medida promovem a integração social e sistémica, mas não de forma assimilacionista.

Ao longo de todo o trabalho realizado as principais limitações encontradas foram, a dificuldade relacionada com a falta de tempo de ambas as partes, pois conciliar a vida familiar, profissional e o trabalho de investigação revelou-se uma tarefa difícil, sobretudo na gestão do tempo dedicado às entrevistas. Por outro lado as dificuldades relacionadas com a compreensão e uso da língua portuguesa, por parte dos entrevistados, obrigavam a interrupções e à reformulação das questões o que por vezes quebrava o raciocínio e a fluidez do seu discurso. Por estes motivos não conseguimos aprofundar algumas questões que emergiram dos dados e que seriam importantes para os objetivos propostos.

Neste sentido, esta investigação suscita temas para futuras investigações. Por exemplo, seria importante conhecer, com mais detalhe, o papel da participação associativa das mulheres imigrantes no que respeita às diferenças e aos papéis de género, nomeadamente nas dificuldades ou obstáculos no acesso a cargos de direção, no tipo de tarefas desempenhadas e como conciliam a vida familiar e associativa.

Ainda uma outra linha de investigação que seria importante desenvolver tem a ver com os filhos destes imigrantes e a sua integração escolar, pois observou-se que os pais valorizam muito a educação escolar dos filhos. Nesta medida seria interessante um

estudo sobre as estratégias familiares e dos estabelecimentos de ensino frequentados para a inserção destas crianças no sistema escolar português e os seus resultados. Pois são jovens que nasceram no país de origem mas que fizeram a escolaridade obrigatória (12 anos) em Portugal tendo por isso um percurso suficientemente longo que possa ser objeto de reflexão.

Referências

Referências

- Albarello, L. et al. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Albuquerque, R. (2008). *Associativismo, Capital Social e Mobilidade: Contributos para o Estudo da Participação Associativa de Descendentes de Imigrantes Africanos Lusófonos em Portugal*. Tese de Doutoramento. Lisboa. Universidade Aberta
- Albuquerque, R. (2010). “Participação cívica e trajetórias associativas de descendentes de imigrantes em Portugal”. In Horta, A. (org). *Revista Migrações- Número temático Associativismo Imigrante* (6). Lisboa:ACIDI. Pp. 103-117
- Albuquerque, R. Ferreira, L. Viegas, T. (2000) *O fenómeno associativo em contexto migratório. Duas décadas de associativismo de imigrantes em Portugal*, Oeiras: Celta Editora.
- Achotegui, J. (2008). Migración Y Crisis: El Síndrome del Inmigrante con Estrés Crónico Y Múltiple (Síndrome de Ulises). *Avances en Salud Mental Relaciona*. (7) 1. Revista Internacional On-Line
- Appiah, K. (1994). *Identidade, Autenticidade, Sobrevivência, Sociedades Multiculturais e Reprodução Social*. In Charles Taylor, *Multiculturalismo. Examinando a política do Reconhecimento*. Lisboa. Instituto Piaget
- Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa : Edições 7
- Bertaux, D. (2005). *Le récit de vie*, Paris: Armand Colin,
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação*. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora.
- Miller, R. Brewer, J. (2003). *The A-Z of Social Research : A Dictionary of Key Social Science Research Concepts*. Thousands Oaks: Sage

- Carita, C. Rosendo, V. (1993) *Associativismo cabo-verdiano em Portugal*. Sociologia, Problemas e Práticas. Lisboa: CIES. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, no.13. p. 135-152.
- Castles, S. (2005). *Globalização Transnacionalismos e Novos Fluxos Migratórios. Dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Lisboa: Fim de Século.
- Castles, S. & Miller, M. (2009). *The age of Migration: International Population Movements in the Modern World* (4ª Edição) Guilford Publications..
- Cuche, D. (1999). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa: Fim de Século Edições, Lda.
- Cunha, I. (2003) “Imigração e Racismo: dez anos nos media”, Universidade de Coimbra. Recuperado em 22 agosto, 2012 de <http://bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=cunha-isabel-ferin-sos-racismo.html>
- Digneffe, F. (1997). *Do individual ao social: a abordagem biográfica*. In Albarello, Luc; et al., *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*, pp.203-245. Lisboa: Gradiva.
- Flores, A. (2003). Investigar (com) professores: reflexões sobre uma pesquisa longitudinal. In *Perspetiva*, Florianópolis (21). 2. P.391-412
- Figueiredo, J. (2005). *Fluxos Migratórios e Cooperação para o Desenvolvimento. Realidades compatíveis no contexto Europeu?*. Lisboa: ACIME.
- Flick, U. (2006) *An introduction to qualitative research*, London: SAGE Publications
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1997). *O inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora (3.ª Ed.)
- Giddens, A. (2007). *Sociologia* (5ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giddens, A. (1996). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Edições Celta (3ª Ed.)

- Grassi, M. & Melo, D. (2007). *Portugal na Europa e a questão migratória: associativismo, identidades e políticas públicas de integração*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Goleman, D. (1997), *Inteligência emocional*, Lisboa: Temas e Debates
- Hall, S. (2003) [1996] Introduction who needs “identity? In Hall, S. Du Gay, P. (ed.) *Questions of cultural identity*, London: SAGE, 1-17
- Horta, A. (2010). *Revista Migrações - Número Temático, Associativismo Imigrante*, 6, Lisboa: ACIDI, 237-240.
- Jackson, J. (1991). *Migrações*. Lisboa: Escher.
- Jimenez, T. (2011). *Immigrants in the United States: How Well Are They Integrating into Society?* Migration Policy Institute European University Institute
- Kelchtermans S. (1995). A utilização de biografias na formação de professores. *Aprender*, (18), 5-20.
- Ludke, M. André, M. (1986). *Pesquisa: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Kvale, S. (1996). *Interviews. An Introduction to Qualitative Research Interviewing*. Thousand Oaks: Sage
- Lessard, M. et al. (1994). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Machado, F. (1999). Imigrantes e Estrutura Social in *Sociologia-Problemas e práticas*, (29), 51-57.
- Marques, J., Góis, P., Oliveira, M., Mendes, M., Dietz, B., Hosnedlová, R., Stanek, M., & Näre, L. (2010). *Imigração Ucraniana em Portugal e no Sul da Europa: A emergência de uma ou várias comunidades?*. Lisboa: ACIDI
- Marques, J. (2000). O neo-racismo-europeu e as responsabilidades da Antropologia. *Revista Crítica das Ciências Sociais*, (56), 35-60.

- Maroy, C. (1997) A Análise Qualitativa das Entrevistas. In Albarello, Luc; et al., *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*, pp.117-155. Lisboa: Gradiva.
- Martín,J. (2009). Observación Participante: informantes claves y rol del investigador. *Nure Investigación*. (42), Departamento de Investigación Fuden
- Matias, A. (2004).*Da Ucrânia a Portugal: Trajetos migratórios e modalidades de inserção no mercado de trabalho*. Atelier Migrações e Etnicidades Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Ação. Atas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. Universidade do Minho
- Merriam, S. (1998). *Qualitative Research and Case Studies Applications in Education: Revised and Expanded from Case Study Research in Education*. São Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Merriam, S. (2002). *Qualitative research in practice: examples for discussion and analysis* (1ª Edição). San Francisco: Jossey-Bass. p.3-17.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Pereira, F. (2007). *Associativismo Migrante e Participação Cívica: Dinâmicas Organizativas das Associações de Imigrantes Angolanos, Guineenses e Europeus de Leste na Área Metropolitana de Lisboa*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pires, S. (2004). *O Terceiro Setor Imigrante e as Associações de Imigrantes de Leste Europeu em Portugal – Estruturação de um Novo Espaço de Cidadania*. Working Paper, Universidade de Coimbra, CES. [Em linha]. Recuperado em 22 agosto, 2012, de <http://www.ces.fe.uc.pt/publicacoes/oficina/204/204.pdf>
- Portes, A. (2000). Capital Social: Origens e Aplicações na Sociologia Contemporânea *Sociologia, Problemas e Práticas* (33), 133-158.

- Portes, A. (2006). *Estudos sobre as Migrações Contemporâneas: Transnacionalismo, Empreendedorismo e a Segunda Geração*. Lisboa: Fim de Século.
- Rex, J. (1988). *Raça e etnia*. Lisboa: Editorial Estampa
- Rocha-Trindade, M. (2010). Associativismo em contexto migratório. *Revista Migrações – Número temático associativismo imigrante*, (6), 39-58.
- Rocha-Trindade, M. (1995). *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta
- Sayad, A. (1998). *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. Edusp: São Paulo
- Sardinha, J. (2010). Estratégias identitárias e esquemas de integração: os posicionamentos das associações angolanas, brasileiras e da Europa de Leste em Portugal, in HORTA, Ana Paula Beja (org). *Revista Migrações – Número Temático Associativismo Imigrante*, (6), 59-80. Lisboa: ACIDI.
- Schrover, M. & Vermeulen, F. (2005). Immigrant Organisations. *Journal of Ethnic and Migration Studies* (31) 5, pp.823-832.
- SEF. (2006). *Relatório de atividades 2006, Imigração Fronteiras e Asilo*. Lisboa: SEF
- SEF. (2011). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*. Lisboa: SEF.
- Silva, S. (2007). Sem-abrigo: Métodos de produção de narrativas biográficas. *Sísifo: Revista de Ciências da Educação*, 2, pp. 69-82.
- Soysal, Y. (1994) *Limits of citizenship: migrants and post national membership in Europe*:Chicago, University of Chicago Press.
- Stake, R. (1995). *The Art of Case Study Research*. Guilford Publications.
- Taylor, C. (1994). *Examinando a Política Do Reconhecimento, Epistemologia E Sociedade*. Ed. Multiculturalismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- Tuckman, B. W. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Vilaça, H. (2008). *Imigração Etnicidade e Religião: O papel das comunidades religiosas na integração dos imigrantes da Europa de Leste*. Lisboa: ACIDI
- Verba, S. Scholzman, K. Brady, H. (1995). *Voice and Equality: civic voluntarism in American politics*. Cambridge/ London: Harvard University Press.
- Wall, K. Nunes, C. Matias, A. (2008). Trajetórias de Mulheres Imigrantes em Portugal. VI Congresso Português de Sociologia. *Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Anexos

Anexos I

Imigração e Associativismo: O Caso da Associação de Ucrânianos do Algarve

**Tese de Mestrado em Educação Social – Escola Superior de Educação e Comunicação
Universidade do Algarve**

Apresentação

A investigação que estou a realizar tem como objectivo final elaborar uma dissertação de mestrado sob o tema Imigração e Associativismo: O caso da Associação de Ucrânianos do Algarve.

O interesse por este tema resulta de vários trabalhos que realizei ao longo da minha licenciatura sobre migrações e por pensar que a participação associativa tem um papel muito importante no exercício dos direitos sociais e políticos dos imigrantes e contribui também para que as sociedades de acolhimento se tornem mais inclusivas e igualitárias.

O objectivo desta investigação é saber a importância que a participação associativa tem na vida dos seus associados.

A investigação terá as seguintes etapas:

1. Realização de entrevistas a associados que tenham um papel relevante na associação; As entrevistas são gravadas sob o consentimento do/a entrevistado/a sendo transcritas pela investigadora; Na transcrição das entrevistas e na utilização dos excertos no texto da dissertação será assegurado o anonimato dos entrevistados omitindo todos os dados pessoais que possam levar à sua identificação.
2. Tratamento e análise dos dados; toda a informação prestada nas entrevistas têm como único e exclusivo objectivo a realização da investigação para a dissertação de mestrado e não serão utilizadas para qualquer outro fim sem o consentimento dos entrevistados.
3. Apresentação ao entrevistado/a dos resultados finais e entrega de um exemplar da dissertação.

É minha preocupação apresentar os dados de forma honesta, assumindo a responsabilidade por todas as limitações do trabalho final, pois sei que a experiência de vida de cada pessoa é sempre mais rica e complexa do que o conhecimento científico que a partir daí possa ser construído.

Muito obrigada pela disponibilidade e interesse em partilharem as suas experiências de vida.

Fátima Lichtenberg

Guião de Entrevista

Bloco I – Percurso migratório		
		Questões
Situação no país de origem	Familiar Profissional Formação escolar Associativismo	1-Qual era a sua situação na Ucrânia antes de emigrar? 2-Pertencia a alguma associação desportiva, cultural ou outra?
Percurso migratório	Razões de descontentamento Decisão de partir Redes migratórias Situação em Portugal	1-Que razões o levaram a sair do seu país? 2-A decisão de emigrar foi individual ou familiar? 3-Como veio para Portugal e com quem? 4-Tinha algum apoio quando chegou a Portugal? 6-Qual foi o seu primeiro emprego e o que faz actualmente? 7-Pensa regressar à Ucrânia?

Bloco II- Associativismo		
		Questões
Participação Associativa	Porquê Quando Como	1-Quando e como se associou 2-experiências significativas 3- Aprendizagens relevantes. 4- Contatos 5- Redes sociais 4- Dificuldades e obstáculos

Anexos II

Natália

Sou a Natália, sou ucraniana, tenho quarenta e dois anos, estou casada, estou aqui em Portugal já há doze anos com o meu marido e tenho dois filhos. O meu filho tem vinte e um anos e a minha filha dezasseis anos. Ela está na Ucrânia com a minha mãe nestes doze anos.

Tenho o 12º ano e na Ucrânia o 11º ano e também tenho o Ensino Superior, sou professora da língua russa, trabalhei na Ucrânia nas várias escolas e cheguei ao cargo mais alto, aos trinta anos era subdirectora de uma escola de 800 pessoas. Na Ucrânia a formação de escola é um bocado diferente cada diretor tem dois subdiretores, um subdirector do ensino e outro subdirector de educação. A minha área, eu era responsável para a educação na escola.

A minha terra é a parte oeste da Ucrânia, a região de Ivany Frankivsk. Estou muito orgulhosa porque há dois anos atrás o concelho de Faro fez amizade com a nossa região e agora somos cidades geminadas e aqui em Portugal há mais ou menos dois anos que faço a mesma coisa, trabalho em limpezas e durante sete anos cuidei de pessoas idosas. Pronto, não gosto de fazer limpezas, gosto de cuidar de pessoas idosas mas no fim de dois anos claro que aborrece fazer este trabalho por isso como eu costumo dizer, a minha vida principal passa por aos domingos aquilo que é mais importante para mim é nossa escola ucraniana que já funciona à nove anos na Escola Neves Júnior aqui em Faro, no próximo ano letivo vamos fazer dez anos de escola, sou diretora da escola ucraniana e à sete anos fazia parte da direção da Associação dos Ucrânianos no Algarve, fazia papel de vice presidente, presidente e agora sou presidente de mesa de assembleia e no mesmo tempo já à nove anos como subdirectora da escola ucraniana. É meu cargo eleito por isso acho que é um orgulho, já à nove anos que confiam em mim e já à nove anos que sou eleita como diretora da escola.

Agora tenho residência permanente e entrei cá no ano 2001.

Na Ucrânia eu casei no ano de 1991 com o meu marido, tenho dois filhos, na altura tivemos um apartamento pequenino mas nosso, o meu marido começou um negócio e pronto por causa da legislação económica ucraniana não conseguiu, tinha regras, como é que eu hei-de dizer, não bem desenvolvidas e perdemos o negócio, perdemos os nossos bens, tivemos de pagar dívidas, juros do crédito, vendemos casa e esta é a causa principal porque deixámos o nosso país e imigramos para Portugal.

Nós descobrimos Portugal naquela altura porque o meu marido imigrou no ano de 1999 por causa desta situação económica nossa lá na Ucrânia, também porque naquela altura a Ucrânia passou uma crise económica, não recebíamos ordenados, não conseguíamos sobreviver, trabalhávamos por talões e a única maneira para a alimentação era trocar talões nas lojas próprias e toda esta situação implicou...

Naquela altura um professor ganhava 30 euros mais ou menos. Agora por dez anos já mudou-se mas também a diferença é muito grande, agora o ordenado de um professor na Ucrânia é 300 euros mais ou menos e os preços são como aqui por isso...

O meu filho está a estudar na Universidade e temos de pagar propinas e este ano a minha filha vai também tentar entrar também na universidade e é mais uma obrigação também pagar ou não pagar mas pronto, vamos ver. Ela sonha entrar na universidade pública mas vamos ver.

Tive cá a minha filha quando ela tinha onze anos, esteve cá connosco um ano mas foi um bocado duro porque ela chegou no segundo semestre, começou a frequentar a escola Joaquim Magalhães, naquela altura estive na turma, no sexto ano, uma turma muito boa e gostaram muito dela e ela adorou escola e professora e coletivo de turma mas depois, quando passou para o sétimo ano a turma ficou desformada e pronto ela já não conseguiu adaptar-se ao coletivo novo e talvez também já entrou na adolescência que crianças já não a aceitaram bem por falta da língua portuguesa que ela ainda não aprendeu bem português, teve dificuldades na comunicação, andou meio ano sempre sozinha e pronto, não aguentou a adaptação vamos dizer assim e voltou para a Ucrânia.

É fácil, é fácil (risos). Quem escolheu foi o meu marido porque naquela altura muitos ucranianos começaram a emigrar para fora do país e Portugal é destino mais acessível porque mesmo é muito caro o preço da viagem, que é muito longe da Ucrânia é mais de

4.000 quilómetros mas a situação com visto, a facilidade de se entrar no país, por causa disto e depois naquela altura Portugal começou a preparação para Euro 2004, esperámos muita proposta de trabalho e pronto ele entrou em 1999 e dois anos trabalhou cá e depois eu já fui para juntar-se com o meu marido.

A única coisa que eu sabia era Fátima porque eu sou crente, sou católica e pronto nos nossos jornais, revistas saíram artigos sobre Fátima, sobre o aparecimento de Nossa Senhora em Fátima, sobre os pastorinhos e era a única coisa que eu sabia por isso, como é que hei de dizer, tive logo confiança porque achava que sendo Nossa Senhora que encontrou Portugal, ah... se a Nossa Senhora escolheu Portugal quer dizer que são um bom povo.

Mas foi muito duro para o meu marido porque naquela altura ele ficou em situação ilegal, viveu nas obras e depois também foi explorado pelos, não é compatriotas, mas pessoas do leste, Moldavos e Romenos.

Naquela altura sim. E depois quando eu já cheguei, 2002/2003, o Estado português começou a resolver esses problemas, esta máfia do leste como se chamou este processo e depois daquele julgamento que foi presos a maioria dos gerentes daquela máfia, pronto começámos a viver muito bem mas naquele primeiro ano, até você talvez já saiba, nós pessoas do leste usamos aliança na mão direita e quando saímos para cidade sempre trocamos para mão esquerda porque através disto eles reconheciam-nos.

Todos os anos penso um ano, sempre pensamos um ano, mais um ano e já há doze anos mas isso é a maioria.

Sim é a maioria talvez daqueles que ia ficar uma família, ou filhos ou pais ou esposa ou esposo mas quem emigrou a família inteira claro que eles tentaram arranjar aqui uma vida melhor do que a de lá porque naquela altura na Ucrânia não tive expectativas nenhuma por nós porque a altura quando nós ganhámos a independência da União Soviética e pronto a economia não conseguia arranjar maneira para trabalhar, não conheciam nada, uma separação muito dolorosa, não tivemos lá futuro nenhum mas como tive lá filhos pensámos que vamos devolver aquele divididas que tivemos. Ganhámos para apartamento e voltámos mas pronto...

Eu cheguei em Abril, já fiz doze anos dia 8, isso lembra-se sempre por esta data, data da entrada e meu irmão seguiu depois duas ou três semanas depois de mim, chegou o meu irmão e passou cá connosco cinco anos e acho que depois juntou-se com a esposa e depois foi atrás dela. E já tenho cá dois sobrinhos que nasceram em Portugal e têm nomes portugueses. Bom um ucraniano e outro português, meu sobrinho Stanislau Daniel e minha sobrinha Ana Alexandra.

Essas recordações eram muito dolorosas nos primeiros mais ou menos cinco anos. Sempre falámos cada um, contámos nossa história como é que chegámos porque claro com vistos turísticos com prazos curtos de uma semana, duas semanas era um bocado assustador e depois vocês têm também que raciocinar porque é que nos saímos de um país soviético, quer dizer, que a maioria nunca saiu para estrangeiro, nunca. Por isso, com aquele medo, primeiro meu sentimento é medo, sempre medo, todo o caminho. Eu saí com visto turístico para a União Europeia, pagámos isso tudo lá através de uma agência mas pronto, meu caminho é mais civilizado porque eu sei que houve pessoas que foram em condições muito piores. Também através de uma agência eu tive viagem até à Alemanha e depois na Alemanha encontrámo-nos lá com um ucraniano que falou alemão e ele comprou os bilhetes de autocarro para meus colegas para Lisboa e ele achava que melhor opção como precisava ir até Faro comprou o bilhete até Sevilha porque até Faro metia autocarro. Mas quando chegámos à fronteira França/Espanha, quase todas as pessoas do Leste deste autocarro mandaram voltar para trás por causa que faltava um dia para acabar o visto e a maioria também tinha este prazo, dois/três dias. Por isso, lá na fronteira os espanhóis perguntaram-nos para mostrar o dinheiro. Quem tinha dinheiro não recebeu carimbo do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras mas acho que também foi uma coisa combinada porque apareceu logo um taxista francês e nós não sabíamos falar língua nenhuma mas através dos gestos conseguimos explicar. Ele perguntou se nós queríamos ir para o lado de Espanha e nós dizíamos que sim, que era preciso ir lá. Você paga 100 euros cada um e eu mostro o caminho mas nós pensámos que talvez tenha sido combinado mesmo entre os empregados da fronteira porque fomos escolhidos, recolhidos só aquelas pessoas que mostraram dinheiro, aquelas que não tiveram dinheiro não tiveram essa hipótese de encontrar um anjo da guarda de um taxista e pagámos 100 euros cada um e ele depois fez aquele caminho entre cidades. Não é obrigatório ele passar fronteira mas nós como pessoas do leste pensávamos que ele em cada fronteira pronto, ou ficamos castigados ou conseguimos

passar por isso depois chegámos até S. Sebastião e depois lá também calhou o domingo de ramos, não tivemos de falar, ninguém sabe, depois juntamo-nos no caminho, naquele táxi, quatro pessoas que conhecemos lá, três homens, só eu era a única mulher e acho que no autocarro também, todos os que saíram na fronteira eram todos homens, eu era a única mulher e depois em S. Sebastião pagámos outra vez, apareceu um ucraniano e assustou-nos, disse que ia contar à polícia que nós estávamos cá. Eu agora já raciocino, já percebo que o visto ainda era legal mas como tivemos sempre medo, como estamos longe, pronto, não tínhamos hábito de viajar no mundo livre e ele assustou-nos, pagámos mais 50 euros cada um a ele e depois ele comprou os bilhetes do comboio e de comboio fomos até Lisboa. Por isso como é que eu hei-de dizer, é mais ou menos civilizado mas andámos como coelhos assustados o caminho todo.

Na altura meu marido trabalhou ao pé de Loulé que é uma aldeia e estavam lá poucos Ucrânianos e sempre arranjaram pessoas da aldeia, sempre chamaram para ajudar aqui, para ajudar ali. Fez obra naquela altura, trabalhou nas obras daquela aldeia, obras particulares e assim. Eu cheguei logo e arranjei emprego num café, numa bomba de gasolina. Pronto como é que hei-de dizer... naquela altura tinha trinta anos, não importava nada, que era subdirectora de uma escola com 800 alunos e passar a trabalhar como empregada de mesa, naquela altura como uma brincadeira como um jogo, adaptar-se, conseguir avançar com língua, com hábitos, pronto, tentar compreender o povo, tentar compreender os hábitos dos portugueses, muitas coisas que naquela altura gostei muito, é outra maneira de viver, a alimentação, o mar, o tempo...pronto parece que são umas férias bonitas. Mas depois começamos a pensar legalizar a nossa situação porque ficámos os dois ilegais e naquela altura apareceu uma proposta. Uma senhora que ia pagar menos mas que arranjava vistos, que fazia contratos a nós dois e nós mudamos. Fui trabalhar para uma vivenda, pronto, talvez aqui seja importante dizer que sempre fomos bem tratados pelos portugueses, nunca senti nenhuma discriminação por parte dos portugueses e acho que isso ajudou muito a que nos tivéssemos integrado na comunidade, nesta vida e aceitar aquela minha situação que...pronto uma queda social e pronto. Depois em talvez 2003 comecei a juntar pessoas para uma escola para essas aulas de ucranianos. Na Ucrânia, na altura de escola erámos obrigados a ser membros, pioneiros ou depois komsomol, são mais ou menos como os comunistas jovens por isso passei essa toda essa experiência. Fui presidente da associação dos pioneiros de turma

todos os anos, da escola toda e depois já na escola secundária tive também o cargo de presidente da associação. Não, sei, vocês não conhecem komsomol?

Isso, como é que eu hei-de explicar. Aquilo não é bem partido comunista, são mais ou menos futuros comunistas. Depois do komsomol se queres entras, se não queres não entras. E eu cheguei à idade quando acabou o partido comunista, graças a Deus e por isso eu não fui obrigada a entrar.

Depois eu comecei a ajudar na Igreja, abriu uma Igreja na nossa cidade. Não me esqueço que naquele tempo, soviético, a Igreja Católica foi proibida e eu trabalhei na escola e conheci lá freiras e começámos a juntar uma comunidade jovem, crentes, católicos, e eu sou uma das fundadoras da Associação de Jovens Católicos da minha cidade uma associação pequenina. O meu orgulho pequenino porque a partir daquele nosso trabalho, naquela altura saíram dois padres da nossa associação e dois jovens entraram no convento. A minha cidade tinha 8000 pessoas.

Não sei se já está observada esta situação que em Portugal, mais propriamente no Algarve a maioria dos ucranianos são parte oeste do país. Antigamente a nossa terra fazia parte da Polónia por isso aquela tradição religiosa é muito forte e continua forte e para nós é normal quando a família toda frequenta a Igreja, missas e pais, avós, filhos, netos, todos os domingos mais ou menos e por isso aqui estamos habituados, não é só hábito, é uma necessidade talvez porque é uma experiência de vida toda, de pequenino, participarmos nas missas mas começámos por procurar umas missas da nossa Igreja. A nossa Igreja não é Católica de tradição de Roma, somos católicos de origem bizantina. É uma coisa um bocadinho diferente e por isso começámos por... acho que é importante dizer que primeiro aproximaram-se dos imigrantes da minha comunidade, dos ucranianos a Igreja Católica aqui em Faro, portuguesa porque em Lisboa é a mesma coisa. Eles primeiro começaram a preocupar-se com a nossa situação, dar aulas para melhorar o português e através destas aulas, uma ucraniana trabalhou na casa de umas professoras reformadas e começou a aprender e essas professoras da paróquia de S. Luís, do Padre Rocha aqui em Faro, falaram com o Padre Rocha e por isso o Padre Rocha aqui em Faro é o meu padre porque há 12 anos mais ou menos que eu conheço ele e está sempre disponível para nós e através destas aulas de português começámos a conhecer-nos uns aos outros e depois surgiu a ideia, acho que no Convento dos Franciscanos, na Igreja de S. Francisco aqui em Faro, fazer uma missa para imigrantes

do leste mas sei que eles lá fizeram obras e trabalhou lá um grupo de ucranianos e nós temos umas tradições fortes e diferentes na páscoa e no natal. Na páscoa estamos habituados a benzer produtos e cada um chega ao pé da igreja com um cesto, com produtos que foram proibidos no tempo da quaresma, carne, chouriços, queijo fresco, essas coisas e no dia de páscoa estamos habituados a ir até à Igreja e depois o Padre benze aquilo e eles pediram ao Padre Franciscano e ele benzeu aquilo só para eles e depois não sei como é que surgiu ali e os Padres Franciscanos para aproximar a nossa comunidade convidaram um Padre ucraniano de Lisboa, já não me lembro do ano, acho que foi em 2001 ou 2002 e fizeram uma missa de natal na Igreja de S. Francisco e juntou muitas pessoas, talvez 300 ou mais e depois fizeram um jantar para todos nós lá no Pátio e pronto, começámos a nos conhecer mais uns aos outros e depois começámos dois movimentos, primeiro o nosso trabalho em comum sem comunicar muito que era convidar um Padre ucraniano para Faro, sei que é um grupo, naquela altura não conhecia aqueles homens, naquela altura um grupo comunicou ao Bispo do Algarve e eu ao mesmo tempo, calhou, faço uma carta para o Bispo da nossa Igreja na Ucrânia. Enviei a carta para o endereço dele porque tive conhecimentos de padres e os padres lá na Ucrânia enviaram-me o endereço do nosso Bispo e acho que depois da comunicação o Bispo do Algarve convidou um Padre ucraniano. Através desta altura, acho que no ano de 2003, começaram a ter missas aos domingos, começaram a juntar pessoas, depois começaram a sair jornais do leste, em língua russa mas lá também com muitos avisos, muitas publicidades, começámos a ter mais contactos e depois naquela revista, no ano de 2003, saiu um aviso com uma ideia do grupo de ucranianos de Lisboa, juntar-se delegados de todas as regiões de Portugal, delegados ucranianos para criar uma Associação de Ucrânianos de Portugal e nós na missa, eu por acaso trouxe aquele aviso e o Padre autorizou fazer aquele aviso lá e fizemos a reunião mesmo lá dentro da Igreja, escolhemos um delegado da nossa comunidade e a partir dali, mais ou menos em 2003, começámos a funcionar como uma sede, em rede, de Associação dos Ucrânianos em Portugal mas mais ou menos no ano de 2004, 2005 começaram a avançar as Câmaras Municipais, começaram a criar gabinetes locais de apoio aos imigrantes.

Sim, e já depois quando eles começaram a fazer projetos para a comunidade toda imigrante aqui no Algarve começaram a procurar pessoas, primeiro um projeto, um livro sobre as nossas culturas, sobre a cultura russa, moldava e ucraniana e eles comunicaram connosco, perguntaram como é que eram as nossas tradições, as nossas

festas, isso tudo e saiu um livro publicado aqui em Faro da tipografia da Câmara Municipal sobre a nossa cultura e foi lá que nós conhecemos aquelas pessoas mais socialmente ativas e através da proposta de CLAI (Centro Local de Apoio ao Imigrante) de Faro começámos a pensar fazer....não funcionar como uma rede mas criar uma associação própria. A irmã Maria Isilda ajudou, é um membro da Igreja Católica portuguesa, ela naquela altura era responsável pelo trabalho com os imigrantes e ela é uma das nossas fundadoras da Associação dos Ucrânianos de Portugal, fizemos um estatuto, ainda não falávamos bem o português mas tivemos a ajuda dela. Pagámos a escritura no notariado aqui em Faro e a partir do ano de 2005 começámos a ter como nome, Associação dos Ucrânianos no Algarve e começámos a trabalhar como uma associação. Quer dizer, o papel mais forte sempre foi da Igreja Católica, talvez porque a nossa mentalidade é sermos crentes, a maioria e com esta necessidade e através do contato pela a Igreja Portuguesa conseguimos aquilo que temos e depois juntou-se a Câmara Municipal de Faro e todas as instituições começaram a criar o ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural), os CLAI na loja do cidadão, depois outras associações e nós somos a primeira das três associações criadas naquela altura, 2004/2005. A nossa escola já fazia parte da Associação dos Ucrânianos, eu quando era presidente da Associação dos Ucrânianos também fiquei como diretora da escola, com dois papéis.

O projeto começou ao mesmo tempo mas naquela altura não me chamavam diretora, era só professora e tive umas 10 crianças. Tivemos aulas na Igreja de S. Luís porque o Padre Rocha deu autorização para usarmos o espaço, um ano mais ou menos. Mas naquela altura tivemos objetivos de escola completamente diferentes, servíamos para ajudar na adaptação, na integração das crianças ucranianas porque elas também sofriam com a adaptação na comunidade escolar portuguesa, por falta do conhecimento da língua e essas coisas. Dávamos apoio para não esquecer a língua, para manter as nossas tradições preparámos festas para a Igreja, festas infantis mais ou menos e depois no ano de 2006/2007, surgiu um projeto do Ministério da Educação da Ucrânia, lá chama-se Ministério do Ensino da Ucrânia, uma escola internacional ucraniana, que através deste projeto, todos os participantes, entidades do ensino no estrangeiro podemos ter avaliação para alunos do Ministério da Educação na Ucrânia, um tempo para dar equivalência. As crianças frequentavam as escolas portuguesas mas isso era como se fosse equivalente ao ensino à distância e ao fim de semana nós fazíamos explicações

para as crianças e duas vezes por ano temos representantes do Ministério da Educação da Ucrânia e fazem essa avaliação e a partir daí, já em 2010 nós criamos o nosso projeto para o Centro Educativo Luso Ucrâniano e pronto, o objetivo mais importante é a educação, o ensino das crianças já não estamos obrigados a fazer um papel de associação dos imigrantes, da integração dos adultos, agora estamos preocupados só com a escola, com as crianças.

Bem a primeira coisa é que temos falta de um ponto de encontro para todos, a primeira coisa é as pessoas ajudarem a comunidade ucraniana, quem tem falta do conhecimento do português porque surgem problemas com trabalhos, com as condições do trabalho é o primeiro papel de qualquer associação dos imigrantes é esse, ajudar, explicar, encaminhar, coisas porque a associação é também um ponto de encontro para as entidades portuguesas porque podem contar sempre connosco para comunicar com pessoas, para fazer avisos, para fazer a divulgação das leis, legislação portuguesa, também ajudamos muitas vezes, eu própria fui traduzir nas diferentes entidades portuguesas para ucranianos que tinham falta, situações complicadas, fomos muitas vezes ao hospital e já tivemos contactos com o hospital, fomos chamados propriamente como associação.

No início o maior papel é para nós próprios, fizemos uma vida muito fechada porque tentámos manter só as nossas tradições, manter a nossa língua, seguir os nossos feriados, as nossas festas tradicionais, isto tudo mas depois começámos a fazer esse papel social para a comunidade ucraniana para os imigrantes e depois também conhecer Portugal acho que também é um papel importante para uma associação, fizemos na altura muitas excursões para facilitar a integração na comunidade portuguesa, conhecer a cultura do país de acolhimento e fizemos muitas excursões e continuamos a fazer, até já temos portugueses connosco, um senhor português que trabalha na Fagar e que já nos acompanhou muitas vezes nas excursões, uma pessoa acho que tem 60 anos e diz que quando ucranianos vai conhecer sítios novos e Portugal e pensei se eles têm falta, porque eu nunca tive essa falta? e agora está sempre a acompanhar as nossas excursões (risos). Também tivemos muitos convites para apresentar a cultura ucraniana, apresentar o nosso país, as nossas tradições, as nossas canções, tivemos muitas atuações nestes encontros multiculturais mas agora já um bocado menos por causa da crise ou por causa da comunidade dos imigrantes estar muito bem integrada temos menos estes convites.

Eu já há muito tempo que digo que tenho de escrever um livro. Aquelas situações quando os meus compatriotas estão em situações complicadíssimas ou por causa da saúde, a maioria por causa da saúde, ou por acidentes no trabalho e tivemos cá duas ou três vezes este acontecimento, uma mulher que enlouqueceu pronto e ela não é da comunidade aqui de Faro e ela andou muitas vezes a pedir esmola ao pé dos supermercados e ninguém sabia que era uma ucraniana, pensávamos que era uma inglesa e acho que a história dela mostra muito bem o que uma associação pode fazer, já não me lembro muito bem do ano talvez em 2005/2006 não, talvez em 2007/2008 recebi um telefonema de Lisboa de uma vila qualquer de Lisboa, telefonou um senhor, o Luís, também já não me lembro muito bem do apelido dele, era da Câmara Municipal e ele explicou que ele lá voluntariamente ajudava imigrantes e que tinha tido um pedido de um ucraniano que andava a procurar uma vizinha compatriota, da mesma aldeia dele na Ucrânia, e que a família dela pediu para ele tentar localizar a mãe ou filha daquela família e este senhor da Câmara Municipal conseguiu através dos registos da segurança social fazer essa busca para encontrar a localização da mulher, através dos últimos descontos do local de trabalho e ele descobriu que ela teve qualquer serviço aqui na região do Algarve e que provavelmente estaria em Faro. Ele explicou logo que a senhora era doente mental mas não estava assumida, era através daquilo que as pessoas contavam e eu depois comecei a procurar na igreja, a perguntar às pessoas e ninguém sabia e depois mais ou menos naquele tempo telefonou um senhor aqui da polícia, o Sargento Carmo, telefonou-me a dizer que precisava de uma tradutora porque eles tinham encontrado uma mulher, achavam que era ucraniana, e que precisavam de ajuda para traduzir, para se poderem entender com ela. Depois esse senhor Luís, através daquilo que ele contou forçou a polícia a procurar por ela e depois da busca encontraram-na. Ela andava nas ruas, nós nunca pensámos que ela era ucraniana e depois o senhor Luís através de uma ameaça, que ia chamar os jornais portugueses porque a polícia não queria cumprir o seu papel, eles encontraram-na, depois foi hospitalizada em Faro e depois ele também contactou a Câmara Municipal, o CLAI (Centro Local de Apoio ao Imigrante) e fizemos uma reunião entre todas as entidades, polícia, jornal russo do leste aqui de Faro (nome estrangeiro), CLAI (Centro Local de Apoio ao Imigrante) e chamaram-me como representante da comunidade ucraniana para resolver a situação dela. Infelizmente ela não conseguiu ser hospitalizada no Hospital de Saúde Mental, não havia vaga naquela altura mas foi tratada das doenças dermatológicas porque andou nas ruas, depois no fim de duas, três semanas de

tratamento o CLAI (Centro Local de Apoio ao Imigrante) conseguiu através do projeto retorno voluntário que ela regressasse à Ucrânia e pronto.

Ccomo é que eu hei-de dizer, às vezes serve de "abre-olhos" porque nós achamos que não estamos bem ao comparar com situações das outras pessoas estamos muito melhor e também, dois anos atrás, no ano passado telefonaram-me do hospital de Faro que estava lá um ucraniano que tinha tido um acidente de trabalho e que depois não se lembrava de nada, não sabia quem era, de onde era, na altura nem sabia falar ucraniano. Fomos lá, começámos a falar, tentámos encontrar o homem, tirámos fotografias sem autorização do hospital pelo menos para procurar na igreja, na escola, nos nossos locais de encontro e conseguimos encontrar a esposa dele, eram divorciados mas através disto conseguiram identificar a pessoa e sim, depois do tratamento ele não voltou a lembrar-se de nada mas foi entregue para a Ucrânia e já está e espero que esteja tudo bem com ele mas o maior papel das associações é este, ajudar os nossos compatriotas nestas situações quando a pessoa está fraca, quando a pessoa está... não me consigo lembrar da palavra portuguesa, quando ela não consegue dar conta dela própria e o maior papel é este. Já as tradições, concertos, atividades assim alegres isto...

Sim, como é que eu hei-de dizer... uma coisa servir para desfavorecidos e outra coisa mostrar a comunidade aqui, que a associação serve para alguma coisa e continuo com aquela ideia que serve de ponto de encontro, pessoas que querem festejar qualquer coisa comunica com a associação e fazem uma festa, se têm tempo nas férias e querem fazer excursões então fazem excursões e também serve de ponto de encontro para entidades, para portugueses com ucranianos, depois também gostei muito daquela ideia, a ideia é mais portuguesa porque não oiço muito nos outros países que através do meu cargo comunico muito com ucranianos dos outros países da União Europeia, aqui houve uma altura em que deram muita atenção à integração dos imigrantes na comunidade portuguesa e isso é muito importante, cursos de português oferecidos e também festas multiculturais para conseguirmos conhecer uns dos outros, como é que hei-de dizer, abrir porta do nosso mundo, mostrar quem nós somos porque no primeiro ano eu lembro-me que os portugueses faziam-me umas perguntas que eu fiquei logo como ver aquilo, vocês têm universidades, faculdades de medicina na Ucrânia? Eu fiquei louca porque acredito que as pessoas pensavam nisso naquela altura, agora por causa da crise acredito que já não pensem nisso, que as pessoas imigram, como estão habituados dos

imigrantes talvez dos países mais pobres que nós imigramos porque andamos lá descalços, sem roupa e moramos nas ruas não sei, mas nós todos, na maioria temos a nossa vida, temos ensino que no tempo soviético o que deu bom para nós todos foi o ensino, o ensino superior que naquela altura era oferecido pelo estado por isso somos todos formados mas por causa do ordenado dos 30 euros e ainda não foi pago porque na altura foi crise não tivemos outra hipótese para continuar a viver e pronto pessoas já com 70 anos, com aquela idade que já não dá para trabalhar mas as pessoas com 20/30 anos que ainda têm toda a vida pela frente tivemos de procurar qualquer solução e imigramos e sim, acho que através desta política de integração ajudou muito porque acho que nunca tivemos aqui situações complicadas como nos outros países como a França. Naquela altura, da revolta dos imigrantes, já não me lembro... da Turquia, aqui nunca tive nada contra a comunidade, contra... sempre fui bem aceite e nunca me senti humilhada no geral, por instituições nenhuma nem na Segurança (Social) nem nas Finanças, sinto que falam comigo de forma igual como se fosse portuguesa, como cidadãos próprios por isso acho que isso é muito importante para qualquer país e agora como estamos nesta situação de crise que cada vez o mundo é mais internacional que acho que já são poucos os países que podem contar só com os cidadãos próprios por isso (pausa) **..Globalização**

É essa a tradução dos meus pensamentos (Risos). Mas ao mesmo tempo é importantíssimo continuar a saber a sua raiz, ensinar as nossas crianças, os nossos filhos, conhecer as suas raízes. Para isso é que serve a escola e a associação, continuar a ter aquele lugar de pátria, da nossa própria pátria.

Na última assembleia fui eleita como presidente de mesa de assembleia da associação ah e você perguntou das coisas mais importantes da minha experiência na associação. Sim claro, sempre me lembro das coisas piores, coisas bonitas e alegres já perdem a sua importância. Sim, o ano de 2010 talvez seja o melhor ano para o meu trabalho na associação porque conseguimos promover o projeto, o Festival Cultural Ucrâniano e com a autorização e aceitação da Câmara Municipal de Faro facilitou muito e conseguimos, é o meu orgulho sim porque naquela altura era a presidente da Associação dos Ucrânianos e consegui juntar todos os ucrânianos de Portugal, muito importante, todas as associações e a Câmara Municipal ofereceu o Teatro Lethes, o melhor sítio que podemos imaginar para essa coisa [evento] porque todos os ucrânianos de Portugal em

que participaram ficaram encantados com o lugar, como é que tu conseguiste e pronto, foi uma experiência importante, bonita e conseguimos ter muitos expetadores portugueses que queriam conhecer a nossa cultura, consegui ter também os melhores artistas da nossa comunidade de Portugal todo, de Coimbra, de Lisboa, do Alentejo, mais ou menos de todos os lados de Portugal, consegui juntar todos e foi uma experiência linda, bonita, inesquecível, pronto e naquela altura pensei fazer em cada dois anos pelo menos mas acho que já não consigo.

O meu sonho, ao longo destes 10 anos é ter uma escola boa, um centro de tempos livres e trabalhar com crianças porque é aquilo de que eu gosto, ao fim de 20 anos acho que é aquilo que eu sei fazer, já posso dizer isto e gostaria muito de ter um centro infantil educativo talvez. Já tenho muitas ideias de como é que podia fazer isto mas por falta de dinheiro não posso arriscar.

Sim, sim, isso já o Igor conseguiu e vamos outra vez lembrar a Câmara Municipal de Faro, o engenheiro Macário Correia porque eu já, bom isso é publicidade (risos) mas isso tem de ser recordado porque através deste meu caminho na associação já conheci três presidentes de Câmara Municipal, os dois primeiros nunca ligaram muito à associação, sempre simpáticos, sempre bem-dispostos, sempre ouviam mas nunca fizeram nada. Mas agora, porque gosto da presidência do Sr. Macário Correia porque foi a pessoa que conhece a comunidade, a cidade todos os cantos, acho que ele sempre sabe o que se passa, o que acontece em qualquer lado, formalmente sempre enviei convites para a Câmara Municipal para as nossas festas e nunca obtive respostas, e ele sem convite especial já visitou três ou quatro festas nossas e pronto, 10 minutos mas ele mostra respeito de comunidade, com essa atitude ele mostra que somos respeitáveis e que somos importantes como cidadãos porque eu agora sinto-me cidadã fareNSE, quem vive aqui 10 anos acho que também tenho direito de me chamar fareNSE, também estou preocupada com a situação, com a crise, com essas austeridades todas e os meus amigos portugueses que estão piores no trabalho mas claro que tenho talvez um ceticismo porque nós passámos uma crise muito pior, e não recebia ordenado como professora durante dois anos seguidos e eu sei o que é fazer pão à mão na cozinha em casa, eu sei o que é tratar da horta, alimentarmo-nos da própria horta e pronto, acho que isso tudo talvez só acontece para nos ensinar, para nos dar lições do que é viver nos limites, porque eu acho que não é só Portugal, são os países todos da União Europeia

habituar-se a viver sem limites e pronto, é triste que tenhamos chegado até cá, é triste porque não temos nenhuma confiança no futuro porque é complicado viver assim, não se sabe o que acontece daqui a uma hora, o que é que o governo português decide (risos). Também dependo muito dos meus trabalhos porque se as senhoras não conseguem ter ordenado eu não consigo ter o meu ordenado nas casas deles e acho que esta atitude das pessoas, dos políticos aproxima a cidade deles e aproxima eles próprios à cidade é para manter, é para proteger. Ah, eu não acabei de dizer do Engenheiro Macário. Sim, ele agora ofereceu para todas as associações espaços, talvez pronto, não sejam grandes espaços, não é casas, não são apartamentos, não são salas, é preciso...

Sim e pronto, fazer e trabalhar para ter aquele espaço mas temos o direito por mais 26 anos o aluguer oferecido, sem pagar. Agora só temos de juntar, dinamizar a comunidade para conseguir juntar dinheiro para pagar a obra e fazer aquilo mas é uma pessoa disponível, aberta que sabe e conhece que qualquer associação precisa de um lugar e é claro que estamos gratos a ele.

Eu cheguei em Abril de 2001 e já assisti aquela, não, comecei a assistir às missas portuguesas e foi lá que conheci umas ucranianas, encontrámo-nos lá na Igreja, pronto acho que vocês aqui têm de compreender que é complicado por que lá eu já tinha o meu lugar na sociedade, já fui conhecida e reconhecida pelo meu trabalho agora aqui é aquela questão do *status* social, ninguém conhece quem és tu (pausa). Ninguém conhece que és capaz, por isso um ano parece-me que é como é que eu hei-de dizer, tentei conhecer bem a comunidade, tentei entrar em alguns grupos claro que sempre tive aproximação com pessoas crentes da Igreja e quando lá percebi que há pessoas que pensam mais ou menos como eu acho que no fim de um ano começámos a encontrar-nos.

Não eu acho que depende das pessoas, outra coisa importante depende das condições do trabalho, do primeiro emprego que me arranjaram, trabalhei numa casa de uma família civilizada (risos), nunca fui presa, nunca foi proibido nada, cumpri as minhas regras do trabalho, os meus deveres, pronto no resto do tempo era uma pessoa livre, podia fazer tudo.

A primeira coisa foi que preencheu conteúdo todo (risos) porque claro com esta diferença do *status* profissional, social é complicado e sei que muitas pessoas, muitos

imigrantes ucranianos, por exemplo na Itália porque lá há um outro tipo de trabalho, a maioria das mulheres trabalham em casas, cuidam de pessoas idosas e lá conheço muitas mulheres que pronto adoeceram mentalmente por causa deste isolamento. Quer dizer, não é isolamento físico, acho que isso não é importante, isolamento psíquico, psicológico, espiritual talvez também e aqui como mais ou menos na associação eu sinto-me eu própria como sou, com estes 10 anos acho que ganhei já confiança por parte da comunidade, têm reconhecimento do meu trabalho aqui que comecei do zero há 12 anos atrás e por isso é para mim e como não tenho cá filhos, talvez um papel mais importante de tudo.

Acho que, bom a primeira coisa que conheci foram os portugueses que trabalham naquelas áreas que eu gosto, como conheci muitos presidentes de outras associações, também tive muita colaboração com CLAI (Centro Local de Apoio ao Imigrante), com outras entidades que colaboram com imigrantes, depois da colaboração com o CLAI das outras cidades, eles agora para mim já são amigos, responsáveis pelo trabalho na comunidade de imigrantes de Vila Real de Santo António, São Brás de Alportel, também aqui de Faro, de Albufeira, e também conhecimento, como é que hei-de dizer... graças a Deus que através da associação eu tenho comunicação com aquelas pessoas que eu tenho necessidade, não estou obrigada a comunicar só por obrigação por isso isto é muito importante para me manter a mim própria como sou e por outro lado é importante que através da associação consegui criar amigos porque é claro que quando entramos em Portugal tive de comunicar com aquelas pessoas mais próximas que tive à volta de mim e muitas vezes não gostei nada daquela gente, daquelas famílias, daquelas mulheres mas não tive outra resposta pronto, agora por 10 anos, como é que hei-de dizer... mantenho relacionamentos com pessoas, aqueles que estou interessada por eles, que gosto de contatar com elas e o que também é muito importante é que através da associação consegui conhecer pessoas muito, não sei a palavra... especiais pronto, talentosas.

Mas não quer dizer pessoas diferenciadas da parte carenciadas ou doentes, quero dizer que são aquelas pessoas que estou interessada por elas e pronto é o meu feitio.

Nos primeiros anos eu sempre sonhei o pior... como é a palavra portuguesa quando sonhamos mau? - **Pesadelos.**

Pesadelo, o pior pesadelo é que eu estou na minha escola lá onde trabalho e sinto-me fora de todos os assuntos, fora pronto, abandonada, que o meu lugar está ocupado, quer dizer não é o meu lugar de trabalho próprio, é mesmo o meu lugar nessa comunidade escolar, que já ninguém tem falta do meu serviço das minhas ideias e eu estou lá no meio da escada e pronto eu não sei o que fazer com a minha própria escola. Sempre tive este pesadelo, sempre mas até acho que a diretora da escola onde trabalhei durante 5 anos manteve o meu lugar, esperava que eu voltasse. É como eu digo, dizemos sempre mais um ano, mais um ano e ela sempre me tentou convencer a voltar e pronto isso sempre dá prazer, saber que alguém valoriza o meu trabalho lá e agora quando chego lá é complicado porque nós já estamos habituados a viver aqui, já estamos habituados a esta cultura, é uma civilização um bocado diferente, aquelas coisas diárias, ida ao supermercado, ida às compras, depois como estamos tratados aqui nas entidades públicas, lá pronto, talvez seja um país um bocado mais pobre economicamente isso talvez provoque um mal entendimento na sociedade por isso acho que todos nós, porque eu já comuniquei e muitas vezes nas redes sociais também surgem estas perguntas, estas questões, sentimo-nos lá estrangeiros e é muito complicado e ao fim de 12 anos vejo que já quase não tenho lá lugar para voltar mas acredito que consigo se aqui, num país de língua diferente, em que sem se conhecer língua nenhuma consegui, lá também consigo, mas sempre temos esse sentimento, aqui sentimo-nos estrangeiros e lá também nos sentimos estrangeiros.

Eu adorava voltar a Ucrânia porque como sou socialmente ativa, sempre eu não estou bem realizada aqui eu quero fazer aquilo de que eu gosto e que eu tenho jeito 40 horas por semana eu não quero fazer aquilo só 6 horas por semana. Mas por enquanto as condições pioraram lá na Ucrânia, a democracia está cada vez mais limitada e isso provoca uma revolta muito grande dentro de mim claro porque acho que mesmo nesta situação podia servir mais ali do que aqui mas estou naquela gaiola da obrigação à frente dos meus filhos que não posso sair estou obrigada a cuidar deles obrigada a dar o ensino porque para nós é importantíssimo dar ensino e tudo do melhor e por enquanto não vejo quando e como voltar mas sei que quando volto estou recebida com meus

amigos e colegas do trabalho. Já talvez não tenha o meu lugar profissionalmente mas tenho lugar pessoalmente.

Primeira coisa é a alimentação portuguesa nós não estamos como hei-de dizer, nós não temos cultura da alimentação. Gosto da cozinha portuguesa e também da maneira da alimentação, o que eu quero dizer é que nunca imaginei que pudesse juntar duas palavras alimentação e cultura mas aqui em Portugal descobri isso que essas regras do pequeno-almoço almoço e lanche e jantar lembro de quando no primeiro ano que trabalhei e senhora chegou em casa sem almoço às cinco horas com frases “estou cheia de fome” eu diz “está lá restos de almoço você pode comer”, ela ficou toda chocada com essa proposta minha e diz “ó Natalya mas agora é altura do lanche e jantar é daqui a duas horas” e eu fiquei chocada (risos) se a pessoa tem fome a pessoa senta e... nós não estamos habituados que aquela é a hora do almoço e aquela do jantar e lá no meio que eu não posso comer assim os portugueses só podem lanchar no intervalo, nós não (risos) se eu na escola se não tenho tempo de almoçar almoço às cinco. Mas gosto muito, como hei-de dizer, no início andei a rir disto e pensei para quê esses limites para quê limitar quero comer e sempre como não no lanche não posso jantar e no lanche não posso almoçar mas gosto muito e vejo que faz bem agora quando vou.... Gosto muito de cozinha portuguesa aprendi muito nas casa onde trabalhei e adoro agora em casa faço muitas pratos portuguesas também agora com mais conhecimento da língua estou mais interessada pela cultura não só popular porque essa assisti nestes dez anos, agora comecei a ler em português para mim isto é um grande alcance, nem todos os livros são fáceis sinceramente mas agora descobri os escritores que mais ou menos consigo compreender. Comecei a saborear poesia portuguesa que já consigo compreender, adoro música portuguesa gosto muito de assistir concertos aqui no teatro municipal de Faro e acho eu que quando nós imigrantes nos começamos a aproximar desta cultura fundamental não é só popular isso já é um ponto alto da nossa integração e através disto já começamos a sentir-nos, desculpe minha pátria, mas metade portuguesas (risos).

Acho que não é uma grande descoberta para uma portuguesa se disser que o sistema de saúde é péssimo eu não sei como é que vocês não fazem nenhuma revolução eu já posso encabeçar uma revolução contra o sistema de saúde em Portugal isso é primeira e segunda revolução que eu vou fazer é contra sistema de educação, do ensino escolar em Portugal porque isso... primeiro pronto eu lembrei de saúde porque ultimamente só falo

de escolaridade da escola mas agora eu lembrei de saúde porque meu marido já há dois meses está com graves problemas nas articulações com líquido nas articulações todas e dois meses ninguém faz nada com ele, a pessoa não é tratada. Vai ao hospital fazem lá injeções de analgésicos e eu estou louca com isto porque, como hei-de dizer, em geral cultura de Portugal é uma civilização alta porque é uma cultura dos séculos mas com este sistema de saúde vocês parecem uns atrasados como um país da África porque apesar das todas dificuldades e diferenças na economia entre Ucrânia e Portugal na Ucrânia se eu estou doente vou ser tratada já e agora pronto tenho que pagar por isto infelizmente no bolso do médico porque a corrupção é grande vocês nem imaginam mas eu tenho acesso ao sistema de saúde e vou-me curar mas aqui acho que só meios mortos conseguem ser salvos e isso é o que eu não consigo compreender e não consigo aceitar por isso nós ucranianos sempre achamos que vosso governo são meios malucos como é que não pode organizar aquilo que é mais importante para cidadãos já por estes ... quantos anos desde 74? Com 40 anos de democracia e outra coisa que faz revolta eu não tenho outra palavra, eu não quero dizer que não gosto, é revolta mesmo é o sistema de ensino aquela forma como estão tratados os professores aquela forma de discriminação dentro da escola contra professores eu estou maluca com isso também isto também parece um país do terceiro mundo porque se a sociedade não respeita professor como é que alunos vai respeitar um professor? Na nossa terra, isso talvez que sobrou do tempo soviético é o respeito pelo professor porque é claro no tempo soviético o estado através das pessoas formadas manteve sua política mas pronto aquilo também dava educação mas aqui e agora oiço que ainda pior porque vão cortar lugares do trabalho e escolas ficam com menos adultos técnicos e funcionários na escola e depois também é o que eu estou a dizer sobre desrespeito na sociedade é que na nossa terra pais têm respeito dos professores quer dizer que se eu queixo que seu filho tem um comportamento que não é bom não estuda pais ficam sempre no meu lugar no meu lado eu não sou inimiga dos pais mas aqui pelos vistos é contrário já li num livro e muitas vezes utilizo essa frase porque ela própria faz Portugal que antigamente professores são heróis dos alunos agora são vítimas e isto é o que eu não gosto.

Sim, eu quando tenho conhecimentos bons de português vou lutar solidariamente pelos portugueses (risos).

Eu já expliquei que sou uma pessoa socialmente ativa e que para nós é importante a associação, quer dizer, nós conseguimos formar nossa sociedade que é também o papel da associação, estruturar uma comunidade que é nós não somos indivíduos separados mas somos todos uma comunidade, um braço forte que é todos juntos conseguimos defender cada um e conseguimos defender nossos direitos quer dizer à frente de Estado português e das entidades portuguesas. Por exemplo, mas agora não estou a falar do povo português estou a falar dos patrões e das empresas, eles talvez tratam imigrantes e portugueses da mesma maneira mas já tive essa experiência que quando telefonei para os meus patrões que não pagaram o meu ordenado e depois de me apresentar “está a falar o presidente da Associação de Ucrânianos do Algarve vocês têm dívidas do meu ordenado tal e tal e tal”, o ordenado foi pago no dia a seguir quer dizer que até próprios patrões compreendem que é melhor não meter-se com uma associação e isto é importante mas também á frente de entidades ucranianas porque, agora lembrei disso, as associações de ucranianos nos países democráticos contribuíram muito na democracia do próprio e do nosso país porque aquilo que agora acontece com a língua russa como segunda língua do Estado mas agora por enquanto só segunda língua regional, lá estamos a ver que estamos a perder valores democráticos através das nossas associações nós estamos a chamar a atenção nos Estados, nos governos dos países de acolhimento e através dessas nossas cartas e propostas conseguimos influenciar as instituições lá.

Sim, porque forças democráticas também contactam connosco, não digo com nossa associação muito, porque nós temos um papel mais local mas a Associação dos Ucrânianos de Portugal cumpre esse papel de defender os valores democráticos na Ucrânia por isso muitas vezes de iniciativa deles fizemos carta assinamos todos da associação que temos aqui em Faro e temos cinco associações de ucranianos aqui em Portugal por isso assinamos sempre petições depois cartas aberta e depois tentamos influenciar nosso Estado, nosso presidente na Ucrânia.

Permite mas não temos, nós só temos uns portugueses não temos mais porque, como hei-de dizer, eu já expliquei muitas vezes aos portugueses, para vocês nacionalismo isso é uma coisa péssima mas eu sou nacionalista como hei-de dizer talvez é mais civilizado dizer que sou patriota porque a nossa história da Ucrânia somos sempre explorados por outro país, por outros impérios por isso sempre tivemos obrigação de defender nossa identidade, o que é? língua primeira coisa, valores, personagens históricas e a nossa

história própria porque no tempo soviético a nossa história está toda cortada de maneira para ser uma história bonitinha da União Soviética unida e de um país especial mas não era assim fomos obrigados a fazer parte daquele país. A língua foi sempre discriminada, sempre toda a vida. Eu agora ensino crianças para valorizar a própria língua não é porque somos melhores é a única questão porque é preciso defender porque fomos sempre discriminados sempre por isso no início quem não conhece bem nós sempre está a acusar que somos nacionalistas, nacionalistas aqueles que têm contra os outros mas quem defende próprio eu acho que isso não é nacionalismo isso é patriotismo talvez daquele grau mais alto mas eu não tenho nada contra os outros. Meu pai é russo mas eu vivi toda a vida na Ucrânia e identifico-me como ucraniana e nunca tenho nada contra russos mas contra russos nacionalistas ou melhor radicalistas eu tenho contra sim. Talvez por isso para outras nacionalidades é difícil fazer parte da nossa associação porque quando fazemos festa fazemos festa ucraniana, fazemos festa das datas históricas ucranianas. Claro eu fiz festival e tive participação dos russos e uma cantora moldava não tenho nada contra ninguém mas ainda pior no estrangeiro manter aquilo que é nosso por isso estamos abertos sim mas para aqueles que aceitam que nós temos esse direito quem não aceita começa a dizer que vocês são nacionalistas, mas não somos a única diferença é que estamos a defender a nossa identidade.

Obrigada eu e desculpa se eu falei muito, professores não têm travão.

Maria

Obrigada, meu nome é Maria, neste momento tenho 42 anos, sou casada e tenho três filhos. Tenho uma licenciatura da Ucrânia, de uma Universidade que se chama (nome estrangeiro), uma Universidade de Filologia, de Língua e Literatura Ucraniana e como segunda área jornalismo. Neste momento frequento a Universidade do Algarve e sou aluno do 3º ano do curso de Educação Social pós laboral.

Neste momento tenho ocupação profissional e geral muito forte, posso dizer assim. Durante a semana eu trabalho em 4 casas como empregada doméstica. Estas famílias já se tornaram como se fossem minhas famílias portuguesas porque trabalhar na mesma casa com a mesma família dez anos ou mais já é uma coisa significativa. Trabalho um dia ou dois em cada família. Depois no fim-de-semana eu trabalho como professora de língua e literatura ucraniana na escola ucraniana que se chama CECLU- Centro Educativo Luso-Ucraniano Escola Tarasa Schechenko onde também sou subdirectora. Essa escola funciona no domingo.

Outro trabalho que tenho quase 2 anos é como tradutora- intérprete com o Alto Comissariado para a Integração e Diálogo Intercultural (ACIDI), significa que eu tenho estar disponível ao telemóvel das 9 da manhã até às 6 da tarde. A qualquer hora podem ligar-me e eu tenho que dar tradução- interpretação logo, porque muitas coisas acontecem no hospital, na polícia, na segurança social, no SEF e noutros sítios. Faço sempre para pessoas que estão em Portugal do norte ou central, eu acho que isso é feito de propósito porque muitas vezes, nós claro, fizemos uma carta de ética com toda a informação, mas eu acho que pelo seguro para não ter conhecimento das pessoas, os do norte fazem tradução para o sul e ao contrário, porque sempre me calham pessoas de Leiria, do Porto ou Lisboa sempre desses lados de cima. Este trabalho também tem grande responsabilidade e eu não tenho tanto conhecimento da língua para conseguir fazer com qualidade, porque hoje podia ser um tema, uma rapariga foi á sala de partos para ter o bebé e tenho de traduzir nesta área depois na parte da tarde outro tema. Já me aconteceu um senhor fez um roubo e eu não consegui dar o nome das ferramentas que ele utilizou, quer dizer não tem de ser tradução muito certinha mas mais interpretação. Tenho que estar sempre preparada às vezes faço tradução no Jumbo (centro comercial) outras vezes quando estou a conduzir e tenho que parar o carro e fazer tradução na estrada.

Nas finanças estou registada com estas duas actividades, como professora da escola ucraniana e como tradutora-intérprete. Por isso estou bastante ocupada e como já disse tenho família de cinco pessoas por isso tempo livre não há.

O momento em que cheguei a Portugal foi Dezembro de 2001 agora dezembro vai fazer 13 anos que cheguei. Neste momento tenho um visto de residência permanente. A minha família logo recebeu os títulos de residência muito cedo logo depois de 2 anos de estar cá em Portugal porque nasceu aqui a nossa filha a mais nova e isso deu muitos direitos. Logo avisaram que nós temos quase os mesmos direitos que as famílias portuguesas menos conseguir participar na votação, por isso nós conseguimos muita coisa por causa da nossa filha.

Na altura, no ano 2000 grande número de ucranianos saíram do país por causa do nível económico muito baixo e por não receberem ordenado.

No meu caso foi um pouco diferente, eu não tinha problemas de receber ou do trabalho. Últimos dois anos antes de vir a Portugal eu era professora da escola primária. Na escola nós tínhamos o direito de receber um salário de 100% como directora e 50% por cento como professora por isso eu tinha um ordenado de 1,5 e não senti grande necessidade de (pausa) mas naquele tempo nós não queríamos tanto como queremos agora por exemplo acho que uma pessoa portuguesa não pode aceitar que uma professora receba 30 dólares mais meio eram 45 dólares que era o que eu recebia, mas isso estava suficiente pelo menos não tinha problemas. Claro não podia comprar carro construir casa mas a vida era mais ou menos bem e depois cada etapa da minha vida eu nunca poderia estar calma sempre tenho entusiasmo para fazer as coisas, sempre. Na escola onde eu estava directora não era só a escola que fazia parte da minha vida eu participava muito nos torneios de ténis de mesa entre directores de escola, vida ativa de desporto e isso é para mim (pausa) tenho sempre essa paixão para a vida toda. Também recebi um diploma como melhor professora a nível local, como se fosse aqui em Faro, recebi isso num palco de um grande teatro, não estava mal. Não me posso queixar porque eu sentia com o meu profissionalismo eu posso chegar lá (pausa) como posso dizer subir bastante.

Mas quando uma coisa é boa outra coisa piora como a situação familiar, de própria vida privada. O que aconteceu foi que me divorciei do meu marido com quem vivia há dez anos e daqueles dez anos oito anos foram de violência doméstica. Tinha dois filhos e

pela nossa cultura é muita vergonha estar divorciada é como uma mancha para a família, não podia ser. A nossa cultura é um pouco diferente de Portugal, porque bater numa mulher ou assim faz parte da vida do casal, isso é normal. Por isso quando casei em 1990 eu tomei isso logo como uma coisa privada do meu marido. Um exemplo simples, quando nos divorciámos na altura da (palavra estrangeira) não sei como se diz...**audiência?** Sim quando o juiz lhe perguntou porque é que ele me bate, porque faz essa violência física, ele respondeu muito simplesmente “porque ela é minha mulher”, isto é normal não é coisa estranha, mas um dia já não conseguia mais aguentar e pedi o divórcio e foi muito difícil com dois filhos. O processo foi muito longo demorou seis meses mas consegui divorciar-me. Mesmo divorciado o meu marido nunca acalmou, tentava sempre estar com a gente à noite quando já bebia mais e incomodava. Apercebi-me que nunca vou ter paz enquanto viver lá por isso tinha que fugir para longe. Essa era uma razão.

A outra é que depois do divórcio conheci o meu actual marido que era um rapaz (solteiro) e, entrou na guerra minha sogra actual que começou a dizer que o filho devia ter uma moça e não uma mulher com dois filhos, isso é normal eu tenho um filho e percebo isso muito bem mas era mais um perigo de vida que eu tinha, não podia ter calma lá. Por isso meu marido actual, ele também era director da escola mas do 2º ciclo e também não tinha um mau futuro e também se meteu na política, era deputado podia ter futuro, pelo menos problemas de receber (ordenado) ele não tinha. E então nós decidimos ir viver juntos, eu larguei a minha vida toda incluído minha filha que no dia em que abalei da Ucrânia, no dia 14 de Dezembro fazia cinco anos, foi no aniversário da minha filha. Ele desistiu também de tudo, deixou os pais, o que pela nossa cultura o filho mais novo é quase obrigado a tratar dos pais e ele como filho mais novo também fez como hei-de dizer, fez um gesto não muito simpático.

Largou tudo e foi para Portugal mas nós combinamos que eu ia logo atrás dele ele ia primeiro para saber como estava a situação aqui, então meu marido foi a Portugal parece que foi a 26 de Outubro e eu cheguei a 19 de Dezembro.

Como aconteceu comigo e com meu marido e muitas pessoas nossas só queríamos sair fora do país não interessa Espanha. França Itália ou Portugal e como conseguiram fugir (pausa) palavra forte mas certa, só através de firmas turísticas como aconteceu com meu marido. Naquele momento quando ele foi à empresa turística para comprar a viagem

como turista e sair fora do país havia lugares para Portugal como podia acontecer ter lugares para Itália, eu podia estar na Itália, então aconteceu assim, como hei-de dizer uma vontade de cima, por vontade não escolhemos Portugal assim como muitas das nossas pessoas queriam sair do país não importa a língua as pessoas queriam sair para onde não importava.

O que é que eu sabia de Portugal? (pausa) Como eu já disse eu era directora de uma escola primária e nos últimos dias do meu trabalho eu tinha que passar tudo o que estava na conta da escola porque estava tudo por minha conta e eu lembro que no último dia já a passar tudo para outra pessoa o tempo estava muito mau, a rua muito cinzenta muito escuro mesmo mau. Fui a pé 5Km para a escola e eu olhava para aquela escuridão e pensava se aquela escuridão seria a minha vida em Portugal ou se vou ver sol, luz ou não sei uma grande escuridão.

Sobre Portugal não sabia nada...(pausa) antes de Chegar a Portugal eu sabia 2 palavras Estói e igreja porque eu sabia que tenho que dizer ao motorista do autocarro, no meu caso calhou um taxista, que eu precisava ir até Estói onde está meu marido e ele tem de parar na igreja porque ele está à minha espera na igreja.

Por algum tempo, todas as pessoas calculavam que iam por seis meses ou um ano, ninguém calculava que ficava 5 ou 10 anos. Pela conversa das pessoas planeavam ficar pouco tempo ganhar qualquer coisa e voltar, pois é (pausa) acontece assim.

Como eu, como meu marido e como muitas pessoas da minha comunidade passamos para Portugal de forma não muito legal, passamos como turistas, tínhamos um visto legal de turista. O meu visto, por exemplo tinha um prazo de 10 dias e eu sabia muito bem que ia ficar muito mais tempo, a ideia era essa passar as fronteiras enquanto o visto funcionava. Tudo isso foi através de uma firma turística. Vim num autocarro onde eramos 19 pessoas mas mais tarde vim a saber que como o motorista deste autocarro e como esta firma turística tinham ligação com a máfia que já trabalhava aqui em Portugal. Máfia não são as pessoas portuguesas era máfia ucraniana e russos, pessoas que já tinham mais ou menos conhecimentos da vossa língua e assim conseguiam ganhar por conta das outras pessoas.

Dentro daquele autocarro eram 19 pessoas, comecei a viagem muito mal porque sou muito fraca nas viagens de autocarro, e isso é um pormenor que eu acho que foi muito

importante. Assim que começamos a viagem eu enjoiei e o autocarro teve que parar por minha culpa porque eu não conseguia continuar a viajar. Como me sentia mal o outro motorista pediu-me para eu me sentar à frente no seu lugar e ele foi para o meu. Como eu sabia que ia para longe tinha preparado muita comida mas como me sentia tão mal não conseguia consumir nada e dei tudo ao motorista, porque é que eu quero dizer isto, porque sem querer eu tornei-me como se fosse amiga (pausa) não é amiga (pausa) mas mais conhecida do que o resto dos passageiros que estavam lá dentro, passei a viagem toda à frente ao pé dele. Chegamos até à Polónia e as pessoas pediram para parar para ir à casa de banho mas ele disse que não, um bocadinho mais tarde talvez 10 minutos ele parou mas num lugar que já estava marcado porque as pessoas não tiveram tempo para sair do autocarro e apareceram 3 rapazes que entraram para dentro e tiraram dinheiro às pessoas, também faziam parte da máfia estava tudo combinado.

Depois quando chegamos a Espanha aquele senhor, não lembro o nome dele, o motorista foi a um café e disse-me “Queres ir comigo comprar mais uma água ou qualquer coisa?” e eu fui com ele ao café e depois sem querer ouvi uma conversa por telefone ele falou em ucraniano e disse “Ando na estrada nº tal com 19 pessoas, vocês podem recebê-las a tal horas?” e eu perguntei “o que é que isso significa?” ele disse-me assim “ eu fico aqui ainda 5 ou 10 minutos, leva a tua mala e vai embora se abres a boca vais ter problemas.”. Quer dizer que aquele motorista avisou as pessoas da máfia que eles podiam receber aquelas 19 pessoas que estavam dentro do autocarro.

Eu tinha muita vontade de avisar as outras pessoas, também tinha medo, não tinha protecção nenhuma, não conhecia ninguém que estava dentro do autocarro mas durante o caminho conheci mais ou menos uma mulher porque saíamos juntas para o café ou casa de banho e então eu disse-lhe “por favor vem comigo então essa mulher não perguntou nada saiu comigo. Em dez minutos o motorista entrou no carro e foi embora. Eu e aquela mulher ficamos em Espanha no escuro já noite, chuviscava e ficámos escondidas por trás de um arbusto para não verem que nós ficávamos. Então o autocarro foi embora e nós as duas mulheres ficamos aquela noite lá em Espanha sem saber uma palavra nem imaginar o que possa fazer.

O que é que acontece naquele momento? Se já fosse uma pessoa avisada que vai acontecer isto, nós dizíamos não vou mas quando acontece essa história que se pode fazer? Tem de se fazer alguma coisa, não pode entrar em pânico não pode mostrar para

todos que eu não sei língua que eu estou perdida que eu não sei nada. Tem de se juntar a força toda e fazer alguma coisa. O que é que nós fizemos, voltei outra vez para dentro daquele café onde nós estivemos a comprar água, lá estava um rapazinho que servia à mesa e uma palavra que é a mesma para todas as nacionalidades é TÁXI, esta palavra eu disse aquele rapaz. Ele chamou um táxi e apareceu um mercedes branco e não sei o que eles me disseram mas como eu já tinha dito sabia duas palavras Estói e igreja. Então lembro como se fosse ontem, o motorista de táxi abriu o mapa à frente da luz do carro porque era de noite e começou a procurar onde era Estói e então eu e essa senhora chegamos perto da meia-noite de 19 de Dezembro ao pé da Igreja e lá estava o meu marido com mais um amigo e assim eu consegui chegar a Portugal e a Estói.

Tenho de dizer uma coisa sobre meu marido, como já disse ele era director numa escola muito diferente mudança de vida e mudança rápida. O que aconteceu foi que ele também acabou por chegar a Portugal através da máfia. Logo na entrada ele teve de pagar 400 dólares, naquele momento, só para entrar em Portugal depois não tinha sítio para dormir nem nada então ele dormiu duas ou três noites num banco em Quarteira e como passou frio porque era quase fim de Novembro o que é que ele fez ele disse que encontrou um saco de compras do Lidl e meteu os pés dentro do saco. Digo estes pormenores para ver como é muito fácil nós conseguirmos passar de melhor para pior. Ser director de uma escola e depois dormir num banco de jardim com um saco de plástico nos pés e isso custa psicológico.

Nós nem eu nem meu marido nunca tivemos medo do trabalho físico de (pausa) isso não tem problema para nós mas psicológico isso é que custa muito. Primeiro deixei os meus filhos de 5 e 8 anos e depois a escola, é tudo muito diferente e o meu marido dormir na rua isso não é brincadeira.

E depois como o meu marido sabia que eu vou chegar a Portugal também vou precisar de um trabalho e vou precisar viver num sítio. Ele andou a pé num raio de 25 Km a procurar trabalho para mim mas não conseguiu encontrar nada mas ele já teve um amigo aqui em Estói onde tinha uma casa sem condições nenhuma sem casa de banho sem nada, dentro de umas laranjeiras e então ele dormiu em casa deste amigo sem o patrão saber que era um senhor já com idade. Nosso amigo andou com o trator a tratar das árvores das laranjas e então esse dono não sabia que meu marido viveu lá duas ou três

semanas e depois eu cheguei a Portugal e também fui viver naquela casa mas como eu já disse casa de banho não havia dentro de casa e eu só podia ir á casa de banho a hora do almoço ou noite enquanto aquele homem não aparecia no trabalho mas por outro lado foi muito romântico, corria para a casa de banho e ao lado muitas romãs e laranjas e isso é outro mundo (risos), na Ucrânia não há isso foi uma romântica muito especial.

Então, vivemos lá 2 semanas e depois dia 6 de janeiro mesmo perto daqui nessas laranjeiras arranjei o meu primeiro trabalho só a uns 200 metros daqui, quer dizer que meu marido andou á volta 25Km a procurar-me trabalho e arranjei nas estufas mesmo à frente de nós. Isso foi o meu primeiro trabalho onde eu comecei a trabalhar 6 de janeiro de 2001, então fiquei sem trabalho só duas semanas tive sorte com isso. Conheci pessoas já de idade, reformadas mas pessoas excelentes. Claro fui recebida logo como uma pessoa estranha que não se conhece. Custou-me mais no primeiro trabalho em que comecei a trabalhar com tomate, e na altura que precisava ir à casa de banho eu não sabia dizer que queria ir à casa de banho e isso foi talvez o ponto mais alto que eu consegui aguentar porque comecei a chorar mesmo com uma voz alto e minha patroa foi ao pé de mim e não sabia o que fazer comigo porque eu não sei língua dela e ela não sabe língua minha, mas quando eu disse palavra toilette que serve para várias línguas (risos) e ela percebeu que eu queria ir a casa de banho e eu volto a repetir o psicológico foi o mais difícil , ter um curso superior ser professor e depois coisas simples não saber resolver.

Mas eu lembro que naquele dia esta senhora foi ao pé de mim e tinha nas mãos terra que estava na estufa e na outra mão apanhou uma terra que foi regada então ela apresentou-me assim mesmo com as mãos à frente e disse-me “Maria terra seca, terra molhada” essas as primeiras coisas que aprendi em Portugal. Esta senhora foi muito simpática comigo ela até agora me chama de minha filha, trabalhei lá nas estufas 8 ou 9 meses mais ou menos.

Mas também não tínhamos bem quarto onde viver, era um armazém onde tinha técnica, tratores, adubos onde havia ratazanas e fizeram um cantinho com madeira assim como na Ucrânia fazem para os porcos (risos) e patrão deu uma cama individual e depois das dores de corpo que eu tinha por causa das estufas gostava tanto de esticar braços assim mas não tinha espaço porque meu marido estava ao lado. Naquela altura nasceram pequeninas ovelhas e não podiam apanhar frio lá fora, então essas ovelhas estavam ao

pé da gente e à noite não sei vida deles (risos) mas eles não me deixavam dormir, não sei a palavra própria do que eles fazem (risos) o que eu quero dizer é que grande diferença deixar cama, casa (pausa) tudo muito diferente.

Meu marido só conseguiu receber do trabalho cinco meses depois, ele não tinha sorte no trabalho. Fazia um trabalho e não recebia ou então por causa da chuva mas nós já tínhamos uma proteção porque não estamos na rua estamos dentro daquele armazém e eu tinha trabalho e tínhamos luz e água já meus patrões que deram à gente. E naquela altura, já não lembro escudos, 2,5 euros por hora que eu ganhei.

Para mim não foi difícil nada porque aquele patrão onde eu trabalhava, coitado não sabia nada escrever nem ler nem nada, ele arranjou uma advogada que tratou da minha documentação ela logo arranjou número de contribuinte tudo eu não tinha uma pequenina preocupação porque a minha chegada a Portugal a 19 de dezembro e eu logo dia 6 primeiro dia do meu contrato. Eu sempre tive contrato e fui legalizada através do meu primeiro patrão com ajuda de uma advogada porque ele não sabia tratar essas coisas.

Vieram meus filhos e minha única irmã que eu mandei chamar e agora vive aqui com a família, o marido também ucraniano e filhos e filhos que já nasceram aqui, tem um restaurante.

Na minha família estão presentes duas culturas diferentes, mesmo presente, e vou dar um exemplo, na altura do Natal nos estamos no jantar com nossas tradições muito especiais, com doze pratos de comida e que não podem ter carne e só para quem faz parte da nossa família, mas quem está presente no nosso jantar de Natal é o senhor que estamos na casa dele, meu patrão e pelas nossas tradição, pela nossa cultura, jantar de Natal é uma coisa muito específica, só para a família, como posso dizer, íntima mas ele já é nossa família.

Outro exemplo, a minha filha mais nova, ela entrou para o infantário com idade de três anos e até agora ela participa no rancho folclórico de Estói. Primeiro no Infantário depois na escola primária e agora na casa do Povo de Estói. Dentro de uma caixinha um traje completo de folclore português e um traje completo de danças ucranianas. Também temos um símbolo na nossa casa, no nosso quintal é uma árvore que simboliza Portugal, uma Palmeira, como ela já cresceu bastante alta, na terra à volta semeamos

umas flores que representam o nosso país que se chamam (nome estrangeiro), você deve conhecer essas flores porque eu fiquei um pouco triste porque minha patroa disse que essas flores são aqui flores de cemitério uma bordeaux com umas amarelas que têm um cheiro específico. Sobre estas flores eu tenho muitas poesias, muitas canções, faz parte de um dos símbolos da Ucrânia, por isso dentro de um vaso estão em conjunto duas culturas, portuguesa e ucraniana.

Então, somos ucranianos, mas Portugal já faz parte da família porque filha é portuguesa, grande metade da vida adulta, posso dizer 13 anos, que passamos em Portugal. Já aprendemos muita coisa aqui que já faz parte da nossa vida quotidiana, gostos, maneiras de viver e gastronomia. Por exemplo na Ucrânia cozinhávamos com banha aqui aprendemos a cozinhar com azeite, aprendemos a comer bacalhau e azeitonas. O meu marido já começou a fazer azeitonas, na nossa casa temos garrações com azeitonas (risos).

A minha filha do meio sempre disse que queria estar na política. Agora que tem 18 anos quer entrar para a Força Aérea e eu tenho que respeitar essa decisão. Ela está no 11º ano e depois tem de fazer o 12º, mas já se está a preparar fisicamente e eu vou apoiá-la.

Agora ouvimos conversas de que Portugal é um dos países mais pobres da europa mas (pausa) eu não sei não posso pensar como viver noutra país já estou aqui há tantos anos que se pudesse mudar não mudava.

Sim sempre presente como por exemplo em nossa casa só se fala a língua ucraniana eu não deixo que eles falem português. Eles têm um conhecimento da língua portuguesa muito melhor que o meu, falam durante o dia na escola e aqui em casa tem que ser a nossa língua, tentamos manter as nossas raízes ao máximo porque isso não pode ser de outra maneira.

A minha filha pediu-me muito e com razão, cansada, para sair da escola ucraniana porque carga muito grande, dia de semana na escola portuguesa e fim-de-semana escola ucraniana mas eu não imagino como um dos meus filhos não pode saber um poeta a língua ou a literatura ucraniana isso é fora de conversa por isso filha do meio tem um diploma do 9º ano da escola ucraniana e a pequena está no 5º ano.

(pausa) Já aconteceu que pedi a minha mãe para ela mandar dentro de um saquinho um bocadinho de terra de lá e tenho isso em casa. No coração e na alma eu não posso dizer

que não, mas eu como sou mãe e para cada mãe o que é mais importante? Nossos filhos. Minha filha como já disse nasceu aqui, outra filha entrou aqui no 2º ano da escola agora está no 11º. Outro filho mais velho também muito tempo em Portugal. Eles próprios querem ir à Ucrânia visitar mas só passar férias. Agora se eu queria voltar como posso viver lá sem meus filhos? Já estou aqui e eles já criaram raízes aqui

Tenho papel de imigrante é claro, tenho que aceitar e viver com isso e sempre tenho de ver as coisas boas. Como na Ucrânia, como aqui como todas as pessoas passamos uma etapa mais feliz e outra menos feliz na vida o importante é ter saúde e o resto vai-se conseguir fazer tudo.

É assim, cada coisa tem o seu lado negativo e positivo, eu posso dizer que aqui em Portugal eu conheci mais pessoas boas e simpáticas do que na Ucrânia. Isso é verdade, estamos aqui na casa deste senhor que se tornou fiador da nossa casa e que a minha filha chama de avô, é mesmo nossa família. Depois outro senhor que conhecemos na igreja, dono de uma gráfica super simpático que nos apoiou sempre nas etapas difíceis da nossa vida. Muitas pessoas boas que eu acho que os ucranianos não eram capazes de dar tanta ajuda sem receberem em troca e por outro lado conheci pessoas menos boas, mas eu e o meu marido, somos pessoas adultas e percebemos isso tudo, mas as crianças como um caso de uma senhora, bateu à porta e disse aos meus filhos, e um deles tinha nove anos naquela altura que vocês vão mandar no vosso país que não gostam de nós aqui. Dizer isso às crianças, eles não recebem isso com compreensão, eles recebem como oprimidos, mas afinal fiquei a saber que era uma pessoa com problemas de saúde.

Por outro lado, minha filha do meio (Irina) andava na escola de Estói e foi durante três anos seguidos delegada de turma, por escolha dos colegas, ela é a única ucraniana que está na turma, eu por acaso não conhecia nenhuma professoras para ter algum conhecimento, nada foi por escolha dos colegas, então o que eu quero dizer é que talvez gostavam dela respeitavam-na.

Não, discriminação nunca senti, claro somos estrangeiros, sempre lembrar isso, muitas vezes eu falo na associação ou com os meus amigos, ou quando temos uma reunião, eu sempre digo que temos de lembrar que estamos na terra deles e temos que respeitar isso, e temos que respeitar cultura e tradições, porque é muito feio entrar noutra país e dizer, olha a nossa tradição é assim e tem que ser assim, tem que se respeitar o que está em

casa, isso é como se fosse uma nora que entra na família, ela não pode mandar tem de aceitar, regras da família ela tem que respeitar.

Talvez primeira experiência associativa, tudo tem de ver com aquele momento de regime soviético. Primeira associação onde eu tinha de entrar com a idade de 7 ou oito anos crianças na escola recebem um nome que se chamava (nome estrangeiro) quer dizer uma estrela de cinco pontas e no meio a fotografia de Lenin pequenino então crianças quando entram na escola estudam meio ano normal e depois uma festa muito importante e entram nessa associação. Depois com o 5º ano entra-se noutra associação que se chama Pioner . Pioner era muito sério por exemplo o símbolo dos pioneiros naquele momento era um lenço em triângulo que tinha de ser no pescoço, vermelho e até lembro casos quando um aluno ou aluna esquecesse em casa não deixavam entrar na escola tinha que ir a casa buscar esse lenço porque isso era muito importante, tudo tem a ver com o socialismo os símbolos eram muito importante. Depois terceira associação onde entrei porque ninguém não tinha hipótese de não entrar porque tinha de ser chamava-se Konsomol e tínhamos uma coisa não sei como se chama (mãos no peito) **crachá?** Isso com a foto de Lenin jovem. Entrar nessa associação era muita responsabilidade nós tínhamos de estudar um estatuto de tamanho muito grande e depois nós íamos a uns inspectores fazer uma avaliação como se fosse um teste oral faziam perguntas sobre aquele estatuto todo e sobre a vida de Lenin e sobre o socialismo. Um jovem ou aluno que não tinha (nome estrangeiro) ele não tinha direito de entrar em nenhuma Universidade, não podia ser, eu não lembro ninguém da minha idade que não fazia parte de (nome estrangeiro). E claro eu sei mas eu não cheguei a estar depois do (nome estrangeiro), os jovens ficam comunistas mas isso naquela altura já não apanhei isso nos anos 90. Minhas associações são, (nomes estrangeiros).

Na altura da universidade, como eu já disse, nunca tinha vida calma. Eu era delegada de turma então eu tinha de participar nas reuniões depois eu também recebi bolsa para toda a turma e depois eu que tinha de dar para os meus colegas, distribuir, e qualquer problema ou coisa boa eu tinha de receber em nome da turma. Depois de acabar a Universidade a mesma coisa, fiz parte da associação dos professores e também de associação desportiva como eu já tinha dito sempre estava presente nos jogos.

Eu acho que se fosse alguém perder-me lá no meio dos jungle em África eu podia fazer uma associação (risos).

No período em que trabalhei nas estufas 8 ou 9 meses mais ou menos chegou um período que eu não tinha trabalho na altura do calor quando terra tem que descansar o meu patrão disse “tens de arranjar outro trabalho” o que é que eu fiz arranjei umas limpezas e depois percebi-me da grande diferença. Na limpeza chego a ganhar cinco euros e nas estufas ganhava 2,5 euros e condições de trabalho dentro de uma casa e nas estufas é muita diferença por isso senti muito peso na alma mas eu tinha de sair desta família e não ficar mais porque eu sabia estou aqui para ganhar porque eu sempre pensava nos meus filhos que estavam lá. Eu tinha um objectivo e lá eu percebi que perde-se saúde sem dúvidas por causa dos adubos e do calor e depois ganha-se pouco por isso fui para as limpezas.

Consegui arranjar quase logo ocupação para a semana toda então durante o tempo que trabalhava nas estufas e nas limpezas eu senti-me muito parada na minha mentalidade, posso dizer mesmo de maneira verdadeira que eu tinha ciúmes dos livros dos meus patrões que tinham em cima da mesinha de cabeceira, e eu a limpar só o pó, mas eu abria para ver e tinha vontade de saber o que é que está ali e tinha muita pena que eu não conseguia aproveitar. Sempre gostei de livros e do que gostei mais na vida é estudar isso é sem dúvida estudar saber as coisas novas. Quando estava pequena depois adulta jovem agora já não sei que posso dizer a que idade pertença (risos) sempre gostei de saber as coisas e eu senti-me até que tinha medo com minha memória. Comecei a reparar que a minha memória fica cada vez mais fraca, porque memória é como qualquer órgão tem que se usar e treinar e eu praticamente não fazia nada nada com cabeça só fisicamente é que eu trabalhava.

Quando nós tínhamos essa vida quotidiana sempre a mesma, mesma consegui trazer para cá meus filhos que estavam na Ucrânia e apareceram uns problemas que tivemos que tratar no nosso consulado em Lisboa mas a Associação de Ucrânianos que até aquela altura eu não sabia fazia esse favor para a nossa comunidade. Eles convidaram pessoas da embaixada, todos que têm necessidade de fazer documentos, para cá para Faro para não gastar tempo. Então eu fui na Escola Neves Júnior onde estava consulado Ucrâniano para receber pessoas ucrânianas. Esse foi meu primeiro encontro com a Associação.

Como isso aconteceu lá na escola eu perguntei a uma pessoa que andava lá a correr sempre para a frente e para trás “então aqui existe a escola (ucrâniana)? Eu não sabia

nada, é verdade que já havia jornal e tudo mas eu estava fora dum mundo deste eu só estava dentro do trabalho, como vou dizer eu tinha algumas festas, alguns aniversários mas dentro de amigos próximos mas sair não, só família e trabalho demais eu não sabia nada e depois escola ucraniana e eu perguntei se meus filhos não podem ir essa escola e que eu era também professora, e quando eu fiz essa pergunta aquela senhora disse “pode esperar aqui um bocadinho na sala que já falamos”. Falamos pouco e ela disse-me amanhã vem cá falamos melhor porque muitas pessoas confusão por causa de consulado e ela como responsável tinha muita ocupação e ela não me podia receber como deve ser. Isso foi no sábado porque consulado sempre recebeu pessoas ao fim-de-semana, porque em Lisboa não trabalham aos fins-de-semana.

No dia seguinte domingo eu fui à escola e professora aquela, colega minha neste momento, ela tem um carácter muito empírico disse-me não temos tempo de falar, outra vez não temos tempo de falar vem cá comigo aqui nessa turma. Mandou-me entrar numa sala e percebi naquele momento que a escola recebia inspectores de Kiev e ela disse “daqui a 5 minutos vai aparecer aqui um senhor inspector e vocês vão fazer ditado do 9º ano” desejou boa sorte e foi embora fechou a porta. Apanhei um susto bastante porque como eu já disse tantos anos estou parada e depois não tenho tempo de estar preparada psicológico e ainda por cima o inspector vai estar na minha aula.

Pior que pode acontecer a um professor na primeira vez que entra na aula é mostrar que está perdido ou assustado, não é bom, isso já é muito mau para o futuro não é? Por isso outra vez como o caso em Espanha eu tinha de juntar todas as ideias e converter o juízo nas mãos, não sei explicar de outra maneira foi como se não acontecesse nada e então foi o meu primeiro dia de trabalho.

E depois nos próximos fins-de semana já entrou minha filha também para a escola como aluna do 7º ano, a minha filha do meio. Aquele domingo foi o 1º dia do meu trabalho, até agora quase 6 anos que estou nessa escola.

Naquele momento escola fazia parte da Associação de Ucrânianos e a directora da escola e presidente da associação eram a mesma pessoa, já não posso confirmar muito bem pois só tenho conhecimento através do meu trabalho com as minhas colegas da Universidade então pelas outras entrevistas eu sei que primeiros alunos que apareceram, as primeiras aulas que deram, o primeiro encontro de professores e alunos ucranianos foram através da Igreja.

Primeiro local onde se podiam juntar ucranianos era a igreja aí é que eles se conheceram e decidiram fazer escola. Porquê fazer escola? Porque sempre tinham medo que algumas famílias trouxeram para cá os filhos que cá filhos não tinham hipótese de saber língua, literatura e cultura ucraniana isso é principal não perder o que nós temos, não perder nossa raiz. Isso foi mesmo uma coisa muito importante para nós.

Fazendo um salto a minha filha é do ano de nascimento 2002 já a turma dela colegas todos que nasceram aqui em Portugal quer dizer que língua ucraniana para eles é uma língua estrangeira a língua portuguesa é a língua materna deles por isso esses alunos eu acho que eles não têm pior conhecimento da língua e da literatura dos que estão na Ucrânia. Nós fizemos programa todo como programa de escolas ucranianas.

Tornei-me associada como obrigação. O presidente da associação era o mesmo presidente da escola e os professores eram obrigados a pagar quotas, tiravam logo do ordenado. Mas isso praticamente não conseguia dar conta porque é muita carga de trabalho ser presidente da associação e director da escola. Era muito complicado por isso numa reunião da associação decidiram separar escola e associação mas da parte da escola ou da parte da associação ideia é sempre a mesma somos ucranianos e temos de guardar isso.

Na altura em que eles estavam em conjunto o que é que nós fizemos sempre pretendemos dizer quem somos ou dizer qualquer coisa do nosso país. Por exemplo uma das actividades que nós fizemos foi visitar o Rotary Club que funcionava no hotel Eva em que pessoas idosas mas ricas juntaram-se à volta da mesa e nós falamos tudo sobre nosso país, nossa cultura, vestimos roupa tradicional. Tudo que queremos é apresentar nosso país porque curioso mas muitas pessoas lá não faziam ideia que nosso país tem 50 milhões de pessoas que nosso país é bastante grande. Muita informação que nós apresentamos que muitas pessoas não faziam ideia. Apresentamos tudo a nossa gastronomia, poesia a nossa cultura.

Depois que mais associação eu fiquei interessada, (pausa) a associação podia dar ajuda real para as pessoas, porquê que falo isso, por exemplo uma pessoa doente no hospital acamada sem memória, várias situações então naquele momento eu sei uma ajuda concreta por parte da associação, não é ajuda financeira porque não tinham isso, mas apoio de estar lá, procurar família, isso eu sei que fizeram ajuda mesmo bastante.

Que eu lembro à associação nunca fez ajuda financeira, pelo contrário, se vou falar por mim própria, eu sei que isso tem que ser, concordo com isso. Que isso faz parte que temos pagar quotas, mas ajuda financeira não, nunca recebemos e não conheço quem tenha recebido. O que acontece se morre uma pessoa ucraniana, pessoa que não tem família, mandar corpo para lá é muito caro, o que é que nós fizemos, nós juntamos dinheiro que podemos juntar um bocadinho da nossa igreja e um bocadinho dos associados, isso é uma ajuda concreta.

O que é que a associação faz mais (pausa) eu já disse dar apoio às nossas pessoas da nossa comunidade porque como qualquer comunidade pessoas encontram-se diferentes, algumas pessoas que se conseguem desenrascar em qualquer situação e outras que estão mesmo perdidas até que pode precisar de comida ou de outras coisas por exemplo, um sem-abrigo polícia encontra e liga para a associação de ucranianos

Lembro que muita participação na associação foi na igreja de Estoi, porque aqui uma vez por ano, há uma missa de imigrantes onde cada comunidade apresenta a sua cultura. E então entramos na igreja com bandeira do próprio país com o nosso traje nacional e essas coisas.

Mas principal meu trabalho na associação, é a escola. O ano passado nós recebemos na nossa escola uma delegação da Ucrânia do Leste do país e eles ofereceram coisas, livros, tudo e depois, quando nós fizemos uma reunião, eles de uma maneira delicada tentaram mostrar como se nós fôssemos traidores que saímos do nosso país, mas eu não concordo nada com isso, porque neste momento, nossa escola tem 73 ou 74 alunos, o ano passado eram mais e eu acho que na Ucrânia, na escola onde eu dava aulas, eu não podia fazer tanto trabalho como uma patriota como eu faço aqui. Eu tanta coisa explico aos nossos filhos ucranianos que não podem mais saber.

Eu tenho a certeza que metade do meu trabalho que tem a ver com a língua e literatura, eu não poderia apresentar na Ucrânia como eu faço aqui. Até para dizer a outras comunidades que nós temos Chernobil, mas também temos muitas coisas boas e também queremos apresentar como cada comunidade, temos partes boas e menos boas. O papel do imigrante é muito difícil, eu não desejo a ninguém, porque é muito complicado. A situação é essa, temos uma folha e rasgamos um pedaço e este pedaço da Ucrânia vai a Portugal onde eu preciso colá-lo novamente mas a outra parte ficou na Ucrânia e quando um imigrante volta para a Ucrânia, a folha dele tem que se colar, e

quando colamos fica sempre um sinal de junção, uma cicatriz e da minha geração e pessoas mais velhas, sempre vamos sentir isso. É mais fácil para as pessoas que têm família junto, é muito difícil para pessoas que não têm família, estão aqui sozinhas, por isso a associação, uma actividade da associação, nós fizemos uma festa do teatro do nosso natal e da páscoa e pessoas que querem receber atenção, mesmo aqueles que não têm família e participam porque isso é uma coisa divertida, até para ouvir palavras de uma canção nossa, isso já aquece a alma, porque isso já é espírito e coisa psicológica muito mais forte que fisicamente.

É verdade e para as famílias também é importante, acontece que nossas famílias começam a falar português dentro das famílias deles mesmos, com erros como eu falo e não posso deixar fazer isso. Nós sempre tentamos guardar nossa língua, nossas tradições e quando fazemos alguma actividade na nossa associação é só nossas tradições que são importantes aí.

Eu depois até que não sei, como já disse entrei na escola muito rápido, logo na segunda reunião, ocupei o lugar de subdirectora na escola, como subdirectora da escola, tenho ainda mais proximidade da associação, por isso actividades de que gosto (pausa) quando a Ucrânia ficou separada da União Soviética, como se chama essa palavra, consegui ganhar **independência**, é isso, lembro que fizemos uma festa com autorização da Câmara que apoiou muito bem a associação de ucranianos, eles deram hipóteses de fazer esta festa no meio da cidade, no palco da doca que nós, como se diz, recebe um frio nas costas (emoção) com nossas bandeiras e eu estava com coroa na cabeça e roupa tradicional, estava no meio com pão, uma forma tradicional de receber as pessoas e o nosso hino e muito prazer que conseguimos ouvir nosso hino quase em metade da cidade, porque lá na doca dá para ouvir para muito longe.

Outra coisa muito forte, eu já mostrei umas fotografias que foi naquele teatro Lethes, foi o primeiro festival de cultura ucraniana que foi feito por Associação de Ucrânianos aqui em Faro. Recebemos grupos de cima, de Portugal central de Portugal do norte todos se juntaram aqui para fazer um festival de canção de cultura ucraniana, e isso foi o primeiro encontro em Portugal e isso foi uma coisa muito forte podemos dizer assim.

A associação e a escola, recebeu pessoas importantes como por exemplo fizemos encontro com os nossos jogadores de futebol mais importantes do nosso país como por

exemplo Andry Schuschenko, todas as pessoas o conhecem. Os alunos tiraram fotografias com eles e eu acho que se vivessem na Ucrânia nunca teriam essa hipótese.

Agora há pouco tempo foi mesmo na sala grande da Universidade de Gambelas um concerto de um coro que tem o primeiro lugar lá no país e que se chama (nome estrangeiro) de Kiev eles fizeram uma tournée e ofereceram um concerto de Natal para os filhos dos imigrantes e isso também foi através da associação e da escola ucraniana.

Sim e eu acho que lá na Ucrânia a qualquer nível dão importância à associação, valorizam muito isso.

Isso é verdade, durante dois anos, um pouco mais, eu fazia parte da assembleia da associação, eu e mais duas pessoas, irmã Isilda do Convento e um senhor português que faz parte da associação que podemos dizer é 50% porque é casado com uma ucraniana. Essa assembleia, fazia reuniões mas, parte fraca da minha parte, tenho que dizer isto eu não podia estar presente, porque entrei na universidade e tanta ocupação que já não dava. Como antigamente tinha muito medo porque a minha cabeça estava muito parada, agora fez um salto tão rapidamente que eu praticamente não tinha tempo para a família. Como a vida na associação era muito ativa, assim a escola que funcionava na Escola Neves Júnior, uma escola oficial portuguesa, tornou-se muito sério que nós temos que ter tudo legalizado. Temos que ter próprio número de contribuinte e inscrição como organização independente. O que acontecia, é que eu fazia muito mais vida participativa na escola, porque claro, tenho que estar presente todos os fins-de-semana para dar as aulas, fazer papel de subdirectora da escola e também actividades da escola, continuo a participar na associação, mas já menos.

A escola foi registada oficialmente com directora, subdirectora e representante dos pais e agora neste momento temos estatuto próprio, mas continuamos a trabalhar com a associação.

A associação tem um grupo que canta, um grupo de maravilhosas meninas e essas meninas já cantaram à frente de estudantes e professores da universidade. Estas meninas em conjunto com alunos, já apresentaram um concerto no centro comunitário de Estói, onde a directora sugeriu uma apresentação cada semana de uma cultura. Eu recebi o privilégio, grande privilégio, de apresentar a cultura ucraniana na primeira semana e então a associação de ucranianos e a associação da escola em conjunto, fizemos um

programa pequeno com uma explicação à frente dos idosos e de muitos convidados. Fizemos um jantar e apresentação da nossa cultura e estas meninas, participam sempre nas actividades da escola e a escola nas actividades da associação. Por exemplo no natal, eles têm programas deles com canções próprias do natal mas também convidam os alunos, como aquele teatro de natal em que participaram à volta de trinta crianças.

Neste momento, na última reunião da escola, aproveitou ter palavra também o presidente da associação senhor Igor porque com a ajuda da Câmara Municipal, ofereceu um espaço onde a associação podia fazer um espaço próprio.

E como já falamos de mim, nós compramos casa antiga e fazemos aqui construção mas construção do zero e então sobrou muito material de construção, então pouco a pouco, nós telefonamos e entregámos o que sobrou para a associação aproveitar porque eles não têm grandes verbas para fazer essa obra, por isso aceitam com prazer trabalhos voluntários e material de construção.

Eu acho que sim, por exemplo uma pessoa que precisa uma ajuda, ou qualquer outra coisa, como tratar de documentos, se a pessoa tem conhecimento que a associação está em tal rua, em tal espaço e concretos dias, que pode receber as pessoas, uma pessoa pode ir lá recebida e isso já é diferente, agora como não têm espaço, uma vez estão na escola, outra vez na igreja ou no café da Copofa, onde fazem muitas actividades e com o próprio espaço já é diferente, e ainda a associação conseguiu ganhar um prémio do banco Western Union que ofereceu uma boa soma para comprar computadores para fazer uma sala informática, então esses computadores estão numa sala alugada, porque não têm espaço para os guardar.

Já começaram as aulas, mas depois apareceram uns problemas com a professora, ela é de Tavira e apareceram poucas pessoas o que não compensava, mas agora tem equipamento todo completo, só problema que não tem espaço. Por exemplo sobre o grupo (nome estrangeiro) eles têm material próprio, para fazer o próprio palco e material para decoração e não têm espaço.

Também para fazer reuniões e receber pessoas, fazia mesmo falta ter um espaço. As pessoas estão mesmo contentes e que agradecem que Macário aceitou dar esse espaço e eu acho que vão conseguir fazer porque agora muitas pessoas não têm trabalho e eles vão aproveitar isso, vão trabalhar como voluntários para ter espaço próprio.

Eu falo só por mim, nós somos ucranianos, mesmo recebendo nacionalidade portuguesa, somos ucranianos no sangue, mas não podemos esquecer que neste momento estamos em Portugal. Chegámos, como eu digo nas minhas aulas, sem ser convidados, por isso nós temos que respeitar cultura que aqui existe, temos de ter relação de amizade.

O que própria gostava de fazer, uma coisa ucraniana mas em conjunto com a cultura portuguesa isso é meu sonho porque e dentro de alma parece que sinto (pausa) claro eu percebo situação económica tudo mas muitas vezes conseguimos ouvir que por causa de estrangeiros aqui está mal não temos trabalho e tudo. Por isso eu queria fazer qualquer coisa em comum com a comunidade portuguesa e ucraniana, apresentar cultura portuguesa com cultura ucraniana. Uma coisa concreta, eu não tenho ideia, mas isso que está no meu coração, fazer qualquer coisa em conjunto, porque como dizer, quando uma pessoa sai do seu país não foge por coisas boas e também percebo o lugar das pessoas portuguesas que num país tão pequeno aparecer tantas pessoas estrangeiras não é só ucranianos é todos...têm razão.

Entrada na associação (pausa) contactos com pessoas mesmo importantes, ser responsável por receber pessoas do consulado, tinha muita responsabilidade. Eu sempre tive trabalhos de limpeza em Portugal e não conhecia muitas pessoas e estava como parece (pausa) mais simples na vida, falávamos sobre roupa e isso e depois receber 300 pessoas ou mais por causa do consulado é muito diferente. Eu sei que já muitas pessoas me conhecem até cara e eu não me consigo lembrar deles todos sempre tenho que pensar e que fazer. É diferente, muito diferente, vida mudou-se para melhor. Quando paramos com a leitura dos livros, com conversas e dar aulas nós perdemos vocabulário só treinamos palavras simples na família e quando falamos com uma pessoa assim (importante) sentimos necessidade de usar mais palavras e sempre aprendemos mais.

Fazer parte da associação que tem a ver com a escola, eu não imagino vida sem participação, porque quando trabalhava só nas estufas ou nas limpezas, mas tarde escola para mim é uma coisa espiritual, a alma e o meu coração. Quando fui à escola, eu disse, se a escola não tem condições para me pagar eu aceito trabalhar, porque isso é o que eu gosto da minha alma.

Parte da associação de ucranianos mesmo, eu estou sempre disponível quando precisam de uma ajuda concreta, por exemplo, algumas vezes eu ia com uma senhora idosa de

Olhão ou para a sede do ACIDI, porque ela precisava de ajuda, não sabia orientar as coisas. Coisas concretas para ajudar, eu vou para lá, mas para lá ter vida ativa eu não tenho tempo, porque estudo à noite, trabalho no fim-de-semana, durante a semana trabalho e agora essas traduções e trabalho da universidade você sabe o tempo que se gasta com isso mas eu não imagino a minha vida aqui sem participação na escola e na associação, eu não imagino. Temos que estar juntos, igreja, associação e escola para ajudar a nossa comunidade porque se um ucraniano não ajuda outro ucraniano quem vai ajudar?

Primeiro objectivo da associação é ajudar e proteger nossas pessoas e no segundo lugar é nossa cultura, nossa língua, não perder as raízes com nosso país. Eu já não imagino como podemos viver aqui sem associação é como se fossemos filhos sem pais. Como tudo, a associação de ucranianos tem coisas boas e menos boas, é uma pequena Ucrânia aqui em Portugal.

Como agora estou muito ocupada, principal tempo eu dou para a universidade, que Deus me ajude a acabar, principal coisa que eu vou fazer é tirar um curso de português quero aprender a falar como deve ser porque ser licenciada e não falar, não pode ser. Depois tenho tirar um curso de montar a cavalo (risos), quero muito e quero também ter curso de computador. Tenho conhecimento necessário para fazer trabalhos e isso mas gostava de conhecer mais profundamente. Isso são mais ou menos os meus planos e tenho medo dos meus planos (riso) porque cada dia pode ter um plano novo. Neste momento o plano é acabar a Universidade que isso é mesmo importante.

Queria dizer que as coisas mais importantes que me aconteceram em Portugal foi o nascimento da minha filha e a entrada na Universidade do Algarve porque uma coisa e outra dá muito trabalho mas dá um enorme prazer que podia ter na vida.

Muito obrigada pela sua disponibilidade e desejo-lhe as maiores felicidades.

Igor

•

Este ano vou fazer 44 anos, sou casado, a minha família é a minha esposa, claro e filha e o filho. A filha tem dezoito anos e filho quinze e estudam na escola cá em Portugal. Andaram na escola ucraniana mas neste momento já não andam na escola ucraniana só na portuguesa.

Na Ucrânia sou licenciado, mas papéis são da Ucrânia ainda não fiz reconhecimento do diploma mas estou a pensar fazer em breve, sou economista, é claro era a secundária e depois fui para a universidade é mais ou menos como aqui o sistema há algumas diferenças mas mais ou menos como aqui mas só fiz a licenciatura um curso superior não cheguei a fazer mais.

Tenho um visto de residência permanente.

A minha religião, sou católico mas ortodoxo e na região da Ucrânia de onde eu sou tem muita importância muita influência na vida, nos hábitos e costumes está tudo junto, tudo ligado, faz parte da vida, por isso é bastante importante para nós.

Aqui comecei a trabalhar quando cheguei no dia 10 de Junho de 2000. Nesse dia chegamos a uma estufa que nos levaram para aqui e trouxeram para aqui porque não tivemos conhecidos cá em Portugal ninguém, porque não pensávamos vir para Portugal, aconteceu assim por acaso. Surgiu esta oportunidade de vir a Portugal porque estivemos alguns dias em Espanha, mas depois aqueles conhecimentos que tivemos lá o homem não aparecia e não tivemos contacto com ele, ele não atendia o telefone e uma das raparigas que chegou connosco a Espanha o marido dela morava cá em Faro e ele foi a Espanha busca-la porque ela não sabia como chegar mesmo a Faro e nós também pedimos o contacto dele e depois chegamos cá a Faro de autocarro e levaram-nos para as estufas e lá moramos alguns dias, mas só alguns dias moramos lá, ao pé das estufas numas ruínas mesmo,.....

Era uma mudança muito radical porque alguns dias moramos em Espanha num hotel de três estrelas. Como era habitual fizemos um visto turístico, mas foi mesmo um visto turístico porque foram reservados os hotéis e tudo. Moramos lá alguns dias até procurar

aqueles contactos mas não conseguimos. Depois passamos de um hotel para outro hotel (as ruínas) (risos) era um bocadinho assustador eu nunca tinha na vida morado numas coisas assim porque lá na Ucrânia não sei aqui pouca gente conhece a Ucrânia mas é um país civilizado com.... como hei-de dizer **-não se vive naquelas condições-**, sim não se vive naquelas condições. Aqui aproveitaram aquelas ruínas, não sei, mas depois passado dois dias mudamos logo para a fábrica que trabalha com as pedras que estava mesmo ao lado das estufas e aí é que comecei a minha primeira profissão cá em Portugal porque as estufas não estou a contar porque só durou alguns dias.

Trabalhei lá seis anos, aí o patrão ajudou muito, o senhor José Belchior era a empresa dele mas agora não sei se mudaram ou não porque pensaram mudar agora os filhos é que trabalham, ele já está reformado e já não trabalha.

Na Ucrânia como eu era economista a minha especialização era a fiscalização das empresas e dos trabalhadores independentes eu trabalhava como fiscal das finanças. Comecei como inspector, comecei mesmo debaixo, depois da universidade, e depois cheguei até a dirigir uma..... como hei-de dizer **-Um departamento-** sim um departamento que fiscalizava os trabalhadores independentes, tinha um trabalho bastante bom e pensei que era mesmo uma profissão que vou trabalhar nela no futuro e tudo mas começou a situação a piorar na Ucrânia como aquela inflação invulgar da moeda ucraniana que chegamos a receber uns milhões e por um milhão dava para comprar alguma comida no saco. Fomos milionários mas não era do lado bom (risos)

Transferindo para dólares porque naquela altura ainda não havia euro era mais ou menos entre vinte e trinta dólares por mês, era muito pouco.

Dava para viver só porque cidade pequena e cada um tem horta própria ou tem os pais ou família nas aldeias. Eu na altura morava, com minha mãe e com meu pai, os meus pais, na aldeia e tinha que apanhar o autocarro e ir 7 Km até chegar ao trabalho na cidade, mas para sustentar a vida lá era muito complicado mesmo quando já trabalhávamos os dois. A minha mulher trabalhava também como economista, trabalhava comigo nas finanças, não conseguíamos pagar isso tudo como o gás a luz as despesas da casa mesmo o salário para isso não dava estou a falar da comida da roupa e daquilo tudo e até aquela altura daquela crise conseguimos comprar uma casinha pequena e tinha que fazer remodelação e pensei que vou para fora só para alguns anos 1 ou 2 anos só para melhorar um bocadinho a casa.

Sim, todos pensaram vai ser assim mas depois mudou. O nosso tempo é o tempo das mudanças constantes, não sei o que é que se passa agora com as pessoas, com os países e com a sociedade não sei, porque era grande diferença entre os preços na Ucrânia e os preços aqui e quando começamos a receber aqui era bastante para a Ucrânia na altura mas depois muitas pessoas foram-se embora para trabalhar fora e se calhar porque ganharam muito dinheiro, na Ucrânia começaram a subir muito os preços. Por exemplo num ano o preço de um apartamento T3 subiu de 3000 euros até 30 000 euros e aquelas pessoa que pensaram que vão comprar casa que vão remodelar que vão fazer aquilo e outro não conseguiram e é uma das se calhar causas que as pessoas continuaram aqui. Não há muito trabalho lá não se ganha muito há uns que têm trabalho outros não muitas pessoas ricas que ganham bem e tem uma diferença grande, e muito complicado agora encontrar lá um trabalho porque há trabalhos bons mas estão todos ocupados e por isso as pessoas até voltam com esta crise voltam para a Ucrânia mas depois muitas também novamente voltam para o estrangeiro. Nesta altura muitos ucranianos receberam a nacionalidade portuguesa e aproveitam como portugueses vão para fora para países com situação melhor Alemanha, Inglaterra e França.

Os filhos nasceram lá o filho ainda era pequenino quando conseguimos fazer os papéis, porque isto tudo demorou um bocado de tempo. A minha esposa ainda conseguiu chegar a Portugal, na altura eram dois ou três anos quando fizeram os vistos às pessoas que não estiveram legal cá em Portugal, não tiveram documentos ou caducaram os vistos uma coisa assim ou chegaram mesmo sem nada e ela ainda conseguiu ter contrato (de trabalho) e fez assim legalização.

Eu, quando trabalhava na fábrica cheguei cá com o meu irmão e nós os dois trabalhamos na fábrica e passado um ano queríamos ir embora ou pelo menos ir ver a família, já tinha passado um ano e fomos para a Ucrânia e depois vi que a situação não melhorou muito na Ucrânia e depois fizemos da mesma maneira os documentos da minha esposa e eu fui de avião e ela foi de autocarro, depois cá em baixo mesmo na estação dos autocarros estava à espera dela e começámos a viver os dois aqui em Santa Bárbara porque a fábrica é mesmo aqui perto de Santa Bárbara é um sítio o Colmeal e depois passado um ano conseguimos estar legalizados. Quando começamos a fazer os papéis na altura era muito complicado porque eu tive que ir à embaixada portuguesa, mas na Ucrânia ainda não havia... quer dizer havia um consulado mas ele não tratava dos papéis tínhamos que ir à Polónia ou à Rússia a Moscovo e eu fui à Polónia porque é

muito mais perto para nós e tratei dos papéis e no ano 2001 em Novembro parece-me dia 21 é que chegamos cá a Portugal já com os filhos. Fui lá à Polónia tratar dos papéis e depois quando telefonei a perguntar se os papéis já estão prontos e disseram que sim depois fomos os dois já para levar os filhos e desde então eles estão cá e o filho tinha na altura 4 anos parece-me.

Foi por acaso porque não tinha muito conhecimento de Portugal como é bastante longe e não se estuda muito na história sobre Portugal, não sei como é agora mas na altura não se estudava muito sobre aquilo mas só tivemos informação sobre os países vizinhos como é óbvio não é? Portugal só conhecia só pelo futebol (risos) como quase todos sim a única coisa se calhar é verdade porque todos dizem a mesma coisa não é? Na altura, como é agora, Portugal era mais conhecido pelo futebol.

Vim através duma agência como eu já contei teve um visto turístico e fomos a um hotel de 3 estrelas em Santa Luzia Espanha que é ao pé de Barcelona e mesmo na costa do mar mediterrâneo. Sim o mar, a água mais quente, lá fomos á praia e por uns dias passamos como ricos. Sim foram férias (risos).

Conhecimento assim em geral tinha porque já muitos amigos já estiveram naquela altura para Espanha e eu também não sei porque é que se passou assim se calhar devia ser mesmo assim porque é que não arranjei mais contactos tinha um de família lá e na altura ele prometeu-me ajuda e depois se calhar não quis e tinha muitos amigos em Espanha por isso não estava planeado ir para Portugal não tinha cá ninguém eu tinha uma irmã na Itália mas na altura nós telefonamos mas ela disse para já já não há trabalho e como aqui disseram-nos no ano 2000 havia muito muito trabalho por isso nós fomos para cá para Portugal.

Chegamos a Portugal é uma aventura muito grande e é uma mudança muito difícil que se fosse necessário passar mais uma vez por isto se calhar não iria porque é bastante complicado mas também agora já temos prática pode dizer-se assim que ganhamos com esta mudança já era se calhar era mais fácil porque imagina que uma pessoa que nunca foi a lado nenhum excepto aquela zona em que nós vivemos, a minha casa distava 5 Km da capital da região onde estudava na cidade (nome estrangeiro) e um bocadinho mais longe mas sempre no seu país e depois de repente ele vai para o estrangeiro e vai para o estrangeiro trabalhar não tem conhecimento da língua nem não tem ninguém lá, ninguém à espera nem nada, por isso é bastante complicado muito mais complicado

ainda nos primeiros tempos tens de dominar a língua tens de dominar hábitos tens de conhecer como sobreviver cá até fazer as compras. O primeiro inverno foi muito complicado porque nós mudámos de estufas, de ruínas, para fábrica lá a cantina era bem preparada porque era a cantina para os trabalhadores mas para dormir dormimos no armazém entre as ratazanas e isso tudo e com muito frio aqui não há neve claro porque se havia neve e negativo nós se calhar morríamos lá. Como é bastante afastado dos supermercados e das lojas grandes não tivemos a possibilidade de comprar bem as roupas, cobertores e aquilo. Aproveitávamos tudo que nos deram e ajudaram o patrão e família dele, também aproveitávamos muito aquilo que encontrávamos (risos) era mesmo a sobrevivência. Construámos uma cama com um colchão em cima de uns caixotes uma coisa assim cobrimos com uma rede porque os mosquitos não nos deixavam dormir era bastante complicado. Vivemos, posso dizer, quase na rua.

Ainda bem que estive com o meu irmão porque tinha uma pessoa de confiança foi muito importante porque se calhar, porque muitos que até não conseguiram e tiveram que voltar para a Ucrânia porque na altura havia muita gente muitos grupos que trabalharam, não trabalharam, beberam muito, que andaram muitos às porradas porque isto onde há muita muita gente à sempre confusão e por isso facilitou muito mais estarmos os dois e ajudamos um ao outro. Também era muito importante porque nós, únicos ucranianos que estivemos lá na fábrica e pelo menos para comunicarmos nos primeiros tempos era muito complicado não tivemos nem dicionário nem nada, como é que estudamos? Eu tinha um bloco de notas e tinha que apontar que isto é é o quê?...é a pedra então a pedra e como ouvia escrevia depois comecei a pedir que eles escrevessem porque ouvir é uma coisa, escrever é outra coisa e tinha já gozaram comigo porque andava sempre com bloco de notas na mão mas assim aprendi e passado alguns meses já dava, conseguia pelo menos perceber e dizer algumas palavras não era como agora e não estou a dizer que domino a língua portuguesa completamente mas na altura só conseguia dizer palavras mas já podia pelo menos perceber alguma coisa e dizer alguma coisa já era mais fácil já conseguíamos comunicar e é muito importante e muito complicado no início porque há sempre algumas confusões como é sempre no trabalho e depois pelo menos conseguia justificar alguma coisa ou explicar o que se passou ou mesmo defender-me. No colectivo é sempre necessário porque há pessoas muito bons aqui como em qualquer lado e há pessoas que aproveitam-se tivemos alguns conflitos mesmo no colectivo mas sem isto é impossível.

Aí neste sentido nesta fábrica era muito certinho claro no princípio recebemos menos do que recebiam os portugueses de certeza absoluta e tivemos algumas discussões com o patrão passado algum tempo porque descobrimos que fizemos o trabalho como todos e recebíamos muito menos quase metade mas pouco a pouco quando já voltei com a minha esposa no segundo ano já a situação neste sentido melhorou já recebia bastante bem já alugamos a casa e já era muito mais fácil em comparação com os primeiros tempos e na altura ainda era bastante complicado no sentido que havia muitos gangues havia pessoas que roubaram bateram assaltaram.

Havia umas redes mafiosa mas só gangues que eram eram pessoas que não queriam trabalhar mesmo até trabalharam nas obras e tudo mas depois para ter mais ah lembro que chegou um conhecido um que me telefonou a dizer que tinham chegado uns novos e vamos lá a ver o que é que eles têm e pronto aproveitaram-se da situação em que as pessoas chegaram e não conhecem ninguém e aproveitaram-se e abusaram nesta base.

Não, agora já não neste sentido não já há muito tempo não ouvi nada sobre isto. Muitos foram presos a situação também já mudou as pessoas já têm mais conhecimentos não são tão frágeis como eram na altura já é muito mais complicado influenciar e pôr em estado de que a pessoa não sabe o que fazer e por isso já não há casos desses.

Depois daquilo começou a chegar a crise e vi que para mim ah! Também mudamos eu tive que mudar e aproveitamos os primeiros sinais quando começaram a vender as casas aos imigrantes nós decidimos com minha esposa decidimos comprar uma casa em vez de alugar e pagar a alguém mas nós não pagamos muito na altura porque moramos numa casa que era antigamente se calhar dos empregados que em Santa Bárbara uma (Pausa)..Parece-me assim eu já não lembro bem não sei bem mas eles trabalharam mas minha esposa trabalhava no Lar dos Idosos e aquele senhor também trabalhava lá e eram colegas e depois ele disse que há uma casa que pode alugar-nos e nós vivemos lá fizemos uma obra pequena tipo pintamos a casa e assim começamos a morar lá e alguns anos moramos lá mesmo com os filhos moramos lá naquela casa mas depois pensamos que aquilo era um bocadinho afastado para os filhos era melhor na cidade e também pensamos que era melhor comprar uma casa aproveitar a oportunidade e fomos comprar casa em Faro e para mim era bastante longe para ir para a fábrica também já não havia tanto trabalho e como nós trabalhamos e tivemos horas extras tudo dava um ordenado bastante bom mas depois quando começamos só a receber um ordenado mais nada e ir

par lá também era um bocadinho chato para mim e para a esposa ainda pior mas ela continua ainda a trabalhar lá e até turnos da noite tinha que leva-la para Santa Bárbara e voltar a meia-noite era complicado mas depois mudamos para aqui e fui para uma empresa que um amigo que conheci aqui em Portugal ele é da mesma região que nós mas não o conhecia na Ucrânia e conhecemos aqui quando era uma das missas raras na altura porque não tínhamos padre cá em Faro mas de vez em quando faziam missas os padres de Lisboa e numa dessas missas conhecemos o meu futuro patrão porque ele como tinha nascido uma filha cá em Portugal ele conseguiu uma autorização de residência mais cedo do que nós e depois já tinha direito abrir uma empresa. Ele abriu uma empresa e eu comecei a trabalhar com ele. Deixei a fábrica e trabalhei até quase agora com ele e neste momento estou no desemprego porque chegamos a altura que não há muito trabalho.

Não posso dizer que me sinto completamente integrado porque se por exemplo eu tinha feito a equivalência do meu diploma e conseguia um trabalho para que estudei e onde investi alguns anos da minha vida. Agora não estou a dizer que foram desperdiçados aqueles anos ainda acredito que vou (pausa) não vou ser um fiscal, mas estudamos muita coisa e espero aproveitar isso ou abrir um próprio negócio ou uma coisa parecida.

Amigos portugueses ..., dizer para mim uma palavra amigo é diferente um bocadinho Conhecidos temos mas não temos muita ligação mesmo aos portugueses porque não sei se calhar porque mais próximo são as pessoas da nossa cultura e como já estava dizer tem muita influência a religião na nossa vida nas nossas vidas e mesmo comemorações da páscoa do natal ou daqueles feriados importantes e também nem sequer comemoramos no mesmo dia por isso faz um bocadinho de diferença e também não ajuda a grande aproximação das nossas comunidades.

No início como por exemplo não estava a viver esses casos todos mas sei a situação de quando foi na fábrica e lembro-me bem de como era difícil como já estava a contar sem falar nada sem defender-se mesmo quando ainda já percebia umas coisas já percebia que estavam a incriminar-me de alguma coisa dizer culpar-me de algumas coisas e não conseguia explicar-me nessas situações. Eu acho que uma parte era discriminação depois outra parte de pagamentos também porque eu acho também um tipo de discriminação quando por o mesmo trabalho pagam ao estrangeiro muito menos do que o português só porque ele é de outra nacionalidade. Na altura também ninguém queria

alugar muito poucos queriam alugar a casa a ucranianos agora já é diferente e também na altura mesmo os trabalhos eram só (pausa) por exemplo nas obras só serventes no início mesmo aquelas pessoas que trabalharam na construção civil na Ucrânia não trabalharam aqui como os pedreiros só serventes mas depois e orgulho-me disto que nós conseguimos provar que não somos piores, tudo é relativo depende da pessoa claro da capacidade dela mas acho que a maioria dos portugueses até reconheceram que os ucranianos são boas pessoa para trabalho porque mesmo nestes tempos difíceis muitos ucranianos ainda continuam a trabalhar e isto é uma prova que até conseguimos.

Sim é uma diferença que nós nas emigrações, porque em história da Ucrânia haviam várias ondas de emigração uma depois da revolução era bastante grande muitos fugiram para o estrangeiro mas fugiram mais para Canadá fugiram muitos para a Argentina para o Brasil há uma comunidade grande em Brasil. Nestes países aldeias inteiras eles construíram lá escolas e tudo comunidades grandes e essa era diferente porque muitas pessoas que foram eram com ensino superior que tiveram trabalho muito bom na Ucrânia que como hei-de dizer uma classe bastante alta mas depois isso mudou muito e as pessoa que estudaram muitos anos tiveram que ir embora porque não conseguiam sobreviver com aqueles ordenados muito baixinhos.

Na alimentação a minha esposa gosta bastante de cozinha portuguesa mas sempre também se calhar juntamos duas cozinhas em relação com a comida algumas comidas portuguesas algumas ucranianas mesmo para as festas temos algumas coisas como é aqui tradicionais por exemplo no Natal ou pela páscoa tentamos juntar as coisas comemos bacalhau e até gostamos bastante. Em relação as outras coisas os filhosUma mistura (risos) eles podem comunicar perfeitamente bem com uma língua ou outra mas comunicam mais em português isso é uma dos problemas dos imigrantes porque mesmo para aqueles que chegaram mesmo pequeninos ou nasceram cá porque eles aprendem a língua aprendem as palavras novas aprendem tudo em português porque a maioria do tempo eles passam com os portugueses mesmo no infantário na escola e em casa só algumas horas antes de ir dormir e se isto é um dos problemas e isto é uma das razões porque nós juntamo-nos e fizemos aqui uma associação de ucranianos para manter as nossas tradições os nossos costumes entre os nossos filhos.

Todos os anos não vamos para lá porque é bastante caro ir para a Ucrânia com a família toda e não gosto de ir sozinho costumamos ir sim mas vamos todos senão não vai

ninguém por isso não conseguimos ir todos os anos vamos uma vez por 3 anos. Normalmente vamos visitar a família ainda tenho mãe, ainda está viva o pai faleceu mas eu ainda estava na Ucrânia morreu de acidente e tenho dois irmãos com famílias lá. Aquele que esteve comigo em Portugal voltou para a Ucrânia e ficou lá.

(silêncio) é muito difícil dizer porque depende do sentido sobre o que é que eu estou a pensar tenho muita pena que um país tão forte e com um potencial tão grande ainda continua em mau estado porque em todos os países mas lá ainda pior os políticos conseguem dar volta a isto tudo e pior quando políticos são mesmo da (pausa) máfia se calhar os maiores mafiosos do país aí nesta situação é muito complicado fazer alguma coisa.

A ideia (pausa) falta de comunicação não sei as pessoas se calhar necessitam de comunicar com as pessoa que partilham os mesmos costumes as mesmas ideias a mesma língua e como na nossa terra mais nas férias mais nas comemorações costumam visitar um ao outro festejar e partilhar as coisas tivemos necessidade de comunicar com as pessoas e de nos juntar em grupo. Isto começou tudo se calhar daquelas aulas de português que deram na altura nas igrejas e noutras instituições que na altura ajudaram-nos muito onde conhecemos mais pessoas uns aos outros e depois as missas e começamos por ter aqui só um grupo que reconhecia a Associação de Ucrânicos de Portugal que tinha a sede em Lisboa, mas depois começamos a perceber que é muito complicado resolver os problemas quando a sede e dirigentes se são tão longe e juntamo-nos aqui. Nós tivemos aqui nesta igreja de S. Luís ajuda do padre Rocha que sempre ajudou-nos muito e a escola ucraniana começou daqui deste espaço (aponta para a Igreja) e a associação começou daqui e os cursos de língua também começaram alguns agora a directora da escola ucraniana a Natália ela assistia às aulas de português aqui nesta sala agora aqui é os escuteiros e alguns anos tivemos possibilidade de estar naquele espaço nos deixaram reunir lá e nos domingos tivemos lá as aulas para as crianças que no início não eram muitos mas alguns e aqui é que surgiu a ideia de constituir uma associação por ajuda ajudou-nos imenso e continua a ajudar a irmã Maria Isilda Soares e ela é que mandou dos portugueses que ela é que...ajudou muito a mim próprio e a outros ucranianos ajudou a associação e ela também é uma das fundadoras da associação de ucranianos ela é uma pessoa incrível ela ajudou-nos muito muito mesmo. Na altura era muito muito importante ainda mais importante que agora porque nós não tínhamos conhecimentos nenhuns nós não dominávamos quase nada a língua

também não sabíamos como fazer isto tudo, era necessário termos alguém que nos ajudasse e ela ajudou-nos muito. Naquela altura nós conseguimos fazer a associação e já daí chegamos até agora. Não sei algumas coisas conseguimos outras coisas não.

Com o tempo que estamos cá e percebemos que isto não vai acabar tão cedo como nós pensamos como já estava a dizer começamos a perceber que temos de nos juntar para conseguir resolver muitas coisas e precisávamos de uma organização e sempre andei à procura de uma organização que juntasse ucranianos porque sabia que sozinho é muito mais complicado resolver as coisas e também conviver com outros ucranianos conhecer mais pessoas.

No início eu fui o primeiro presidente da Associação de Ucrânianos do Algarve e agora voltei novamente a este cargo passado alguns anos.

Não se pode dizer mesmo o dia-a-dia porque não posso sempre dar tanta atenção que era necessário, se calhar porque o meu trabalho não é só a associação eu tenho de sustentar a família e a associação não dá os lucros (risos) é só mais depois do trabalho porque nas horas de trabalho não posso abusar muito e mesmo assim eu tenho de pedir algumas folgas para ir à câmara ir às instituições. Nós normalmente juntamo-nos nos domingos quando as pessoas estão de folga, quando temos missa, depois da missa ou ao fim do dia.

O que é que faço, há muito trabalho com os papéis com a comunicação com instituições enviar e-mails receber e-mails, organizar as festas e comunicar com a nossa igreja. Agora temos vários projectos nesta altura temos um dos projectos que é o ensino de música ucraniana e não só já compramos os instrumentos musicais e temos um grupo dos jovens que já tocam bastante bem e há várias crianças que ainda não constituíram um grupo mas mais pequenos mais novos que tentam dominar os instrumentos musicais. Temos um professor que ensina a música. Outro projecto é também que levou-nos muito tempo que já na altura também que como já estava a dizer a Câmara Municipal cedeu-nos o espaço para a sede da AU e aquilo também necessita de algum trabalho pois já agora com mais frequência com comunicamos por internet por exemplo há pouco tempo contactaram-nos do Alentejo para nós enviarmos a eles algumas coisas tradicionais da Ucrânia para eles organizarem uns dias da cultura ucraniana, cultura chinesa e algumas nacionalidades e ainda nós juntamos o que tivemos e enviamos os trajes ucranianos e algumas coisas tradicionais de madeira.

Sim nós já participamos no dia dos imigrantes em Moura Alentejo, fomos para lá e também em Lisboa. Pela comunidade Ucrânia é talvez mais conhecida do que pela comunidade portuguesa mas tentamos comunicar com todos quem está interessado em conhecer-nos.

Sempre trabalhamos e pedimos ajuda à Câmara Municipal e às freguesias. A nossa freguesia por exemplo, quando fomos para Moura pedimos um transporte uma carrinha da Junta de Freguesia que nos foi cedida e nós fomos para lá para Moura para participar no dia de imigrantes que foi organizado pelo CLAI.

Isso tudo depende do caso eu acho que não há, não reparei entre grande diferença no modo como tratam os portugueses e os imigrantes por agora nesta altura algumas coisas são complicadas para portugueses e ucranianos por exemplo agora a medicina era bom que melhorasse um bocadinho mas, em relação aos papéis tem de ser respeitada a lei é a única coisa de resto acho que não há mais nada.

Já tivemos muitos casos destes em que fomos chamados à polícia para ajudar, também participamos naquele programa da..., não lembro como é que se chamava, que mandaram aqueles ucranianos à custa do estado que não tiveram abrigo nós participávamos sempre e fomos chamados para tratar desses assuntos ou mesmo se nós tivéssemos esses casos nós próprios vamos à polícia e pedimos ajuda para ajudar essa pessoa que está em situação problemática. Mas na altura era melhor agora é mais complicado, mas também já não há muitos casos desses há menos ucranianos e há menos casos também já tivemos casos que uma pessoa parou no hospital e já não se lembrava quem ele era estava com amnésia e depois nós tentamos comunicar com ele saber quem é ele e nós conseguimos encontrar a mulher dele e depois foi assim que juntamos aquela pessoa ele andou desaparecido. Há outros casos se há necessidade de ir á procura a embaixada tem a nossa direcção e sempre que é necessário eles comunicam-nos.

Na comunidade portuguesa poderia dizer a irmã Maria Isilda Soares com quem comunicamos muito e também participou como a irmã Maria Isilda o Sr. Augusto Martins que ele ajudou-nos muito na organização do espaço e dos papéis porque ele tem conhecimento. Este senhor tem muita prática e conhecimento da burocracia e ajudou-nos muito para organizar os papéis da associação. Também podia dizer que comuniquei muito com o Presidente da Câmara engenheiro Macário Correia e estamos muito gratos

a ele que ajudou-nos muito e apoiou-nos muito mesmo cedendo aquele espaço. Não era a primeira tentativa de conseguirmos um espaço para fazer a sede. A sede é uma coisa essencial para a associação porque se não tivermos espaço não conseguimos reunir-nos as pessoas não conseguem encontrar uns aos outros e quando precisam de ajuda a única coisa que têm é o número de telemóvel mais nada e nós sempre percebemos que sem o espaço isso não pode durar muito e que a associação não vai sobreviver e sempre que tentávamos falar com os presidentes das câmaras era um e depois o outro mas a resposta era negativa sempre e sempre nos foi dito que há muitas instituições e associações mesmo de doentes que necessitam do espaço e há uma fila enorme à nossa frente de cinquenta ou mais associações. Depois com a chegada deste presidente da câmara isto foi resolvido e não só para a associação de ucrânianos mas para outras associações e outras organizações e na altura surgiram muitos espaços e bastante escolha para criar espaço próprio.

Sim e podemos ver neste caso que depende muito das pessoas que estão a dirigir a política da região sim. E por isso neste projecto e noutros projectos sempre nos apoiou e é uma pessoa muito aberta nunca conheci uma pessoa deste nível que ... como hei-de dizer um funcionário público não é de um nível qualquer é de um bocadinho elevado e ser tão aberto para as pessoas para comunicar falar e resolver as coisas é difícil encontrar. Eu sei que há muitas pessoas que não gostam, outros que gostam, é sempre assim mas como disse tivemos vários encontros com vários presidentes mas nunca tivemos uma ajuda tão grande e tão eficaz.

Nós tentamos também espaço através da igreja mas também não tivemos resposta positiva não havia espaço mas agora mudou e espero mesmo conseguirmos construir um espaço.

Para mim nós temos comunicação com embaixada nós temos comunicações com instituições portuguesas temos comunicações com associações de outros países também porque costumamos participar no dia dos imigrantes em Estoi e o que é que para mim era importante na associação o que é que consegui aprender se calhar a coisa mais importante foi aprender a comunicar com as pessoas e aprender a resolver situações às vezes bastante complicadas dirigir a associação e juntar pessoas mesmo diferentes numa organização é bastante complicado parece de longe que não é nada extraordinário mas é bastante complicado.

É muito complicado porque as pessoas são muito muito diferentes, por exemplo numa instituição ou numa firma as pessoas têm alguma coisa em comum o trabalho ou as funções aqui é diferente juntam-se pessoas diferentes com costumes diferente como até tradições diferentes porque a Ucrânia é bastante grande e cada região tem uma coisa diferente e com opiniões diferentes e isso é bastante complicado.

O que é que mudou? bem sim há uma mudança tenho muito menos tempo disponível (risos) para a família mas se calhar havia uma altura quando era mais fácil a vida e as pessoas eram mais activas e também para mim era diferente porque eu acho que, cheguei a essa conclusão, que as pessoas quando tiveram a vida mais segura sentiram mais necessidade de comunicar com outras pessoas, procuraram ocupação para o tempo livre, agora com tantos problemas pessoais tantos problemas financeiros já não há tanta vontade. Antes sentiram necessidade de comunicar mais com as pessoas da mesma nacionalidade da mesma língua e dos mesmos costumes tiveram mais vida social, não havia tantos problemas tantas preocupações e na altura também sentia falta tinha bastante energia a mais e precisava de fazer alguma coisa e isso é que eu encontrei na associação agora com estes tempos mais difíceis é muito mais complicado e resta-nos menos energia porque temos muito mais preocupações mesmo quando não tínhamos trabalho parecia que tínhamos vontade trabalhar tínhamos tempo e tudo mas não é assim que funciona quando se tem problemas com a família e problemas financeiros não tens vontade de gastar energia para os outros quando a tua família está em perigo e isso é o que agora acontece mesmo com o ucranianos menos activos do que era no ano 2000 a 2004 quando nós criamos a associação se fosse agora não tínhamos associação também não faríamos agora não é altura agora muito boa para começar as pessoas já conseguiram mais integrar-se na sociedade portuguesa não necessitam tanto dos ucranianos um ao outro muitos já têm amigos portugueses e por outro lado muitos foram para o estrangeiro deixaram até família cá vão e voltam isto não ajuda muito a actividade da associação.

Sim como agora já mudou um bocadinho a lei sobre ensino sobre reconhecimento dos nossos diplomas e agora é possível fazer como uma equivalência e é possível fazer só reconhecimento que é muito mais simples e muito mais barato porque por exemplo equivalência com as traduções todas e todo o trabalho pode custar alguns milhares de

euros reconhecimento só é capaz de custar entre 50 e trezentos euros. A Equivalência ainda continua bastante complicada tem de se fazer tradução dos trabalhos todos que foram feitos em cada curso e só a tradução custa bastante depois tem de ser tratado por uma das universidades que se tem que pagar fazer um exame lá e isso tudo é bastante caro o reconhecimento é só o reconhecimento do nível não é um diploma mas já é reconhecido que tem um diploma igual ao diploma daquele nível é uma pena que não seja reconhecido directamente o diploma da Ucrânia porque o ensino lá é bastante bom mas é assim.

Penso também criar uma coisa própria e espero vou conseguir um negócio próprio até já estou a trabalhar neste sentido até porque agora como estou no fundo de desemprego agora há um programa do fundo de desemprego de criação do próprio emprego e já estou a trabalhar neste projecto e espero que vou conseguir fazer este projecto e chegar a criar a minha empresa.

Nunca penso tão longe e sempre digo que ninguém sabe o que vai acontecer no futuro não posso dizer que não mas também não posso dizer que sim. Eu quero aproveitar o tempo melhor possível more cá ou vou morar lá e se um dia tiver que voltar para a Ucrânia vou voltar se não fico aqui e acho que a pessoa vale alguma coisa se consegue fazer e como hei-de dizer conseguir chegar aquilo que quer em qualquer lado e vamos ver o que conseguimos deste lado e para mim é bastante complicado é mais fácil para pessoas que não têm família cá que pelo menos não têm filhos cá em Portugal ou em qualquer outro país porque agora fazer mudança para a Ucrânia é quase igual como quando viemos para Portugal porque para eles para mim não é o mais simples mas também o estilo de vida é um bocadinho diferente e nós já nos habituamos a este estilo de vida e já nos esquecemos daquele e para eles agora quando já estudaram a vida toda em Portugal mudar agora e estudar novamente aquilo tudo é muito complicado depois começa a pensar então para que é ir tão longe e depois deixá-los sofrer novamente a mudança, é complicado por isso espero que não vou ser obrigado nos próximos tempos mudar de país novamente é bastante complicado e não tenho muita vontade.

Nós quando saímos do país perdemos o lugar assim pode-se dizer à vontade quando voltamos para o país temos que lutar novamente pelo próprio lugar no próprio país e é quase igual como estar num país qualquer mesmo a língua não ajuda muito porque até às vezes piora a situação porque as pessoas que moram na Ucrânia confrontam-te como

um estrangeiro que vinha de fora com os bolsos cheios de dinheiro e quer roubar aquilo que eles têm, para um estrangeiro até um português recebem-no melhor que um ucraniano que vem de fora e isso nem sempre ajuda um emigrante a voltar novamente para casa, é tudo relativo e depende da situação se a situação na Ucrânia fosse melhor e houvesse abundância de emprego de trabalho de tudo era muito mais fácil mudar para lá porque se as pessoas não fossem tão infelizes e tão desconfiadas em relação aos outros não teriam tanto tempo nem tantas preocupações com aquilo que chegou mais um que quer ficar com o meu trabalho. E é assim a vida é bastante complicada e cada ano que passa no mundo inteiro é mais complicado.

Como sempre contou meu avô sobre a vida antigamente que foi tão calma e trabalharam na terra e viveram na aldeia era tudo simples, quem não tinha medo de trabalhar tinha vontade e saúde sobrevivia simplesmente. Imagina que qualquer um que queria trabalhar podia construir a casa à vontade com a ajuda dos vizinhos com a ajuda da família e construía sem problemas agora construir uma casa é quase impossível, sim claro a casa era diferente mas hoje a cada ano que passa os ricos afastam-se mais dos médios e dos pobres ainda mais e nós, é a minha versão que nós tentamos aproximarmo-nos do nível médio pelo menos e não conseguimos e sempre lutamos e sempre corremos corremos e cada dia é mais complicado estar mais ou menos à superfície e o tempo de vida acelera acelera e a diferença entre os que ganham muito a cada ano sempre crescem a classe rica enriquece ainda mais com a crise e a classe média quase desaparece tornam-se mais pobres e não é só aqui é em todo o mundo.

Muito obrigado pela sua disponibilidade e desejo-lhe as maiores felicidades.